



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

JOÃO FLÁVIO MARCELINO PRESTES

**CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE RODAS:
A PRÁTICA DO *STREET SKATE* NO ESPAÇO URBANO RECIFENSE**

RECIFE

2013

JOÃO FLÁVIO MARCELINO PRESTES

**CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE RODAS: A PRÁTICA DO *STREET SKATE*
NO ESPAÇO URBANO RECIFENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof^o Dr. Bartolomeu Figueiroa de Medeiros.

RECIFE

2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária: Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

P936c Prestes, João Flávio Marcelino.
Construção de sentidos sobre rodas : a prática do *street skate* no espaço urbano recifense / João Flávio Marcelino Prestes. – 2013.
94 f. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Bartolomeu Figueirôa de Medeiros.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2013.
Inclui Referências e anexos.

1. Antropologia. 2. Skate (Esporte). 3. Política pública. 4. Espaços públicos. 5. Espaços urbanos. I. Medeiros, Bartolomeu Figueirôa de (Orientador). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-182)

JOÃO FLÁVIO MARCELINO PRESTES

**CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE RODAS: A PRÁTICA DO *STREET SKATE*
NO ESPAÇO URBANO RECIFENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 29 / 08 / 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr^o. Bartolomeu Figueiroa de Medeiros (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Prof^o. Dr^o. Antonio Motta (Examinador Interno)
Programa de Pós-Graduação em Antropologia – UFPE

Prof^a. Dr^a. Eliane Maria Monteiro da Fonte (Examinadora Externa)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPE

AGRADECIMENTOS

Sou grato ao meu irmão, Danilo, pelo companheirismo e incentivo. E aos meus queridos pais, Janete e João Baptista, pelo carinho desde sempre. Esta conquista é nossa.

Aos amigos e às amigas que estiveram presentes ao longo do ciclo do mestrado e, principalmente, em diversos outros momentos para além da vida acadêmica: André (e Eliana), Antônio, Daniel, Diogo (e Júlia), Ivan, Karla, Laura, Lis, Maira, Marcela, Marília, Mirtiline, Joanis e Vinícius. Galera, muito obrigado!

Às pessoas que tive contato no universo do *street skate* recifense, entre eles: Anderson “Trow”, Augusto “Cego”, Davi “Sham”, Denis Silva, Emmanuel “Surfista”, Felipe Pasini, Fernando Vieira, Gustavo “Guga”, Halisson “Bigo”, Henrique César “HC”, João Bosco, Juliano “Salsicha”, Júlio “Detefon”, Júlio “Gordo”, Kléber “Negão”, Leo “Goiaba”, Lucas “ZeroTRANS”, Luis “Carlinhos”, Luis “Pardal”, Michael “Rato”, Og de Souza, Oyama Barreto, Rafael “Paulista”, Renato “Maluquinho”, Ricardo “Riscadinho”, Robson Bento, Rodrigo “Bob”, Rodrigo Rocha, Saulo Travassos, Sérgio “Tarobinha”, S.O.F.S, Tallys “Bicudo”, Thiago “Kabecinha”, Túlio Brandant, Vandir Gonçalves, Victor “Bob”, Vieira Filho, Walid Fiesal, Wesley “Pipoca”, Wilson “Will” e Willian “Tizil”.

Agradeço a todos os colegas, professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGA/UFPE). Em especial à Prof^a Dr^a. Lady Selma Ferreira Albernaz e à Carla Neres de Souza, pela atenção e pelos esforços para com a efetiva conclusão desta etapa.

Agradeço ao Prof^o Dr. Bartolomeu Figueirôa de Medeiros pela orientação, ao Prof^o Dr. Antonio Motta e à Prof^a Eliane Maria Monteiro da Fonte, por aceitarem participar da banca de defesa desta dissertação.

Por fim, agradeço à CAPES, pela bolsa concedida a partir do terceiro mês do mestrado, cujo financiamento possibilitou dedicação exclusiva à pesquisa.

RESUMO

Através do método etnográfico o presente estudo aborda aspectos cotidianamente vivenciados pelos praticantes do *street skate* no espaço urbano recifense. Para tanto, a pesquisa se aproxima de e dialoga com trabalhos recentes acerca desta temática, enfatizando as implicações oriundas do modo como alguns cidadãos se relacionam, apreendem e utilizam determinados espaços urbanos. Além disso, ao assumir a existência de um *olhar skatista*, este estudo problematiza tanto iniciativas particulares empreendidas por alguns praticantes, quanto ações e programas específicos implementados pelo poder público no âmbito das políticas públicas voltadas para o esporte e o lazer. Em suma, a presente pesquisa buscou apresentar sujeitos, lugares e situações de forma relacional, com o intuito de oferecer uma compreensão dos múltiplos sentidos atribuídos à prática do *street skate* na Região Metropolitana do Recife.

Palavras-chave: Skate. Espaços Urbanos. Práticas Esportivas. Políticas Públicas.

ABSTRACT

Through the ethnographic method the present study boards aspects survived by the apprentices of the street skate in the urbane space from Recife. For so much, the inquiry approaches of and talks to recent works about this theme, emphasizing the way that - as skaters - citizens are connected, they apprehend and use determined urbane spaces. Besides, while assuming the existence of a “skater glance”, this study problematizes particular initiatives undertaken by some apprentices, and actions and specific programs implemented by the public power in the context of the public policies turned to the sport and the leisure. In abridgement, the present inquiry looked to present subjects, places and situations in a relational form, with the intention of offering an understanding of the multiples directions attributed to the practice of the street skate in the Metropolitan Region of the Recife.

Key-words: Skateboarding. Urban Spaces. Sports Practices. Public Policies.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	09
CIDADE, LAZER E PRÁTICAS ESPORTIVAS.....	11
INSERÇÃO NO CAMPO.....	17
DISPOSIÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	20
2 - DOS CORREIOS AO MARCO ZERO.....	22
2.1 - A PRÁTICA DO STREET SKATE NO ESPAÇO URBANO RECIFENSE..	22
2.2 - “ROLÊ” EM JOÃO PESSOA-PB.....	34
2.3 - MONTANDO O SKATE DE VERDADE.....	42
3 - POLÍTICAS PÚBLICAS E O OLHAR SKATISTA.....	49
3.1 – DIÁLOGOS ENTRE A PREFEITURA DO RECIFE E OS SKATISTAS....	52
3.2 - EQUIPAMENTOS PÚBLICOS <i>SKATÁVEIS</i>	57
3.2.1 – <i>Aurora</i>	59
3.2.2 – <i>Geraldão</i>	63
4 – “A FESTA DO SKATE PERNAMBUCANO”.....	67
4.1 - PRAÇA DUQUE DE CAXIAS, OU: <i>OYAMA SKATEPARK</i>	68
4.2 - CIRCUITO RECIFENSE <i>OVERALL</i>	71
4.2.1 – <i>Paratibe</i>	72
4.2.2 - <i>Ibura Power</i>	74
4.2.3 - <i>Lagoa Do Araçá</i>	76

4.3 - GO SKATEBOARDING DAY.....	77
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
E O MARCO ZERO.....	80
REFERÊNCIAS.....	85
GLOSSÁRIO.....	89
APÊNDICE A - CADERNO DE IMAGENS.....	91
ANEXO A - DECRETO Nº 22.155.....	94

1 - Introdução

A prática do *skate* se iniciou em meados da década de 1950 nos Estados Unidos da América, mas foi somente a partir de 1960, na Califórnia, que o *skateboarding* começou a delinear-se como uma prática esportiva propriamente dita, adquirindo novos significados a partir das apropriações feitas por alguns surfistas norte-americanos. Impedidos de surfar por conta da falta de ondas em praias californianas passaram a juntar tábuas de tábuas de madeira com rodinhas de patins afim de simular movimentos realizados na prática do surf. É possível dizer, então, que o skate surge do mar para as ruas e, “embora tenha passado por momentos de maior ou menor visibilidade [...] teve seu universo construído com códigos, símbolos e experiências próprias” (MACHADO, 2011:15).

No Brasil este processo não foi diferente e, considerando as especificidades encontradas em solo nacional¹¹, o crescimento e a popularização da prática esportiva acompanhou de maneira contundente a tendência mundial. No âmbito das produções audiovisuais diversos documentários traçaram o caminho percorrido pelo skate no Brasil até o início dos anos 2000, com destaque para *Vida sobre rodas* (2010); *Dirty Money* (2010).

Vivencia-se um período de grande efervescência no esporte e a prova disso é a sua crescente espetacularização, estimulada por um constante incremento da oferta e da demanda por produtos ligados ao skate.

Como aponta Machado (2012),

“A mídia contribuiu e continua contribuindo para popularizar e dar visibilidade a essa prática a partir da divulgação e da promoção de vários eventos, em especial, campeonatos. Dentre muitos exemplos, é válido destacar os X Games, tradicional competição promovida pelo canal ESPN, desde 1995, com foco nos esportes classificados como “radicais”, e também o Maloof Money Cup, competição que distribuiu, em 2011, a quantia de US\$2 milhões aos melhores skatistas colocados” (MACHADO,2012: 2).

No ano de 2013, o *X Games* teve uma alteração no formato e passou a incluir etapas em diversas cidades do mundo, no Brasil inclusive, a qual foi realizada entre os dias 18 e 21 de abril, na cidade de Foz do Iguaçu, contando com o apoio do Ministério do Esporte.

1 Para maiores esclarecimentos sobre os primórdios do *skate* no Brasil. Ver BRANDÃO (2011); BRANDÃO&HONORATO (2012).

2 Segundo o *Portal da Transparência*, do Governo Federal, o Ministério do Esporte liberou 100% do valor conveniado para a realização do evento, ou seja, R\$ 5.834.838,92.

Para além do considerável volume de capital movimentado neste e outros eventos, os quais envolvem atletas profissionais e diversas empresas patrocinadoras, a prática do skate pode ser melhor assimilada a partir do cotidiano dos praticantes em cada cidade.

Em pesquisa encomendada pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK), junto ao Instituto de Pesquisas DATAFOLHA (2010), constatou-se que o número de adeptos cresceu consideravelmente na primeira década dos anos 2000. Os resultados de tal levantamento estatístico³ traz a evolução dos números: cerca de 2.800.000 skatistas no ano de 2002, passando para 3.200.000 em 2006 e chegando a 3.860.000 (três milhões e oitocentos e sessenta mil) em 2010, num incremento da ordem de 20% desde a última pesquisa, representando 150.000 novos skatistas por ano.

Esse crescimento vertiginoso do número de skatistas e adeptos fomenta o mercado nacional do skate, composto por inúmeras marcas especializadas na fabricação de peças, confecções, calçados, entre outros acessórios; tal demanda faz com que o mercado especializado brasileiro seja considerado o segundo mais rentável do mundo, somente atrás do norte-americano (MACHADO,2011:18).

Outro dado contido na pesquisa é a média de idade do skatista brasileiro, a qual corresponde a 16 anos: sendo 25% de 3 a 10 anos, 30% de 11 a 15 anos, 31% de 16 a 20 anos, 7% de 21 a 25 anos, e também 7% com mais de 26 anos. Estes números mostram que apesar de ser representada majoritariamente por jovens, a prática é comum nas diversas faixas etárias. Além disso, dos quase quatro milhões de adeptos, 10% (380.000) são do sexo feminino, algo que - apesar da constituição predominantemente masculina - mostra algum nível de abertura.

Outro aspecto constatado foi a presença de 52% dos skatistas nas capitais e regiões metropolitanas, contra 48% nas cidades do interior; assim, os números do levantamento parecem evidenciar um caráter homogeneizante à constituição desta prática esportiva no Brasil. Todavia, tais fatores devem ser reconsiderados se levarmos em conta outro dado fornecido pela pesquisa: a disparidade geográfica de seus praticantes. Ratificada através de uma grande maioria que se encontra na região Sudeste (48%), seguida pela região sul (21%), logo depois o Nordeste (18%) e por fim, as regiões Norte e Centroeste (13%) do país.

As estatísticas corroboram, ainda, com ideia de que o skate vem se difundindo por todas as classes sociais, haja vista que “o crescimento acentuado na classe C (19%) e a manutenção

3 Revista Cemporcento Skate, Edição 146 de Maio 2010. Disponível em www.skatecuriosidades.com.br. Acesso em novembro de 2010.

do número entre as classes A e B (42% somadas) é prova flagrante da aproximação do universo do skate com as características socioeconômicas encontradas na sociedade brasileira”⁴.

O skate é comumente apresentado como estando imerso em uma cultura costurada com valores consolidados e símbolos compartilhados global e localmente, mas é importante destacar que há formas desiguais e características distintas no que tange aos processos constituintes e constitutivos que envolvem esta prática esportiva. A maneira como a prática do skate é conduzida, (re)conhecida e (re)produzida nas diversas cidades brasileiras refletem, antes de tudo, realidades e condições bastante assimétricas quando se trata de apreender este amplo universo.

Dito isso, se partirmos das últimas estatísticas que buscaram traçar o perfil do skatista brasileiro, fica clara a necessidade de se apreender os processos e especificidades que envolvem o esporte em nível local. O presente texto apresenta-se, então, como um estudo etnográfico pautado em questionamentos, reflexões, observações e diálogos que são pertinentes à compreensão da complexidade inerente à prática do skate, como as experienciadas por determinados cidadãos no espaço urbano recifense.

CIDADE, LAZER E PRÁTICAS ESPORTIVAS

Como aponta Ulf Hannerz (1980) no capítulo intitulado “*The Education of an urban anthropologist*”, inicialmente

“... a entrada dos antropólogos na cidade se deu menos pelas reflexões acerca da natureza da disciplina e mais, a partir de eventos externos que demandaram atenção; e, com isso, se dedicaram menos à ponderação do que consiste a antropologia urbana e sobre o aspecto antropológico próprio dessa” (HANNERZ:1980, 2/3. Trad. Livre).

É necessário empreender, portanto, uma visão mais crítica da teoria e conceituar os pontos de convergência entre a antropologia e o urbanismo - revelando não somente embates político-administrativos, mas também práticas cotidianas conduzidas pelos cidadãos - de modo a embasar uma aplicação prática mais contundente e equilibrada da antropologia no que concerne aos assuntos urbanos.

4 Revista Cemporceto Skate, Edição 146 de Maio 2010. Disponível em www.skatecuriosidades.com.br. Acessado em novembro de 2010.

Desvincula-se, então, a produção acadêmica da relevância almejada pela antropologia, a qual consiste, em grande parte, na tentativa de fazer as pessoas refletirem sobre a variedade da condição humana e de suas situações particulares de vida (HANNERZ:1980,7. Trad.Livre). Assim, ênfase recai em uma perspectiva relacional nas quais situações sociais são compartilhadas por determinados cidadãos podendo estas revelar a complexidade da vida social assimilada e experienciada por estes sujeitos.

Por conseguinte, as reflexões daqueles pensadores que detiveram seus olhares na emergência das cidades industriais introduziram preocupações acerca da constituição do espaço e de sua representação social que serviram de parâmetro para as análises urbanísticas que viriam posteriormente.

Destarte, no que concerne às ciências sociais, as primeiras reflexões sobre o espaço foram propostas pela denominada “escola francesa”, cujo precursor foi Émile Durkheim (1996). Segundo ele, as observações acerca do espaço deveriam ser compostas a partir da diferenciação entre espaço como representação, por um lado, e, espaço como realidade material, por outro. Quanto ao espaço como representação da coletividade, o autor atentou para o fato de que as partes do espaço não seriam qualitativamente simétricas e que as divisões que ocorrem seriam, então, produto de atribuição de valores afetivos relativos às regiões. E como todos os homens de uma mesma civilização representam o espaço de maneira igual, é preciso que esses valores afetivos e as distinções que deles dependem lhes sejam igualmente comuns; o que implica quase necessariamente que tais valores e distinções sejam de origem social (DURKHEIM, [1912] 1996, p. 18).

Tal definição trouxe consigo a necessidade de contemplar o estudo do espaço como algo mais complexo, a partir de vários níveis de análise; a materialidade, assim como as práticas e representações, passaram a ser vistas como mediadas pelo espaço, porém, independentes entre si.

O espaço visto como realidade dinâmica apresentou-se como indissociável da sociedade e, desse modo, o espaço social consistiria numa interface entre causalidades materiais e relações funcionais. Ou seja, quando um determinado espaço físico se modifica repercute pouco a pouco nas representações coletivas; reproduzindo, a partir de outro equilíbrio, um novo espaço social (REMY apud SILVANO, 2001:13).

Por outro lado, na emergência de um mundo cujas modificações se mostravam mais claramente a partir das observações da cidade, Georg Simmel foi um dos primeiros intelectuais

que se debruçaram sobre os efeitos sociopsicológicos dos indivíduos imersos na realidade das cidades industriais.

Em um de seus escritos, intitulado “A Metrópole e a Vida Mental” (1967 [1902]), atestou que a busca pela preservação da autonomia e da individualidade apresentou-se como aspecto primordial no entendimento da vida urbana. O entendimento de tais disposições, correlacionadas ao advento da especialização do homem e de seu trabalho, deveriam consistir em ponto de partida para uma

“... investigação que penetre no significado íntimo da vida especificamente moderna e seus produtos (...) [e] deve buscar resolver a equação que estruturas como a metrópole dispõem entre os conteúdos individual e superindividual da vida” (SIMMEL, 1967:14).

Com o intuito de compreender como a personalidade individual se comporta a partir dos ajustamentos às forças externas, Georg Simmel baseou sua análise em aspectos psicológicos que considerava próprios aos indivíduos inseridos no contexto da metrópole. Ao considerar as condições psíquicas do indivíduo metropolitano, o pensador alemão procurou compreender como estas evidenciam as decisões últimas concernentes ao significado e aos modos de vida encontrados nas grandes cidades.

Outro sentido também relacionado aos aspectos metropolitanos da vida pode ser apreciado a partir da noção de *mobilidade*, que visava compreender a organização da cultura e do espaço da cidade associando-a à figura do estrangeiro. Este, articulado espacial e culturalmente, às noções de *proximidade* e *distância*...

“... está ligado a um grupo espacialmente determinado ou a um grupo cujos limites evocam limites espaciais, mas a sua posição no grupo é essencialmente determinada pelo facto de ele não fazer parte desse grupo desde o início, de ele lhe ter introduzido características que não lhe são próprias e que não podem sê-lo (...) a distância no interior da relação significa que o próximo é longínquo, mas o próprio fato da alteridade significa que o longínquo está próximo. [...] Se a mobilidade se introduz num grupo fechado, ela arrasta com ela essa síntese de proximidade e distância que constitui a posição formal do estrangeiro” (SIMMEL apud SILVANO, 2001:22/3).

Segundo o autor, tais fatores decorrentes da exatidão e precisão minuciosa que a forma de vida metropolitana impunha a seus habitantes resultaram em uma estrutura carregada de uma subjetividade altamente pessoal. Com isso, mesmo aquele indivíduo que não é de fato estrangeiro traz algumas características deste quando se encontra envolto na multidão da grande metrópole.

Reforça-se, pois, a opinião de Scocuglia (2011), quando diz que “Simmel deu uma contribuição inédita ao sentido da modernidade e à compreensão da cidade de um ponto de vista especial, que pode ser qualificado de *sensível*” (SCOCUGLIA,2011:396).

Questões relacionadas às problemáticas suscitadas a partir do espaço urbano e de *culturas* própria a este, também foram conduzidas no âmbito da antropologia nacional. Neste sentido, as pesquisas de Velho (1967;1987;1999) podem ser consideradas como precursoras de uma vertente intelectual que buscou compreender o trabalho do antropólogo quando inserido na sua própria realidade social e espacial. Este, ao se dedicar ao entendimento da constituição dos gostos, hábitos e formas de lazer das camadas médias urbanas cariocas da década de 1970, evidenciou a necessidade de observar o ‘familiar’ de modo a estranhá-lo, a fim de apreender como tais aspectos caracterizavam uma cultura própria.

Utilizando um arcabouço teórico bastante abrangente, um dos méritos reconhecidos de seu trabalho foi ter aberto caminho para abordagens que visam uma investigação das sociedades contemporâneas a partir das mudanças sociais não apenas no nível macro das grandes transformações históricas, mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas (VELHO,1999:132).

Em estudos mais recentes, realizados pelo núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP) foram utilizadas algumas categorias de análise, para tratar das discontinuidades produzidas por diferentes formas de uso e apropriação do espaço na cidade de São Paulo (MAGNANI,2000).

No que concerne aos aspectos teóricos e metodológicos abordados nesta dissertação, adianto que muitas das escolhas foram influenciadas pelos trabalhos antropológicos mais recentes acerca desta temática do skate, em especial Machado (2011) – cujo estudo discorre sobre a prática do *street skate* na cidade de São Paulo.

Dessa forma, através do método etnográfico este estudo procurou

“... focalizar fatos muitas vezes 'familiares', mas levando em conta uma postura *de perto e de dentro*, apreendendo os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas de múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cujas vidas cotidianas transcorrem na paisagem da cidade e dependem de seus equipamentos” (MAGNANI,2002:17 *apud* MACHADO,2011:35).

Além disso, em se tratando do universo do *street skate*, concordo com Machado (2011,25) quando este, “ao descrever a mobilidade dos skatistas pelas cidades, evidencia esse

caráter de *proximidade* e *distância* que emerge em meio a uma dinâmica relacional construída a partir do exercício de uma prática esportiva”.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa denota que determinados usos e percepções atribuídos à determinados aparatos urbanos e equipamentos públicos voltados ao esporte e ao lazer constituem-se a partir de *leituras* e experiências particulares da cidade. Assim, amparado no trabalho de Machado (2011) sobre o *street skate* paulistano, “os espaços públicos – locais onde muitas vezes os skatistas se encontram – podem ser entendidos como unidade desconcertante de um espaço físico de locomoção e de um abstrato de comunicação” (JOSEPH, 2005:119 *apud* MACHADO, 2011:25). E, desta forma a figura do *citadino*, apresenta-se como “um sujeito de mobilidade que faz do espaço público uma espécie de “jornal”, por onde circula, observa e, conseqüentemente, faz a sua leitura” (MACHADO, 2011: 25).

No entanto, como evidenciado pelo autor, tais leituras influenciam os usos e apreensões da cidade “por meio daquilo que muitos chamam de *olhar skatista*”, o qual norteia as práticas desses cidadãos no contexto abrangente da cidade. Contudo, como veremos no decorrer dos capítulos, a procura por certos espaços destinados (ou não) à prática do skate muitas vezes se dá de maneira conflituosa, haja vista que

“o espaço público não é um espaço de produção de universais, mas ao contrário, 'um espaço de hibridação e de excentramento do qual desconfiamos naturalmente'. E por ser menos um espaço consensual, as variadas lógicas atribuídas às apropriações e aos usos de equipamentos urbanos que a princípio, não foram planejados visando à prática do skate, em muitos momentos pode resultar em conflitos entre skatistas e outros cidadãos.” (JOSEPH,2005:119 *apud* MACHADO, 2011:26).

No estudo de Machado (2011) fica claro a tendência do poder público paulistano em tentar de delimitar a prática do skate em locais “próprios” e, para tanto, o autor demonstra que a prefeitura construiu inúmeras pistas em várias regiões da cidade. Nesse sentido, aponta o autor, houve a criação do *Circuito Sampa Skate* “que constituiria, pois, uma espécie de resposta do campo das políticas públicas à intensa propagação do *street skate* na cidade de São Paulo” (MACHADO,2011:27).

Apesar de ser possível uma série de associações em torno da prática esportiva em questão, é importante salientar que o presente estudo não almeja fazer uma análise comparativa com o estudo de Machado (2011), mas, sim, construir um diálogo que permita também uma compreensão das ações empreendidas pelo poder público no que diz respeito à prática do *street skate* na Região Metropolitana do Recife.

Faz-se necessário, pois, compreender sobre quais bases se sustentam as ações implementadas pelo poder público no que concerne às políticas públicas de esporte e lazer voltadas aos praticantes do skate no contexto abordado.

A problemática que envolve as políticas públicas tem recebido contínua atenção das Ciências Sociais e outras áreas das ciências humanas, contudo, pode-se dizer que existe uma lacuna relacionada aos estudos de políticas públicas para o esporte e lazer. Tal “carência”, aponta Suassuna&Azevedo (2007), “refere-se ao grau de importância que as temáticas têm em relação à definição de políticas públicas na esfera federal” (2007:14), cuja urgência estaria situada abaixo de políticas públicas voltadas para a educação ou saúde, por exemplo.

Segundo os autores, apesar de o direito ao lazer estar contemplado como um direito social no Art. 6º da Constituição Federal de 1988, as análises mais frequentes do esporte e lazer o consideram como direito de segunda categoria.

“Numa escala de prioridades em uma sociedade que se pauta no modelo capitalista e neoliberal, o direito, tanto da classe trabalhadora, como de crianças e adolescentes, ao esporte e ao lazer, é tido como menos importante, considerando o mapa da desigualdade social do Brasil, por meio de índices como os de exclusão social, escolaridade, alfabetização, pobreza, violência, entre outros (POCHMANN e AMORIM, 2003 *apud* SUASSUNA *et al*,2007:25).”

Mas a quem pertenceria o protagonismo do esporte e do lazer? Com o objetivo de “formular e implementar políticas inclusivas e de afirmação do esporte e do lazer como direitos sociais dos cidadãos, colaborando para o desenvolvimento nacional e humano” (MEDIDA PROVISÓRIA 103/2003), foi criado o Ministério do Esporte. Além disso, nos limites deste Ministério, ressalta-se a existência da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, cuja perspectiva intersetorial apresenta-se de grande valor simbólico no que diz respeito às políticas públicas que consideram o lazer a partir de uma “perspectiva de emancipação humana, buscando-se a retirada de sua carga funcional” (SUASSUNA *et al*, 2007:35)⁵.

No âmbito desta secretaria há dois programas que consideram o esporte em sua dimensão lúdica, realizados a partir de um conjunto de ações que se voltam para a intervenção social, quais sejam: o Programa Segundo Tempo; e o Programa Esporte e Lazer na Cidade. Há também ações que se direcionam para o desenvolvimento científico e tecnológico do esporte e do lazer, assegurando a dimensão diferenciada do *alto rendimento* e do *educacional*. Portanto,

5 Segundo os autores, ao analisar a trajetória dos estudos sobre o esporte e o lazer no Brasil é possível observar uma valorização da dicotomia trabalho x tempo livre, o que ratifica uma concepção funcionalista da temática.

“... reconhece-se a existência de uma relação de interdependência entre diferentes setores,[...] neste sentido, deve-se atribuir grande relevância à relação estabelecida entre as políticas (programas e ações) e a intervenção realizada pelos órgãos do governo. Destaca-se não o conteúdo da política, em que se faz presente o mérito, mas também a forma, ou seja, como a política (programas e ações) é realizada. O respaldo à forma se dá principalmente em relação à participação coletiva, à constituição do debate e ao envolvimento da população” (SUASSUNA *et al*, 2007:37).

E ainda, pode-se perceber

“... a importância do respeito do ponto de vista do outro - para quem a intervenção está dirigida. E, mais do que isso, deve-se buscar estabelecer mecanismos de negociação, e também contar com a participação coletiva, ao contrário de impor modelos previamente estabelecidos” (SUASSUNA *et al*, 2007:38).

Entretanto, ratificam os autores, ocorre que o Brasil tem especificidades regionais e culturais acentuadas e, deste modo, na elaboração de políticas, muitas vezes essa diversidade é esquecida. Tais pressupostos não devem existir apenas como um dos aspectos que podem possibilitar que o programa ou a ação sejam executados junto à comunidade, mas devem ser tomados como preceitos para a política traçada, por se ter como tipo ideal de gestão a participação. Além disso, os indivíduos que são alvo da política pública são sujeitos de direito e, portanto, têm a faculdade de aceitar ou não o que os programas e ações pretendem estabelecer (SUASSUNA *et al*, 2007:39).

Dito isso, outra preocupação central desta pesquisa foi apresentar algumas situações de campo onde as ações e os programas implementados pelo poder público denotam possibilidades de diálogo e de participação dos próprios skatistas perante as decisões que dizem respeito à prática esportiva no espaço urbano recifense.

INSERÇÃO NO CAMPO

Desde o início da graduação, os estudantes das ciências sociais são ensinados a observar a *realidade social* através de um olhar não etnocêntrico, que demande certo relativismo na compreensão tanto dos fenômenos culturais presentes em outras sociedades, quanto daqueles que são produtos da heterogeneidade fundada em sua própria sociedade.

Usualmente, enfatiza-se com bastante vigor o fato de o próprio cientista social estar impregnado de valores e (pre)conceitos que, como em qualquer ser humano, conduzem à

percepções próprias, influenciando na construção de um conhecimento particular sobre as práticas cultivadas em âmbito macro ou nas relações face a face do cotidiano.

Refletir acerca de determinados fenômenos e situações apresenta-se como exercício crucial de autoconhecimento crítico, podendo revelar como valores e sentimentos incorporados a partir de interações sociais distintas traduzem escolhas dentro e fora do universo da academia.

No que diz respeito às preferências e escolhas do objeto de estudo de um pesquisador, Max Weber (2000), ao se deter sobre a possibilidade de *objetividade* nas ciências sociais, já justificara que o interesse por determinadas temáticas em detrimento de outras se ampara na constatação de que o cientista também é um ser social; possuidor de valores próprios. Portanto, no primeiro momento da pesquisa, vai adotá-los para selecionar os “objetos” de seu interesse, de acordo com sua subjetividade.

Com efeito, para Weber (2000) o fazer científico pauta-se na garantia da maior objetividade possível, porém, o autor tem consciência de que os valores não só interferem, mas são essenciais na escolha do “objeto” a ser estudado.

Neste sentido, o presente estudo se deu de forma a coadunar interesses de ordem pessoal – desejos, angústias e percepções - que começaram a se estabelecer muito antes de conhecer a região Nordeste do Brasil, estudar em uma universidade federal ou enveredar pelos caminhos das ciências sociais; com interesses acadêmicos posteriormente suscitados, a partir do envolvimento com a sala de aula, colegas, professores e a vasta literatura utilizada para “abrir a mente” do estudante e orientá-lo nas diversas possibilidades de compreensão do mundo.

Assim, levando em consideração que o campo a ser pesquisado aparece como todo um arcabouço de informações obtidas antes e depois do antropólogo de fato estar presente em campo (SILVA, 2000), meu envolvimento pessoal com o skate apresentou-se como fundamental para o surgimento desse estudo.

Morar, durante a adolescência, próximo à região central da cidade de São Paulo representou a possibilidade de conhecer e se relacionar com diversos tipos de indivíduos, situações e lugares. Entretanto, foi somente em 1999 (quando ganhei dos meus pais o dinheiro para montar o primeiro skate) que as vivências relacionadas aos deslocamentos pelas ruas e calçadas paulistanas começaram a delinear uma apreensão particular das relações espaciais e interpessoais constituídas na cidade.

Desde o primeiro contato com o universo do skate, até os dias atuais (contando, infelizmente, alguns períodos de inatividade), minhas percepções acerca do espaço urbano - e

das relações marcadamente desiguais nele contidas - foram se constituindo basicamente a partir do compartilhamento de experiências que de certa forma pareciam propiciar um olhar diferenciado da (e para) cidade.

Assim, a partir de trajetórias trilhadas até certos locais onde uma *outra* sociabilidade se apresentava, *leituras* acerca dos espaços públicos e das sociabilidades nele contidas foram se constituindo a ponto de poder afirmar, hoje, que o skate permeia direta e indiretamente minhas reflexões acerca da cidade.

No ano de 2006, há dois anos residindo na Região Metropolitana do Recife, ingressei no curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco. Foi, então, somente a partir do envolvimento maior com questionamentos ligados às ciências humanas, que despertei para a necessidade de se tentar compreender (para além da minha vivência particular e bastante restrita) como o conhecimento e as dinâmicas oriundas dessa prática esportiva poderiam embasar e provocar, ao mesmo tempo, análises sobre formas de sociabilidades, fluxos de informação e mercadorias; além de oferecer elementos para se apreender práticas espaciais distintas.

O trabalho de conclusão de curso, intitulado *Skate e Cidade: notas sobre espaço urbano e contemporaneidade* (PRESTES,2010) serviu, em certa medida, para introduzir algumas reflexões e possibilidades teóricas compatíveis às análises dessa temática.

Assim, com o intuito de relacionar a prática do *skate* aos fenômenos e características encontradas nas sociedades contemporâneas, esta dissertação buscou evidenciar a necessidade de se (re)conhecer outras experiências de cidade como legítimas, as quais oferecem elementos para se pensar entrelaçamentos entre determinados cidadãos, espaços urbanos e políticas públicas na metrópole recifense.

Por conseguinte, o presente estudo evidencia resultados da pesquisa de mestrado empreendida entre março de 2011 e março de 2013, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA-UFPE). E tem a seguinte pergunta guiando as análises aqui contidas: como os skatistas constroem, simbolicamente, a cidade por meio da prática do skate e de suas experiências como cidadãos?

DISPOSIÇÃO DOS CAPÍTULOS

Por constituir uma temática bastante abrangente, cujas possibilidades de entendimento requerem um amplo leque analítico, a análise voltou-se àquilo que pudesse contemplar às relações constituídas no espaço urbano recifense através da prática do skate, como as conduzidas entre skatistas, poder público e a sociedade em geral.

Na tentativa de desvelar o óbvio, o “não dito”, o texto apresenta uma compreensão das configurações e dos usos atribuídos aos lugares *skatáveis* da Região Metropolitana do Recife, além de oferecer elementos para se pensar as formas de articulação dos skatistas, através de demandas e reivindicações supostamente comuns aos praticantes.

No primeiro capítulo, foram abordados aspectos que visam apresentar a prática do skate na Região Metropolitana do Recife, contemplando um espaço temporal que vai do final dos anos de 1990 até os dias atuais. Neste primeiro momento foram utilizadas tanto fontes documentais provenientes da mídia não especializada, quanto depoimentos de interlocutores envolvidos com as dinâmicas desta modalidade esportiva.

Após contextualizar a prática do *skate* na metrópole recifense, foram problematizados aspectos que visam dar conta do universo do skate, também a partir de sua forma física. Assim, o “carrinho” - e o conjunto de peças que o compõem – é compreendido a partir de uma vida social, apreensível através da observação “das coisas durante os variados percursos e trajetórias que elas fazem e traçam na sociedade por meio das diferentes esferas de circulação nela existentes” (APPADUARAI, 2008:10).

Já no segundo capítulo, a abordagem sobre a prática do skate na metrópole recifense foi conduzida a partir de um viés que privilegiou as relações estabelecidas entre skatistas e poder público. Manteve-se, pois, diálogo com autores que trataram especificamente das políticas de esporte e lazer conduzidas pela gestão municipal do Recife nos últimos anos. Em seguida, contemplou-se aspectos referentes às condições dos equipamentos públicos e aparatos urbanos destinados (ou não) à prática do skate, sob a perspectiva do *olhar skatista*.

O terceiro capítulo foi conduzido a partir da análise de iniciativas que, apesar de inevitavelmente dialogarem com o poder público, aparecem como fruto de articulações específicas e esforços empreendidos por determinados cidadãos. Abordou-se, então, algumas situações de campo vivenciadas durante a pesquisa, sendo estas: (a) um evento organizado para homenagear um skatista da cidade de Olinda; (b) o *Circuito Recifense Overall de Skate 2012*,

competição cujas etapas foram distribuídos em distintos equipamentos públicos da Região Metropolitana do Recife; e por fim, o *Go Skateboarding day*, celebração mundial do skate que ocorreu na cidade do Recife, em junho de 2012.

Por fim, o presente estudo traz um caderno de imagens com fotos tiradas pelo autor, as quais retratam alguns momentos experienciados durante o trabalho de campo. Tais imagens buscam corroborar com as reflexões e com os resultados oriundos do estudo etnográfico aqui apresentado, o qual revela sujeitos, lugares e situações que permeiam o universo do *street skate* no espaço urbano recifense.

2 – DOS CORREIOS AO MARCO ZERO

2.1 – A PRÁTICA DO STREET SKATE NO ESPAÇO URBANO RECIFENSE

O procedimento inicial, adotado para contextualizar a prática do skate no espaço urbano recifense foi, antes, priorizar registros datados a partir da segunda metade da década de 1990. A escolha desse marco temporal se deu pela pouca ou total inexistência de informações anteriores nos meios de comunicação diários; mas, também, pelo fato de fazer parte do tempo vivido e evocado nas falas dos interlocutores diretos e indiretos no cotidiano da pesquisa.

Amparado em Strathern (2011), reconheço que

“... a singularidade da seleção a revela como uma escolha dentre muitas outras. [Assim,] a instância específica aparece como apenas um momento de um universo infinito, e o universo que contém o muito não pode ser reduzido a nenhum destes momentos – é um fenômeno de ordem diferente” (STRATHERN,2011:242).

Dessa forma, os skatistas dos quais obtive depoimentos, compartilhei conversas informais e me juntei nos “rolês” pela cidade são contemporâneos daqueles indivíduos que algumas matérias vinculadas pelas mídias não especializadas buscaram retratar à época. Naquele tempo muitas das características atribuídas aos “esportes radicais”, entre eles o skate, foram apresentadas pelos jornais diários de maneira estereotipada, seja como prática perigosa, necessitada de equipamentos de proteção⁶ e de lugares “apropriados”; ou, então, atribuindo aos skatistas uma “identidade” única, moldada a partir de comportamentos homogêneos e totalizantes.

Metodologicamente, no que diz respeito à busca pela contextualização sociohistórica da prática na metrópole recifense, optei por realizar uma investigação primeiramente a partir da *internet*. Além disso, esta pesquisa procurou considerar o “trabalho de campo de forma *multilocalizada*, de modo a contemplar não somente um único espaço de convivência ou aglutinação de pessoas, mas atores e espaços que se encontram articulados por meio de redes mais amplas” (MACHADO, 2011:34).

Desse modo, embora as incursões à campo não tenham se limitado a um lugar específico, a pesquisa de campo foi realizada em diversas localidades da Região Metropolitana

⁶ *Todo cuidado é pouco quando se está sobre rodas*: “Skate, patins ou bike. Não importa a modalidade. O limite para manobras perigosas é o chão”. Jornal do Commercio, 29 de novembro de 1998. Acesso em 28 de julho de 2012.

do Recife, em especial na pista de skate da Rua da Aurora e do Ginásio Esportivo Geraldo Magalhães - “Geraldão”; além de alguns *picos* em Olinda e Jaboatão dos Guararapes.

Além disso, para além do trabalho de campo empreendido, o presente estudo entende que as fontes encontradas virtualmente têm o intuito não somente de

“... produzir documentos para uso acadêmico e público a respeito de um outro praticamente desconhecido, mas de converter um material familiar a todos num conjunto conhecido de questões antropológicas (sujeitos, relações, concepções, valores, agências, etc.) como já se anunciava no movimento que legitimou o estudo antropológico de sociedades complexas. (LEWGOY:2009,194)”.

Desse modo, algumas publicações compreendidas a partir dos últimos anos da década de 1990 até a primeira metade da década de 2010 foram contempladas. Aliás, é preciso ressaltar que o acesso às diversas fontes documentais só foi possível através de parte do acervo digitalizado e disponibilizado no *blog* dos amigos do *Picos&Pistas*⁷, página que se revelou desde o início deste estudo como importante canal de informação e divulgação do skate pernambucano.

Assim, através de buscas por ano e palavras chaves - *Recife, Skate, skatista(s), Campeonato, Jornal do Commercio, Diário de Pernambuco e Folha de Pernambuco* - foi possível obter uma série de dados, muitos deles divulgados também pelos próprios interlocutores diretos e indiretos da pesquisa.

Atrás de referências que pudessem nortear os caminhos iniciais da pesquisa, em uma das buscas pela *web* me deparei com um arquivo contendo informações sobre alguns “esportes radicais”⁸ praticados em Pernambuco. Apesar de não fornecer detalhes sobre realizadores ou data de produção, o documento em formato de cartilha oferece um panorama histórico no qual indivíduos, lugares e situações são apresentados e evidenciam aspectos concernentes a prática do skate no estado de Pernambuco.

7 Crew, Marca, Galera, Família, tantas são as definições para o Picos e Pistas. Na verdade somos uma turma interessada em divulgar e apoiar o skate, sem preconceitos de modalidade ou localismo. Tínhamos como ideia inicial apresentar os picos e pistas espalhados por nossa região, mas, com o tempo, começamos a realizar eventos de skate junto com muita gente articulada: skatistas que, assim como nós, acreditam que com força de vontade e atitude verdadeira perante o skate, conseguiríamos fazer com que outros skatistas se identificassem e respeitassem o trabalho que fazemos em prol do skate Pernambucano!!! Disponível em www.picosepistas.blogspot.com Acesso em novembro de 2011.

8 Especificamente Surf, *Wind Surf*, Skate, Voo livre e *Kite Surf*²³

No que diz respeito a temática do skate, o texto a seguir reproduz em parte o conteúdo da “cartilha”:

Onde Praticar:

“A modalidade mais praticada hoje em Pernambuco é o *street* ou “de rua”, que consiste em realizar manobras em “obstáculos”, como bancos de praça, corrimãos, escadarias, calçadas e tudo mais que a criatividade e habilidade permitir. Existem inúmeros *points* de *street* no Recife. Os mais conhecidos são o da rua da Aurora, em frente a garagem de remo do Náutico; a “Pracinha”, no Pina, atrás do primeiro jardim de Boa Viagem e os Correios centrais na rua do Sol. [...]Existem algumas pistas públicas na cidade, as *mini-ramps* da Avenida Boa Viagem, localizadas próximas ao primeiro e segundo jardim; a *mini-ramp* da Lagoa do Araçá, na Imbiribeira; a *mini-ramp* de Maranguape Dois e o *half-pipe* do Parque Memorial Arcoverde, no Complexo de Salgadinho. Para a modalidade *down-hill* (velocidade em ladeiras), o pico mais conhecido é o Morro dos Guararapes, em Prazeres.

História

João Neto

“O skate surgiu no final dos anos 60, inventado por surfistas da Califórnia (EUA), que tentavam reproduzir em terra firme as manobras do surfe. Em Pernambuco, a novidade chegou por volta de 1975, quando cerca de 15 jovens praticavam a modalidade no estado, (alguns ainda estão na ativa, como Beto e Wilson). Ainda na década de 70, o esporte passou por uma verdadeira onda de adesões, com centenas de praticantes e diversas competições em Pernambuco. O principal estilo praticado na época era o *freestyle* ou estilo livre, que consistia em executar manobras em terreno horizontal com skates de dimensões bastante diferentes das atuais, com 50 cm de comprimento e 20 de largura. (Muitas das manobras de hoje derivam desta época, principalmente os *flips*, quando o skate realiza giros).

Após o período de “febre”, o skate em Pernambuco passou por uma queda no início anos 80, quando praticamente ficou resumido a um grupo de “skatistas” que se reuniam no bairro de Boa Viagem num *half-pipe* (pista em forma de “U”, com inclinações de até 90 graus). No final dos anos 80 houve outra “onda” com campeonatos mais organizados e surgimento de associações. O esporte sofreu um novo esfriamento no início dos anos 90, mas muitos “skatistas” continuaram a prática em vários pontos de Recife, os campeonatos continuaram existindo e surgiu o primeiro profissional do estado, Marcelo Agra.

Hoje o skate pernambucano está espalhado pelo estado, com competições na capital e no interior. Tem vários atletas patrocinados por empresas locais e do Sul do país e um profissional, o Og de Souza (atleta deficiente físico que compete no circuito mundial).

A grande carência, atualmente, é a falta de apoio, tanto do Governo do Estado, quanto dos empresários de lojas de material esportivo, que poderiam investir mais nos skatistas e em campeonatos.”⁹

Como parece indicar o documento, a versão privilegiada para contar a história do skate no estado de Pernambuco foi a do skatista João Neto. Atualmente, este e alguns outros skatistas que figuraram nas matérias selecionadas não são vistos com tanta frequência nos *picos* e pistas locais, todavia, as manobras e as histórias daqueles anos se mostram presentes na memória e nas falas de muitos interlocutores.

⁹ *Cartilha de Esportes Radicais em Pernambuco*, nome atribuído ao documento encontrado. Disponível em <http://www.saeditora.com.br/Esportes%20Radicais.pdf>. Acessado em setembro de 2012. (grifos meus)

Apresento, então, um recorte de jornal cuja importância reside no fato de, naquele contexto específico, revelar discursos ainda bastantes recorrentes acerca das formas de comprometimento para com o skate. Como um eco, o texto chama a atenção dos adeptos e simpatizantes da modalidade:

Skateboarding em Alerta

Se você pensou que o *SkateBoarding* em Recife estava parado. Se enganou... Agora pare tudo e olhe para o seu skate: olhe bem. O que você vê? Um *shape*, dois *trucks*, e quatro rodas. Mas é preciso enxergar também que existem empresas fazendo tais produtos, que presumivelmente, devem apresentar níveis de qualidade e eficiência satisfatórios...¹⁰

As empresas mencionadas no trecho acima remetem às chamadas *marcas*, ou seja empresas constituintes da vida social do skate e que normalmente estão ligadas à produção de acessórios e peças especializadas, organização e apoio de eventos, bem como ao suporte de alguns skatistas amadores e profissionais.

Em março de 1998, o *Jornal do Comercio* divulgou um campeonato que seria realizado no antigo prédio da Alfândega, no Bairro do Recife. No Casarão, paralelamente ao *Mercado Pop*, o *1º Pop Skate Rock* foi uma competição de skate nas categorias iniciante e amador que contou com a “presença dos melhores atletas da região”.¹¹

Na ocasião, as disputas estavam marcadas para começar no início da tarde e um show de *rock*, com entrada gratuita, encerraria a programação. De acordo com Proença (2002), ao tratar dos processos de revitalização que ocorreram no Bairro do Recife a partir da década 1990, “havia nessas ocasiões códigos identitários inscritos nas roupas, nos corpos, no comportamento” e, de acordo com os organizadores, este tipo de evento representaria uma “mistura insolúvel”. E ainda, segundo Proença (2002):

“Em um determinado dia, aconteceu vizinho ao Casarão um luxuoso casamento na antiga Igreja Madre de Deus. Na calçada, mulheres com longos vestidos e homens de terno preto esperavam a noiva, sob o olhar atento de fortes seguranças. Na entrada do Casarão, garotos sem camisa rodopiavam em seus barulhentos skates. O tênue limiar entre aqueles espaços parecia se dissipar quando os skatistas avançavam na direção da Igreja e executavam manobras desafiadoras e

¹⁰ Jornal *Rip News*, julho de 1997.

Disponibilizado em <http://picosepistas.blogspot.com.br/2011/01/skate-nos-jornais.html>, acessado em setembro de 2012. O alerta prossegue do seguinte modo:

“Para que essa empresa tenham o retorno merecido é preciso que apoiem e divulguem o esporte patrocinando atletas e eventos. Consequentemente novos talentos surgirão, aumentando ainda mais o nível do *Skateboarding* Nordestino. Os atletas necessitarão de um ranking, de um calendário e de associações ativas que, com um espírito de união conquistem a representatividade que os skatistas merecem. Deu pra ver? Suba no skate. Procure dominar suas bases usando equilíbrio e consciência. Supere suas limitações e sinta as possibilidades de seu carrinho. Evolua, mas não esqueça de se divertir.”

¹¹ *Campeonato de skate agita domingo recifense*, *Jornal do Comercio*, 06 de março de 1998.

arriscadas, seguidas de um grito incompreensível, num singular movimento de codificação da diferença (PROENÇA,2002:129).”

Passado quase um ano, outro periódico trouxe uma notícia sobre o skate recifense, voltando a tratar do crescimento do número de skatistas na cidade nos últimos anos - sobretudo entre os jovens. Nesta oportunidade, o skate foi apresentado para além das características esportivas e de lazer, mas sim como documento de identificação. E, de acordo com a notícia, a “prática deste 'esporte' [seria] mais do que do que um arriscado divertimento.”¹²

No que diz respeito aos locais onde a prática do skate era comumente encontrada à época, a matéria da *Folha de Pernambucano*, procurou apontar os *points* do skate em Recife. Dessa forma, - utilizando, agora, o termo nativo - os *picos* preferidos dos skatistas seriam praças, corrimão das escadarias e as poucas rampas espalhadas pela cidade.

O incremento do número de skatistas e adeptos da modalidade esportiva apresentado por quase todas as matérias traziam à tona outros aspectos presenciados diariamente no skate recifense desde aquela época. Assim,

“enquanto a garotada está representando Pernambuco nos campeonatos fora de Recife, na cidade eles não recebem nenhuma ajuda para continuar treinando. A maior dificuldade encontrada pelo grupo ainda é o preconceito com o esporte. 'A polícia não nos deixa andar nas ruas, a prefeitura não constrói um *skate park*, com rampas no tamanho ideal e as lojas não querem patrocinar os atletas'.”¹³

Naquele tempo, devido à falta de equipamentos públicos específicos para o skate alguns poucos empreendimentos de iniciativa privada surgiram por toda a Região Metropolitana do Recife. Respaldados pela atitude dos representantes do poder público e da sociedade em geral, que se contrapunham à prática do skate nas ruas, estes locais “apropriados” deveriam suprir a crescente demanda dos praticantes.

Outra reportagem, então, juntou-se ao coro daquelas que davam conta do crescimento da prática do skate no Recife. Em agosto de 2000, matéria do *Jornal do Commercio* pontuava que a cidade era a capital nordestina com o maior número de adeptos do esporte e, no entanto, seus atletas sempre sentiram falta de um local que oferecesse condições favoráveis para os skatistas desenvolverem suas técnicas.¹⁴ Trazia, então, a inauguração do *World Skate Park*, localizado na Rua da Aurora, ao lado do cinema São Luis e dizia que, “aos domingos, o espaço iria oferecer uma boa estrutura para o skatista recifense, contando com 850 metros de piso em

12 *Os skatistas invadem ruas do Recife*, Folha de Pernambuco, 13 de janeiro de 1999.

13 *Idem*

14 *Recife tem espaço para os skatistas a partir de hoje*, Jornal do Commercio, 13 de agosto de 2000.

granito, e uma pista composta por 11 obstáculos.”¹⁵ No local, seriam realizadas etapas mensais e classificatórias, válidas para o *Circuito World Skate*.

Os campeonatos realizados no referido *skatepark*, então recém-inaugurado, fazem parte das memórias vivenciadas por alguns skatistas e foram evocados em diversas conversas informais, bem como nos depoimentos de alguns interlocutores desta pesquisa.

Apresento, então, um destes interlocutores: o skatista Emmanuel Ferreira, o “Surfista”. Este, antes mesmo de iniciar o presente estudo, foi uma das primeiras pessoas que tive a oportunidade de conhecer no universo do skate recifense e no desenrolar da pesquisa, pude compartilhar situações e me direcionar a diversos lugares onde ele e outros cidadãos praticavam o skate. Assim, sempre que possível ou requisitado, pude gravar suas observações e percepções acerca do skate e da cidade.

Segundo “Surfista”, o primeiro contato dele com o skate se deu por volta dos sete anos de idade, quando ganhou um skate tipo *Bandeirantes* - “bem fininho” – com o qual ficava *fakeando* debaixo do prédio onde residia. Nas palavras de “Surf”:

“Na frente do meu prédio tinha uma rampinha - tipo uma rampinha pros carros passarem - que a gente descia e subia, já ficava por ali. Só que isso tudo descalço, de sandália; eu morava em Boa Viagem e surfava, só vivia surfando. Quando não dava pra surfar ou a mãe da gente não deixava sair, isso com sete, oito, nove, dez anos... A gente ficava escondido embaixo do prédio, não podia nem sair do prédio, aí ficava lá embaixo mesmo com o skatinho, com patins... Meus primeiros contatos foram assim.

Depois, com o tempo, começou aquela “onda” de tubarão, não podia mais [surf] por causa do tubarão... isso já tinha os *mini-ramps* lá em Boa Viagem, tinham acabado de fazer. Aí eu fui no shopping, comprei umas peças e fui andar...”¹⁶

Ao seu lado, sentado num dos bancos que cercam a primeira pista pública de skate construída na cidade do Recife, localizada na Rua da Aurora, perguntei se tinha amigos que andavam de skate na época em que começou, mas “Surf” foi enfático em sua resposta: “...não, eu ia só e no meio da rua começava a fazer minhas amizades, aí que eu comecei a ver a galera do skate mesmo, tá ligado? [...] Eu não sei ao certo as datas, tinha no máximo 17 anos, foi quando eu fui pra Caruaru.”¹⁷

Segundo ele, a mudança de cidade naquele momento particular teve algumas causas específicas:

15 *Idem*

16 Entrevista realizada em 22 de agosto de 2012.

17 Entrevista realizada em 2 de agosto de 2012.

“Foi nessa época que eu fui andar de skate, minha mãe foi transferida, inclusive pra me tirar da prática por que era proibido e mesmo assim eu tava dentro d'água. Eu jovem... Juventude tipo 15, 16 anos, maloqueiro, rato de praia - tá ligado? -, eu só queria tá internado dentro d'água. [...] Minha mãe ficou doida e num sei o que, arrumou uma transferência pra lá... Consegui, fui pra Caruaru.”¹⁸

Aparentemente também houve consequências importantes:

“Só que ela não sabia de nada... É que além do surf, foi o skate. Lá eu comecei a andar de skate mesmo, valendo. De manhã, de madrugada, de dia, no meio da rua, de tarde, só vivia no meio da rua andando de skate, já que eu não podia surfar. Lá eu fui fazendo uma equipe de skate, os caras foram vendo e fazendo amizade comigo, eu fui fazendo amizade com a galera... Fui me interagindo devido ao skate. [...] Pronto, aí de lá pra cá andando todo dia, todo dia, todo dia, aí quando vim morar em Recife que eu comecei a correr os campeonatos de skate.”¹⁹

Aproveitando o ensejo, indaguei como eram esses campeonatos, acabara de ter contato com algumas das notícias aqui expostas, e para minha surpresa ele disse: “era aqui na Rua da Aurora inclusive, era num galpão ali depois do Cinema São Luis”. Perguntei se ele estava falando do *World Skate Park*. Após confirmar começou a descrever o local:

“Era de madeira, ficava no estacionamento de um restaurante japonês. Dia de domingo, o restaurante era fechado e o estacionamento ficava livre, a gente botava os obstáculos de madeira lá, tinha *funbox*, *quarter*, reta, tinha tudo velho, pirâmide e o resto. Do caralho, meu irmão, aí comecei a correr campeonato e até hoje não parei.”²⁰

Naquele tempo, de acordo com as reportagens selecionadas, o problema mais visível era o “preconceito e falta de locais adequados para a prática do esporte, [situando] dentro deste círculo vicioso a realidade dos jovens praticantes de skate no Recife.”²¹

Ao ser perguntado acerca deste preconceito vivenciado pelos praticantes do “carrinho” “Surfista” disse:

“A discriminação aqui em Recife é muito pesada... nego vê você andando de skate e já pensa que é maloqueiro, que é vagabundo, que não quer nada com a vida, que só faz tá na rua. Só que o skate requer isso, muito tempo dedicado, skate é suor, num é fácil não, a pessoa vive se machucando [...] além de ter aquela onda do crime das ruas...”²²

Perguntei como ele percebia esta relação do skate com a violência, e ouvi o seguinte relato:

“O skate é um esporte de rua, então você tá aberto a tudo, todos os tipos de pessoas. Vai ter que lidar com todos os tipos de pessoa, com polícia ou com bandido, isso você vai ter que encarar. Vai ter que passar por isso. As vezes, mesmo de dia, acontece uma abordagem; as vezes o pessoal usa

18 *Idem*

19 *Idem*

20 *Idem*

21 *Festival Skate Alto reúne a galera*, Jornal do Commercio, 07 de novembro de 1999.

22 Entrevista realizada em 02 de agosto de 2012.

droga; as vezes o pessoal tá roubando. E você tem que saber lidar com certos tipos de ocasião também. Não é fácil, você na rua não está sendo protegido por nada, pode acontecer qualquer coisa. Tá com skate debaixo do braço, sai e sabe que vai andar, mas você não sabe se vai voltar inteiro”²³.

Como demonstrado até o momento, embora houvesse - espalhados pela região metropolitana - pistas particulares e alguns equipamentos públicos específicos para a prática do skate a demanda gerada pelo crescimento do esporte foi suprida principalmente a partir da prática nas ruas.

Em agosto de 2001, um jornal local trazia a seguinte constatação: *Na falta de espaço para praticar o esporte, skatistas do Recife usam a criatividade para fazer das ruas uma grande pista.*²⁴ De acordo com a notícia,

“... os skatistas estão em todo lugar, praticando suas habilidades onde podem e não podem. [...] No Recife, não há espaço oficial para a prática do esporte. De forma que virou lugar comum encontrar em qualquer ponto da cidade um rapaz ‘surfando’ no asfalto. Reclamações de ambos os lados: parte da população não gosta de dividir seu espaço com velozes skates e os skatistas não gostam de brigar por pistas.

[...] Não há sequer ainda uma Federação Pernambucana de Skate, embora a ideia já tenha começado a sair do papel. **“Não temos nenhum apoio e isso nos faz ainda melhor. Sem estrutura, a vontade de praticar é maior”**, explica Anderson Alexandre, 19. **“Um dos melhores espaços para o street aqui é no Marco Zero, mas ninguém deixa a gente chegar por lá”**, lembra Davidson ‘Boca’, 23. Do outro lado da história, a Prefeitura da Cidade do Recife explica: “Estamos trabalhando agora para resgatar o espírito das praças na cidade. Seria interessante que, nesse momento, os skatistas viessem conversar com a gente (Emlurb ou Diretoria Geral de Urbanismo) para que se tomasse uma providência”, sugere a diretora da Secretaria de Planejamento da PCR, Norma Lacerda.”²⁵

Os diversos registros apresentados trazem à tona uma ampla gama de elementos para se pensar a prática do skate no espaço urbano recifense. No que compete aos debates antropológicos contemporâneos, um primeiro aspecto que pode ser levado em consideração diz respeito à *agência* dos sujeitos em relação à *estrutura* da sociedade²⁶. Assim, partindo de Simmel (2006), considero que

“a linha divisória que culmina no *indivíduo* também é um corte totalmente arbitrário, uma vez que o *indivíduo*, para análise ininterrupta, apresenta-se necessariamente como uma composição de qualidades, destinos, forças, e desdobramentos históricos específicos que, em relação a ele, são realidades elementares tanto quanto os indivíduos são elementares em relação à *sociedade*” (SIMMEL,2006:13).

23 *Idem*

24 *Na onda do skate*, Jornal do Commercio, 31 de agosto 2001.

25 *Idem* (grifos meus)

26 Reflexões sobre as relações estabelecidas entre *indivíduos*, *sociedade* e *agência*, serão tratadas de forma mais contundente durante o Capítulo III.

Dessa forma, os trechos em negrito selecionados na matéria jornalística acima, coadunam com diversas outras passagens aqui expostas e podem servir como ponto de partida na tentativa de encaminhar algumas reflexões acerca das possibilidades de *ação* e fomento da modalidade, como as empreendidas por determinados cidadãos da metrópole recifense.

Apoio-me, então, na teorização conduzida por Sherry Ortner (2007) ao dizer que

“... a cultura (em sentido muito amplo) constrói as pessoas como tipos particulares de atores sociais – mas atores sociais mesmo assim –, embora sua vivência concreta de práticas variáveis reproduza ou transforme – normalmente um pouco de cada – a cultura que os fez” (ORTNER,2007:45).

Para a autora,

“... assim como na teoria da prática, a vida social, sob a perspectiva dos jogos sérios, é vista como algo ativamente jogado, voltado para metas e projetos culturalmente constituídos e envolvendo tanto práticas de rotina como ações intencionalizadas. Mas a perspectiva dos jogos sérios, [...] permite-nos dar nitidez a formas mais complexas de relações sociais, especialmente relações de poder, e a dimensões mais complexas da subjetividade dos atores sociais – particularmente [...] as que envolvem “intencionalidade” e “agência” (ORTNER,2007:45/46).²⁷

Sherry Ortner ressalta ainda que, “além disso, a perspectiva dos jogos sérios pressupõe atores culturalmente variáveis (e não universais) e subjetivamente complexos (e não predominantemente racionalistas e interessados em si mesmos)” (ORTNER,2007:46).

Parto do entendimento, então, de que os sujeitos que compõem o universo do skate recifense são diversos e distintos, algo que revela outro aspecto necessário de ser problematizado a partir da caracterização feita pela mídia não especializada: a atribuição de uma *identidade* própria, comum a todos os praticantes.

Há trabalhos relacionando o skate, espaço e a cidade, nos quais fica evidente a intenção de se descobrir uma suposta *identidade* comum a todos os skatistas e, embora esta pesquisa tenha tido o objetivo de (re)conhecer formas de relacionamento ancorados no espaço urbano, aqui não se considera a existência de uma *identidade* própria à prática do skate, haja vista a

27 “O projeto de unir teoria da prática e “perspectiva subalterna” implica pensar a questão do poder e da dominação sem abrir mão da intencionalidade do sujeito. Inspirada em Geertz, Ortner propõe o modelo dos “jogos sérios” que captaria duas dimensões importantes da vida social. Como um jogo, esta é construída e organizada culturalmente em termos de categorias que definem atores, regras e objetivos, e consiste em teias de relações entre posições subjetivas, múltiplas e intercambiáveis; por outro lado, há um espaço de agência, isto é, os atores jogam com habilidade, talento e intenção. Para Ortner, os jogos são “sérios” porque poder e desigualdade estão sempre presentes (Lasmar,1997:241)”.

multiplicidade de sujeitos, situações e lugares que englobam o universo do “carrinho” a nível mundial e local.

Assim, caracterizar os praticantes do skate como constituintes ou representantes de uma *subcultura* - balizada por valores de auto identificação próprios e que aparecem para confrontar códigos convencionais de comportamento - tenderia a impor uma separação não condizente com os processos constituídos nas relações socioespaciais cotidianas, como as compreendidas entre skatistas, demais cidadãos e instituições da vida social - como estado, escola, família, entre outras.

A meu ver, tal visão opõe erroneamente estes cidadãos ao restante da sociedade, pois, - ao atribuir uma condição marginal inerente à prática do skate – considera-os distanciados e relativamente independentes do cotidiano mais amplo vivenciado nas cidades. Do mesmo modo – como metaforizado pela mídia -, considerar tais cidadãos como parte de uma *tribo urbana*, “não é adequado para designar, de forma unívoca e consistente, nenhum grupo ou comportamento no contexto das práticas urbanas” (MAGNANI,1992:s/p *apud* MACHADO:2011,21).

Assim, perceber, o skate como uma prática obstrutiva, criadora de uma distância razoável entre seus praticantes e os demais indivíduos e grupos da sociedade não traz nenhuma contribuição para a compreensão dos fenômenos ligados ao “carrinho”, nem às formas de apreensão da cidade como as conduzidas por seus praticantes. Ademais, de acordo com Gilberto Velho (1987),

“a utilização desenfreada de *subcultura* constantemente leva à reificação de traços, elementos que podem ser particulares a certo grupo social, mas que não expressam necessariamente um sistema cultural propriamente dito. [...] Mas, se pudermos situar essas unidades sociológicas dentro de um campo de comunicação comum, em que existe um conjunto de crenças e valores de algum modo compartilhado, estaremos falando de *cultura*” (VELHO,1987:84).

No desenvolvimento da pesquisa foram inúmeras as vezes em que presenciei skatistas enfatizando o pertencimento ao “estilo de vida skatista”, à “família das ruas”.

Numa das incursões aos *picos* da região metropolitana fui apresentado a mais um interlocutor desta pesquisa, o skatista “local” da Lagoa do Araça, Rodrigo “Bob” Sales. Nesta ocasião este interlocutor me relatou que escreveu seu trabalho de conclusão de curso intitulado voltado à temática do skate.

Em uma abordagem bastante pessoal, o autor da monografia intitulada *O Estilo de vida do skatista Recifense* apresenta, contrapondo-se à “visão geral da sociedade”, a hipótese de que o “estilo de vida do skatista é respeitado, pois existe a valorização das diferentes linguagens e costumes desse diferente grupo social (SANTOS, 2005:7)”.

Neste trabalho acadêmico, após apresentar as modalidades praticadas no Estado de Pernambuco, o interlocutor apresentou aquilo que considera ser o “estereótipo do skatista recifense, e de todo mundo”. Enfatizando que

“... na maioria dos casos, quem anda de skate não é apenas um praticante de esporte radical: é um skatista. Isto significa viver de uma maneira alternativa, e ver o mundo de uma forma diferente do convencional. **O skate não é um esporte, é um estilo de vida para os que querem dar um basta no excesso de regulamentações, códigos de condutas e outras imposições feitas pela sociedade**” (SANTOS:2005, p.13, grifos meus).

Apesar da ênfase dada por este interlocutor, o que se pretende com a análise dos dados obtidos não é somente enveredar pelos caminhos que levam à separação dos skatistas para com a sociedade. Muito mais condizente aos propósitos desse estudo foi a busca por uma compreensão dos sentidos que fazem com que determinados cidadãos leiam e se relacionem com espaços urbanos de modo distinto.

Ratifico ainda que, para se andar de skate é necessário inevitavelmente empreender negociações com outros indivíduos – sendo que estas interações e situações constitutivas da prática são permeadas por relações de poder -, podendo ou não, garantir que determinados espaços da cidade permaneçam ou virem *picos* onde se possa andar de skate.

Como enunciado por alguns skatistas ao longo da pesquisa, bem como nas matérias apresentadas, embora as dificuldades em se andar de skate existam - e sejam reflexos de preconceitos e desconhecimento acerca do “esporte”, tal argumento parece não diminuir os ímpetos dos praticantes na cidade. Pelo contrário, terminam por fornecer elementos de fomento à criatividade e à coletividade em determinados espaços da metrópole recifense.

Neste ponto podemos, novamente, remeter ao pensamento de Ortner (2007), que ao tratar das questões relacionadas à *agência* e a intencionalidade dos sujeitos sociais sugere que

“... a própria palavra “agência” tem algo que remete ao ator autônomo, individualista, ocidental. [E.] de fato, as próprias categorias que historicamente estão por trás da teoria da prática, a oposição entre “estrutura” e “agência”, parecem sugerir um indivíduo heroico – O Agente – enfrentando uma entidade tipo *cyborg* chamada “Estrutura” (ORTNER,2007:47).

Porém, a autora faz uma ressalva no que diz respeito às possibilidades de compreensão e entendimento da “agência” dos sujeitos, como comumente são percebidos através da “teoria da prática”. Segundo a autora, tal concepção não

“... poderia ser mais distante da maneira como enfoco os agentes sociais, encarando-os como estando sempre envolvidos na multiplicidade de relações sociais em que estão enredados e jamais podendo agir fora dela. Assim sendo, assume-se que todos os atores sociais “têm” agência, mas a ideia de atores como sempre envolvidos com outros na operação dos jogos sérios visa a tornar praticamente impossível imaginar-se que o agente é livre ou que é um indivíduo que age sem restrições” (ORTNER,2007:46).

Dessa forma, Ortner prossegue seu raciocínio da seguinte forma:

“Por um lado, o agente sempre está inserido em relações de (pretensa) solidariedade – família chegada, amigos, parentes, esposos/companheiros, filhos, pais, professores, padrinhos, e assim por diante. É importante destacar este ponto, porque alguns dos críticos do conceito de agência – os que encaram agência como um conceito burguês e individualista – baseiam-se, em grande medida, na maneira como o conceito parece desconsiderar a “boa” inserção dos agentes: os contextos de solidariedade que atenuam a agência em suas formas individualistas e egoístas. Por outro lado, o agente está sempre enredado em relações de poder, de desigualdade, de competição e assim por diante. Sem ignorar as relações de solidariedade, a onipresença do poder e da desigualdade na vida social é central para a própria definição de jogos sérios” (ORTNER,2007:47).

Como salienta Videla (2009), práticas e agência são conceitos próprios do esforço teórico de uma série de autores voltados a “resgatar” o sujeitos da ação social dos constrangimentos das “estruturas”. [...] Além disso, trata-se de entender a reprodução dessas estruturas como imperfeita e incompleta e, ao mesmo tempo, vulnerável diante das pressões e instabilidades próprias das situações de desigualdade de poder (ORTNER, 2006:7 *apud* VIDELA,2009:29). Se trata, no entanto, da agência “como ação motivada e intencional, mas também como capacidade para projetar, desejar, construir intencionalidade e atuar criativamente” (ORTNER,2006:136 *apud* VIDELA,2009:28).

Além disso, a partir da distinção entre agência de projeto e agência de poder estabelecida por Sherry Ortner, Videla (2009) diz que

“ambas devem se entender como funcionando em articulação: a execução dos projetos de alguns atores (melhor posicionados no jogo social) envolve a dominação de outros. Contudo esses outros não só tem a possibilidade de resistir (agência de poder), mas também têm seus próprios projetos e vão mobilizar seus poderes para concretizá-los” (ORTNER, 2006:153 *apud* VIDELA, 2009:2006:29).

O presente estudo corrobora com as ideias expostas pelas autoras acima referidas por também considerar que “a agência não é 'uma coisa em si', mas uma capacidade e uma propensão a agir que faz parte de um processo no qual se fazem e refazem as formas sociais e culturais” (IBIDEM).

A partir dos pontos apresentados, reafirmo que as práticas conduzidas pelos skatistas apresentam-se entre relações de poder, diálogos e conquistas; de modo a ampliar ou reduzir os recursos, materiais e simbólicos, caracterizados a partir de um complexo conjunto de experiências, leituras e representações constituídas cotidianamente entre os praticantes.

2.2 – “ROLÊ” EM JOÃO PESSOA - PB

Como dito, apesar de ter tido contato prévio com alguns dos interlocutores deste estudo, foi somente a partir do início desta pesquisa que pude acompanhar e compartilhar situações vivenciadas por estes cidadãos e, assim, pude conhecer suas redes de relacionamento. Ressalto ainda que a presente pesquisa compartilha do entendimento de Machado (2011) quando, ao se utilizar do conceito de redes, tratou das

“conexões estabelecidas entre um conjunto amplo de atores ligados, direta ou indiretamente, ao universo do *street skate*, sejam eles skatistas, organizadores de campeonato, representantes do poder público, profissionais da mídia especializada ou empresários”. Por meio dessas relações pretende-se evidenciar não só a dinâmica multifacetada que possibilita mediações, mas também a tentativa da legitimação de muitos discursos construídos por certos agentes no que diz respeito à forma e ao sentido atribuído à prática do skate. (MACHADO:2011,31).

E, seguindo o autor,

“Nesse sentido, em meio a situações marcadas por *aproximações* e *distanciamentos* entre os envolvidos, a rede investigada pode ser expressa por meio de escalas medianas de *sociabilidades alargadas*, conforme proposto por Michel Agier (1999). Esse conceito fornece-nos pistas para analisar a maneira pela qual uma pluralidade de atores constrói uma série de mediações que os permitem acessar redes mais amplas de relacionamento, onde suas escolhas e decisões são seletivas, propiciando-os a estabelecer relações com instituições mais abrangentes, como o poder público” (MACHADO,2011:32).

Com efeito, o trabalho de campo iniciou-se em novembro de 2011, quando, por ocasião de um campeonato ocorrido na capital paraibana, tive a oportunidade de me *aproximar* de alguns atores que fazem parte do universo do skate recifense.²⁸

Para o campeonato que ocorreria no último final de semana de novembro de 2011 diversos skatistas recifenses se programaram para passar o fim de semana na capital paraibana e, assim, poder andar de skate com os amigos na pista recém construída.

O evento em questão foi o *Myllys Skate Pro*, última etapa válida do *Circuito Brasileiro Profissional de Street Skate 2011*, que teve homologação da Confederação Brasileira de Skate (CBKS). E como já era esperado, profissionais do *street* de diversas partes do país estavam na cidade para se apresentarem durante os dois dias de competição.

Após tentar - sem sucesso - me inserir em alguma carona para João Pessoa-PB, pude me juntar à “JP”, interlocutor desta pesquisa que aparentemente estava na mesma situação que eu e procurava companhia para ir de ônibus. Desse modo, marcamos de nos encontrar no sábado pela manhã, em um ponto de referência comum para os skatistas recifenses, a esquina da Avenida Conde da Boa vista com a Rua da Aurora - a onde se encontra a loja da *Myllys*²⁹.

Próximo a hora marcada nos encontramos, mas “JP” disse ainda precisar “resolver umas coisas pela Boa Vista”. Àquela altura, eu já havia me inteirado dos negócios que meu interlocutor iria resolver; dono de uma pequena confecção de roupas, pude presenciar “JP” efetuando a venda de um de seus produtos antes de partimos rumo à Paraíba.

Nos encaminhamos para viagem no início da tarde, após almoçarmos em um restaurante vegetariano - “sem balança” - localizado em uma das ruas do centro. Devidamente alimentados, fomos até a Avenida Dantas Barreto, no bairro de São José e, como não havia transporte direto, pegamos um ônibus até a cidade de Goiana-PE; de lá, outro com destino à Paraíba. Após desembarcarmos, acompanhei meu interlocutor até o primeiro andar da rodoviária, onde estava localizada uma loja que vendia artigos relacionados ao *street wear*.

Afim de saber se os produtos de sua marca - *Só os Fortes Sobrevivem* - interessariam ao proprietário do estabelecimento, após se apresentar, exibiu algumas amostras de roupas de sua confecção: iguais às que levava no corpo. Mostrando-se interessado, o possível comprador disse que entraria em contato; em seguida trocaram cartões de visita e se despediram. “Pronto, rede

29 “Desde 1999 no mercado de skate, a Myllys é uma empresa genuinamente nordestina. [...]”

Com fábrica própria e uma linha completa de produtos voltados para o skate, a Myllys orgulha-se de ter em sua equipe de trabalho nomes renomados do skate brasileiro. Somado a isso, a marca investe em circuitos espalhados por todo o país, anúncios nas principais mídias do esporte, além de patrocinar skatistas de nível nacional e mundial” Disponível em <http://www.myllys.com.br/historia> . Acessado em novembro de 2011.

ampliada” disse JP ao sairmos da loja. Nos dirigimos, então, ao terminal de ônibus que fica em frente à rodoviária e, após alguns minutos, pegamos um coletivo em direção ao *Skate Plaza Manáira*.

Quando chegamos ao local, imediatamente encontramos alguns skatistas conhecidos de Recife, que disseram estar hospedados na cidade desde o meio da semana, por advento do campeonato amador que ocorrerá no mesmo local, antecipando o evento profissional.

De comum acordo, fomos viajar sem ter hospedagem garantida, mas no início da noite “JP” apresentou um amigo que nos tiraria da “roubada”; um skatista/tatuador/músico que nos acomodou em seu estúdio de tatuagem durante aquele fim de semana. Desse modo, pode-se perceber que “a partir dos vínculos entre os skatistas são criados atos de reciprocidade” e, assim, o fato de irmos sem hospedagem garantida não representaria um problema tão grande, mas sim um exercício de *sociabilidade alargada* (AGIER, 1999 *apud* MACHADO,2011:68) aos skatistas, pois “conhecem-se novos skatistas e vivenciam outros tipos de situações” (MACHADO,2011:68).

Embora muitos dos presentes - skatistas e simpatizantes - estivessem na expectativa de ver de perto seus ídolos de perto, haja vista que eventos de grande porte ocorrem raramente na região nordeste do país; outros também focaram suas atenções nas “peças” que poderiam vender ou adquirir durante o evento. Assim, durante o evento, pude observar alguns skatistas representantes recifenses vendendo camisetas, *shapes* e outros artigos voltados ao público presente; bem como skatistas profissionais comercializando produtos com preços menores do que os encontrados nas lojas.

No domingo, momentos antes da final, uma conversa retratou a importância das peças e/ou acessórios na constituição da vida social do skate. Segundo um skatista recifense que estava acompanhando o evento, aquela seria uma boa oportunidade para se adquirir peças e acessórios de skate a preços mais baixos do que os encontrados nas lojas, pois, os profissionais estariam dispostos a vender parte de suas cotas³⁰ para levantar algum dinheiro.

“Comprar uma alma de *pró* é sempre bom”, disse rindo o skatista recifense Augusto César, o “Cego”. Não tive tempo de garimpar explicações sobre o que este interlocutor quis dizer com esta afirmação, mas me fez pensar que o valor dos materiais estaria mais vinculado

30 Atletas amadores e profissionais que são patrocinados, usualmente recebem *cotas* mensais de materiais de seus patrocinadores; que, quando vendidos, corroboram com o aumento orçamentário dos atletas. Para maiores esclarecimentos ver Bastos(2005), sobre a trajetória de skatistas profissionais.

àquilo que representaria a troca em si, e não propriamente ao valor monetário do objeto adquirido.

Portanto, a partir dos fatos relatados, compartilho o pensamento de que, embora o ganho financeiro seja um enorme atrativo, “em vez de supor que os bens sejam em primeiro lugar necessários à subsistência e a exibição competitiva, suponhamos que sejam necessários para dar visibilidade e estabilidade às categorias culturais” (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2009: 105).

Além disso, a situação de campo descrita acima reforça que o “espírito de tour” é algo bastante valorizado entre os praticantes; uma vez que, sempre que possível, os skatistas buscam juntar os amigos para viajar e andar de skate. Assim, entrariam em contato com *picos* novos e com pessoas de diversos tipos, o que proporcionaria uma maior evolução não só no esporte, mas também a nível pessoal por conta dos contatos e das redes de relação estabelecida por cada.

A prática do skate sugere, também, que o “carrinho” se apresenta como uma extensão do próprio corpo, absorvido por este. Assim, a reflexão em torno do conjunto de peças necessário para se montar um skate se fez pertinente no contexto abordado pela pesquisa.

De tal modo, as reflexões conduzidas por Arjun Appadurai (2008) em *A vida Social das Coisas* nos remetem à necessidade de compreender a importância atribuída ao objeto, para além dos significados conferidos pelas transações, atribuições e motivações humanas, mas a partir do entendimento que seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias; sendo “somente pela análise destas trajetórias [que] podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida às coisas” (APPADURAI, 2008: 17).

A partir desta perspectiva, o skate apresenta-se como “objeto” de estudo bastante pertinente, haja vista que “do ponto de vista *metodológico* são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social” (*Ibidem*). Ou seja, as formas como o skate, peças e acessórios, são disponibilizados aos praticantes podem ser esclarecedoras do modo como o skate é experienciado pelos skatistas recifenses.

Além disso, segundo Simmel (2006), “os objetos corporificam suas próprias ideias; eles têm significado, leis, padrões de valor que são independentes da vida social e individual, e que possibilitam defini-los e compreendê-los em seus próprios termos” (SIMMEL, 2006: 27). Entretanto, esclarece o autor, “perante toda a realidade, mesmo esse entendimento envolve uma abstração, uma vez que nenhum conteúdo objetivo se realiza por sua lógica própria, mas só pode fazê-lo por meio de forças históricas e espirituais” (*Ibidem*).

Com o intuito de balizar a compreensão acerca dos sentidos que permeiam e constituem a vida social do skate, concluo este item com duas entrevistas concedidas por skatistas profissionais. A primeira delas foi realizada com o skatista inglês Geoff Rowley e foi ao ar no programa *Skate Paradise* do canal de TV por assinatura *ESPN Brasil*.³¹

De passagem pelo Brasil, por ocasião de uma turnê realizada por uma marca especializada que o patrocina, Geoff Rowley fora perguntado a respeito das dificuldades encontradas no mercado do skate.

A repórter que conduzia a entrevista fez a seguinte observação:

“enfrentamos um grande problema aqui no Brasil, com as *surfshops* que boicotam as pequenas *skateshops* e não há quase nada a fazer. Nós dependemos de anunciantes, skatistas dependem de patrocinadores, nossas mãos estão atadas”.³²

De imediato, o skatista respondeu:

“O surf não controla o skate. **O skate é uma entidade própria**, e quando você se deixa levar pelo medo, você está seguindo o caminho errado. **O skate dita seu próprio futuro**, e acho que **todos os skatistas, e os caras que controlam as empresas de skate, todos os profissionais, todos os amadores, todos devem dar o seu suporte com um sorriso** e o skate irá crescer anos luz a frente de tudo.”

E concluiu seu pensamento com a seguinte observação:

“[O skate] já está anos luz à frente de tudo, é o esporte que mais cresce no mundo. Você pode comparar com qualquer outro esporte. **Eu chamo skate de esporte, mas uso esse termo com preocupação**. Você pode comparar com futebol, basquete, baseball que são grandes esportes nos EUA, Europa e na América do Sul. E o skate é melhor pra você, você se machuca menos e isso diz muito. **Muito do que você vê na mídia, muitas coisas negativas sobre o skate não são verdades; simplesmente não são, é assim que é**”³³.

Como pode ser percebido no desenrolar da pesquisa, as ideias concebidas por este ícone do *street* mundial englobam algumas das preocupações recorrentes também no cotidiano do skate recifense, e são concernentes ao tipo de suporte e de *atitude* valorizados e almejados no universo do skate.

Passaremos agora à segunda entrevista, realizada com o skatista sergipano Adelmo Jr., porém, é válido descrever uma situação de campo que antecede à gravação da mesma.

31 *Skateparadise*, programa 183, ano 7. Visualizado www.espn.com.br/skate, acesso em 7 de maio de 2012.

32 *Idem*

33 *Idem* (grifos meus)

Numa noite de agosto, ao sair da pista de skate da Rua da Aurora optei por um trajeto um pouco mais longo para pegar o transporte coletivo de volta para casa, passando antes pelo Marco Zero. Há muito anoitecera, mas, para minha surpresa, nesta ocasião tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o skatista profissional Adelmo “Juninho” que estava na cidade para resolver questões pessoais.

De passagem pelo Recife, aproveitara aquela noite para rever amigos e, ainda, filmar algumas manobras na praça. Acompanhando o skatista sergipano, estavam vários rostos conhecidos do universo do skate recifense. Em conversa informal - entre uma manobra e outra -, um dos expoentes da famosa *Aracaju Family* relatou algumas impressões acerca do universo do skate nacional e também norte americano, haja vista que mora nos EUA há mais de uma década exercendo sua profissão.

Entre outros assuntos, conversamos sobre a procedência dos *shapes* “gringos”, e ele me disse que algumas marcas internacionalmente reconhecidas estavam fabricando suas peças na China, o que representaria uma possível perda de qualidade nos produtos e alguma desconfiança dos consumidores. Além disso, citou algumas características observadas entre brasileiros e norte americanos, principalmente no que diz respeito à sua percepção sobre individualidade e costumes culturais nos dois países, algo que segundo ele, reflete-se também na relações entre os profissionais do skate que lá residem. Como por exemplo o fato de alguns skatistas mais renomados não fazerem questão de cumprimentar outros que estejam no mesmo *pico*, a menos que haja troca de olhares diretas. Ao passo que quando ele está no Brasil não percebe este tipo de postura.

No entanto, em dezembro de 2012 o skatista concedeu ao programa local *Já é TV News*, transmitido através do site *Youtube*.³⁴ A matéria foi realizada durante a recente passagem do profissional sergipano por Pernambuco e teve como pano de fundo a bela vista do Alto da Sé, em Olinda; tendo sido conduzida pelo *video maker*, e também skatista, Túlio Brandant.

Remete-se, portanto, aos momentos compartilhados com o Adelmo Jr. meses antes no Marco Zero, a entrevista teve como pauta aspectos relacionados ao mercado de skate norte americano e nacional, *tours* realizados pelo skatista, bem como suas concepções a respeito do que consistiria o skate.

De início, Adelmo Jr. discorreu sobre a criação de sua própria marca:

34 *JaéTV News*, novembro 2012. Disponível em http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=xWtGpCu6ljM. Acessado em 05 de dezembro 2012.

“A R.A.S surgiu de um projeto... Eu sempre tive uma vontade de ter alguma marca, **tentar dar volta o que o skate sempre me deu**, assim, a nível profissional [...], tentar dar isso para outras pessoas. [...] A princípio eu não sabia o que iria fazer como marca, mas eu **decidi fazer algo que tinha uma identidade que acredito**, e acho que é uma coisa que falta pra gente ainda no mercado de skate brasileiro. **Uma companhia que agregue pessoas que tenham coisas em comum, que não seja só o skate delas, mas que tenham uma identidade profissional, de atitude no skate**. E, assim, eu analisei que a gente não tem muita marca de rolamento. E o nome, em respeito à majestade. [...] Eu pensei, é, tem uma analogia com a sigla, então: Respeito é uma coisa que eu levo em minha vida por todos os lados; **Atitude que é uma coisa bem de skatistas e Skateboard é o que a gente transpira.**”³⁵

Em seguida, o entrevistador citou um *tour* realizado por uma das marcas que patrocinam Adelmo Jr., cuja viagem foi feita na região nordeste do Brasil. A esse respeito o skatista sergipano deu o seguinte relato:

“Essa *tour* também é um sonho que a gente realizou, porque eu tenho muita paixão pela minha região, não só por ter nascido aqui, mas eu me sinto muito inspirado pela cultura nordestina. Uma cultura que cresce em meio de adversidade, de pessoas que vieram com suas capitâneas hereditárias. Sempre uma forma de controle, uma massa pobre que sempre passou dificuldade; então, minha família vem dessa raiz, da roça, e eu tenho muito respeito pelas origens nordestinas em geral.”³⁶

Contudo, quando perguntado sobre a turnê que mais tinha gostado em toda a sua carreira como skatista profissional, ele ponderou:

“Todas são divertidas, têm suas particularidades, sua importância. **Esta, além de toda uma importância para o skate, tem toda uma importância social. Acho que o nordestino tem essa necessidade de ver mais prós, não tem tantos prós na região e tal.** Só que, assim, a que eu mais me senti contente com tudo que aconteceu, foi a da Amazônia. [...] Uma *tour* que foi feita por uma revista lá dos Estados Unidos. E eu gostei muito porque a gente andou de skate em vários locais e ninguém imaginava que ia chegar no meio da Amazônia e iria encontrar uma cidade cheia de *picos* no meio do nada.”³⁷

Questionado à respeito das diferenças encontradas no universo do skate no Brasil e nos EUA, Adelmo foi enfático ao dizer que

“Tem muita gente que pensa, “ah os gringos apoiam mais”, não é isso, é por que existe um tempo muito maior de skate lá. Então é muito mais profissional, as marcas tem, geralmente, uma linha que é sempre direcionada pro skate, tem uma pessoa que filma e trabalha pra marca, tem um fotógrafo que trabalha com a marca, tem o *team manager* que é o cara que sempre viaja com os atletas. Então, **lá tem toda uma estrutura por trás. Só que o brasileiro tem também, mais até do que o gringo, uma gana de chegar lá e querer filmar e não se preocupar se o chão é ruim, se é bom. E isso, acho que vem do jeito que a gente anda de skate, a gente anda em *picos* improvisados mesmo, é assim em muita região do Brasil**”

35 *Idem* (grifos meus)

36 *Idem*

37 *Idem* (grifos meus)

Já no que diz respeito ao apoio dado pelas *marcas*,

“Acho que muita marca brasileira ainda deixa a desejar, e não só brasileira, mas tem muita marca 'gringa' nova que também deixa a desejar. Por que eu acho que aconteceu nesse boom do skate, nos últimos 10 anos, e principalmente pra novos empresários que viram isso como uma fonte de renda e quiseram entrar no skate. Muitos deles não são skatistas, então vieram muito, assim, querer “sugar” do skate vamos dizer entre aspas. E isso é triste, né? **Por que a gente ama andar de skate, a gente precisa de material pra andar de skate, então as vezes você acaba se aliando a essas pessoas.**

A uma nova tendência não só na 'gringa', que começou um pouco antes, mas aqui está acontecendo agora também: que é mais e mais **marcas de skatistas**. E isso eu acho que **a criança deve prestar bem a atenção também às marcas que realmente tenham uma equipe de skate, que se preocupem em fazer um vídeo de skate**. Por que o skate tá crescendo muito, então vender o cara vai vender o skate, hoje em dia.”³⁸

Para finaliza, Túlio fez o seguinte questionamento: “pra você, o que significa a palavra skate?”

E Adelmo Jr. respondeu:

“Skate pra mim é uma expressão de arte libertaria, como qualquer outra expressão individual. Acho que o skate é **um dos únicos movimentos esportivos, vamos falar dessa maneira, que você realmente enxerga diferença em qualquer skatista, de um pra outro**. Não há semelhanças, que você possa ver 50 pessoas andando numa pista ou num local e dizer: ah aquele “pega velô” igual aquele; dá o *fifty* igual aquele outro”. Isso não existe, **todo mundo é diferente. Essa expressão única, de cada um, eu vejo como uma forma de arte e acho que muita gente, infelizmente - mesmo quem é envolvido com skate -, não vê dessa forma. E às vezes querem criar parâmetros e tal. E skate é arte, arte não tem parâmetros.**”³⁹

A partir das entrevistas contempladas acima, em especial os trechos salientados em negrito, podemos apreender determinados valores e códigos constituintes da *política*, em sentido amplo, que rege o universo do skate ao redor do mundo. Deste modo, como fora apresentado até o momento, as dinâmicas do “carrinho” parecem moldar e também privilegiar características específicas dentro da modalidade, descaracterizando-a como um simples esporte.

Entendo, pois, que a necessidade de adquirir peças - apresentadas tanto pelo skatista profissional Adelmo Jr., como pelas notícias de jornal e pelos demais interlocutores desta pesquisa – forja determinados comportamentos em busca daquilo que seria uma *atitude skateboard*, valorizada e legitimada a partir de discursos e de formas diversas de suporte ao skate.

38 *Idem* (grifos meus)

39 *Idem* (grifos meus)

2.3 - MONTANDO O SKATE DE VERDADE

Segunda-feira, março de 2012, liguei para um skatista conhecido por comercializar peças de skate. Na ocasião eu estava em busca de um “jogo de rodas” e de rolamentos. No primeiro momento a ligação não completou, de imediato meu interlocutor retornou e começou a falar dos “materiais” que tinha disponível.

Ao telefone, além dos itens que eu procurava, ele me oferecera tênis, *truck* e lixa; todos os itens “gringos”, com mais de uma opção para cada tipo de peça. Falei que gostaria de ver os produtos e marcamos de nos encontrar no fim de tarde daquele mesmo dia, na pista da Aurora.

Após descer do ônibus, passei na loja da *Myllys* - situada na esquina da referida avenida Conde da Boa Vista com a Rua da Aurora - lá fui recepcionado pelo (na época) gerente e também skatista, Luis “Carlinhos”. Falei que iria para a pista, e o mesmo disse que quando acabasse o expediente também iria “chegar por lá”.

Ao chegar na pista, avistei meu interlocutor próximo a grade que separa o mangue do asfalto, mas, antes de me dirigir a ele, fiquei conversando com outros skatistas que estavam realizando um *Game of S.K.A.T.E.*⁴⁰ Pedi para entrar na brincadeira e para o meu desgosto, uma lasca do *shape* voou quando “voltei” uma manobra.

Nesse momento, “Carlinhos” havia acabado de chegar à pista e começava a se preparar para mais uma “sessão”. Perguntei, então, se ele não teria um *shape* usado para vender. Disse que tinha alguns, mas não estavam com ele e sim com seu amigo e colega de trabalho, o fotógrafo e skatista profissional Júlio Detefon. Entretanto, pediu para que eu passasse na loja no dia seguinte, caso quisesse dar uma olhada em algumas peças.

Neste mesmo dia, levei um tênis usado na tentativa de vender ou “bater rolo” por qualquer outro item relacionado ao skate. Não consegui, mas, através do skatista Murilo “Bigode”, soube que “se chegasse na pista no final de semana venderia fácil”.

Após alguns minutos, aquele que eu havia marcado de encontrar veio ao meu encontro e perguntou se eu queria ver as peças, ou achava melhor “andar” antes. Optei pela segunda opção e, assim, por mais de uma hora ficamos variando manobras nos obstáculos da pista.

40 Disputa que consiste na execução de uma manobra para que, em seguida, os demais participantes realizem a mesma manobra; caso o participante não obtenha êxito lhe é atribuída uma letra. Perde quem completar a palavra S.K.A.T.E primeiro.

Com cerca de 30 anos, formado recentemente em administração, o skatista completa seu orçamento com a venda dos “materiais”. Tem o “skate no pé” e, ao observá-lo na execução das manobras, dificilmente o vi errar aquelas que as de “base”, mostrando uma técnica apurada em mandar *flip no quarter* e *smith grind* no trilho.

Entretanto, a aparente facilidade em adquirir peças e acessórios voltados à prática do skate, podem remeter a um processo de conquistas por parte dos skatistas recifenses; pois, além da existência de algumas lojas especializadas, há indivíduos que comercializam “materiais” de forma autônoma.

O valor dos produtos ainda se mostra como um empecilho para boa parte dos praticantes da cidade e, portanto, pode-se dizer que as possibilidades de aquisição de peças e acessórios se apresentam a partir de dinâmicas relacionais que procuram superar tanto as barreiras monetárias, quanto as de oferta desses produtos. Tal processo, pode ser evidenciado de acordo com as palavras do skatista Juliano “Salsicha”, que disse:

“Antigamente pra você comprar um *shape*, um *truck*, era muito complicado. A galera tinha que trazer de fora, encomendar de São Paulo. Naquele tempo peça era muito difícil, e a gente sempre se escorava um no outro. Um que tinha mais dinheiro, outros não. Hoje tu chega na loja de skate, apesar do preço ser um absurdo, é muito caro. Mas todo mundo tem sua peça hoje, ninguém depende de alguém. Assim, entre aspas, né? Por que a família skate em si, é uma família que gosta de ajudar todo mundo: “porra, eu to com um *shape* novo, mas não gostei desse *model*; vou comprar um *shape* novo e dar o outro pra um amigo meu”.⁴¹

O skatista Emanuel “Surfista”, interlocutor direto desta pesquisa também relatou situações que se coadunam com o entendimento acima apresentado. Para ele,

“Existe, aqui, um tipo de união. Eu mesmo, to com uma peça velha andando aqui, vou acabar com ela pra botar outra. Só que nesse meio tempo se eu ver um amigo meu, algum conhecido, um pirraia que tiver começando agora e estiver precisando da peça, eu pego e dou a minha. E já boto a nova que tá lá em casa. [...] Antigamente não existia isso, não, hoje em dia está mais fácil. O 'pirrainha' precisando de skate, a galera pega e monta, por que a galera vê que o pirraia tá se dedicando. **O negócio é vim, chegar e andar. Se a gente vê que você tá andando, sempre vai chegar um neguinho pra te dar uma força. Aqui existe essa positividade.**”⁴²

Essa “força” e “união” evidenciada por “Surf” e “Salsicha” também foi abordada por outro interlocutor direto desta pesquisa, o skatista Walid Fiesal. Morando na Europa há alguns anos, em um de seus retornos ao Brasil tive a oportunidade de acompanhá-lo em algumas

41 Depoimento concedido em 9 de janeiro de 2013.

42 Depoimento concedido em 22 de agosto de 2012. (grifos meus)

situações, podendo inclusive obter alguns depoimentos. Em determinada ocasião, conversamos sobre a aquisição de peças tanto no tempo em que ele iniciara no skate, quanto na atualidade, residindo em Londres. Então, Walid contou:

“... [Em Londres] teve dia que eu troquei *shape* três vezes ao dia. Quebrava, aparecia um; quebrava, aparecia outro. [Conseguia] com os *brothers*, com a galera...É um *skateshop*, tá ligado? E meus amigos tudinho patrocinado, mas eu comprava com desconto pra mim. Fazia a frente e a galera da loja me dava [desconto] por que sabia que eu só comprava lá. Tinha altos bichos que frequentavam, mas sempre iam num pico mais barato, tá ligado?”

[...] Aqui não, nunca rolava... **É por que aqui a galera tá mais na situação, não tem muita grana pra comprar. Compra e usa até a última ponta, tá ligado? Até quebrar tudo, aí nunca resta nada....Mas, quando resta, a galera sempre dá.”**⁴³

Dessa forma, a possibilidade de aquisição de peças e acessórios de skate no contexto abordado torna “evidente que os bens têm outro uso importante: também estabelecem e mantêm relações sociais” (*Ibidem*). Assim, apoiado em Appadurai (2008), reforço que

“concentrar-se nas coisas trocadas, em vez de apenas nas formas e funções das trocas, possibilita a argumentação de que o que cria o vínculo entre a troca e o valor é a *política*, em seu sentido mais amplo. Este argumento [...] justifica a tese de que as mercadorias, como as pessoas, tem uma vida social” (APPADURAI,2008:15).

Num outro dia, por volta das 14 horas recebi uma ligação, era o interlocutor que vende peças perguntando se eu gostaria de comprar um *shape*. Segundo ele, o material, tinha sido fruto de uma troca com outro skatista, que recebera a “peça” como parte da premiação pela terceira colocação em um campeonato amador realizado na pista de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo.⁴⁴

De volta ao centro da cidade do Recife, por volta das 15 horas, cheguei à pista de skate da rua da Aurora. De longe avistei meu interlocutor, que de imediato veio ao meu encontro para me mostrar o *shape*; revelou que tinha sido um bom negócio para ele, haja vista que pegara o *shape* ganho na competição e mais outros dois, em troca de somente um jogo de rodas; podendo, assim, “tirar até R\$150,00 nos três shapes, quando as rodas não saíam por mais de R\$120,00”.

43 Depoimento concedido em 20 de novembro de 2012.(grifos meus)

44 Campeonato Brasileiro de Street Skate Amador, realizado pela Confederação Brasileira de Skate (CBSk), nos dias 17 e 18 de dezembro, em São Bernardo do Campo – SP. Mais informações em <http://www.myllys.com.br/noticias/victor-bob-fica-com-a-terceira-colocacao-no-campeonato-brasileiro-amador-em-sao-bernardo-do> . Acessado em 10 de janeiro de 2012.

45 No item 3.1, mostro que as premiações recebidas nas competições não raro são trocadas ou vendidas logo após o evento.

Olhei com cuidado, gostei do *model* e decidi ficar com ele. Efetuada a transição nos despedimos, ele disse que iria fazer outros “corres” em Boa Viagem.

Na pista, alguns skatistas se aproximaram para ver o material e, assim, iniciamos uma conversa. “Chico Tripa”, “Pipoca”, “Rato” e “Bicudo” disseram que estavam bastante incomodados em só andar na pista, queriam algo diferente. Assim, um “rolê” no Marco Zero foi proposto por um deles; os demais aceitaram prontamente.

Mesmo sem estar com as outras peças para poder montar o “carrinho” os acompanhei. Ainda próximo à pista, caminhando pela pista de *cooper* que se estende próxima ao mangue, presenciamos um “baculejo”. Pouco instantes antes, ao percebendo o que iria ocorrer naquele momento, Michael “Rato” até tentou avisar o rapaz - que tentava acender um “baseado” sentado na grade que separa o mangue do asfalto - sobre a chegada dos policiais, mas, em vão, a abordagem ocorreu na nossa frente.

Passado este momento de tensão, parte do grupo esperava o retorno de dois skatistas que foram atrás de vela; nesse momento, pude presenciar os skatistas observando e incentivando uns aos outros nas tentativas de utilizar mais um lugar skatável da cidade. Ainda na Rua da Aurora, no ponto mais alto de uma pequena arquibancada de três degraus, próximo ao monumento *Tortura nunca mais*, eles pulavam de *ollie* para o chão.

No decorrer do trajeto - exceto durante as travessias das pontes, onde eu me encontrava só, e todos os demais mandavam manobras como *slide* e *manual* tentando percorrer a maior distância possível -, meus interlocutores conversavam sobre temas diversos, como acessórios necessários à prática e também sobre as dificuldades de ser skatista. Os presentes disseram que caso algum skatista local quisesse “evoluir” no esporte deveria ir para o centro e foco do skate no Brasil: a cidade de São Paulo.⁴⁶

De acordo com os skatistas presentes naquela situação, o skate nordestino está, sim, “bem representado por atletas, mas as marcas ainda não dão o suporte necessário”. Um dos exemplos mencionados foi o fato de, naquela ocasião específica, a maior referência do skate ricifense na atualidade, o skatista Victor “Bob”, não estar andando de skate, mas sim trabalhando na loja de seu patrocinador.

46 Como aponta Machado (2011), o Estado de São Paulo tem o maior número de praticantes do país, tendo, inclusive, instituído o Dia Estadual do Skate. (Machado,2011:19)

Ao chegar ao Marco Zero, uma grande decepção: algum evento iria ocorrer no local e estavam montando um palco, cuja disposição impedia que os skatistas viessem a utilizar os bancos de mármore para realizar suas manobras: “a sessão teria que ser de solo”.

Éramos cinco, mas somente o skatista Denis Silva, “Chico Tripa”, ficou sentado ao meu lado o tempo todo. Disse estar “mazelado” e com febre desde o dia anterior e por isso “não estava instigado pra andar” naquela tarde. Enquanto observávamos as manobras dos demais – sobre os trilhos do trem que um dia passou por lá, ou em cima do palanque montado para servir como mesa de som para algum show -, aproveitei pra tentar conhecê-lo um pouco mais. Próximo de completar dezoito anos de idade e cursando a 7ª série (falou isso com certo constrangimento), o skatista disse morar em uma comunidade no bairro Pina, zona sul da cidade do Recife.

Perguntado se já havia saído de Recife para andar de skate, relatou que nas visitas à família, que mora no interior Pernambucano, aproveitava para andar na pista que tinham construído lá; além de também ter ido para o *skate plaza* construído na cidade de João Pessoa, por advento de uma competição.

O fato de, naquele dia, os skatistas se dizerem “cansados” de andar de skate na pista da Aurora pode parecer um mero capricho para aqueles que não estão familiarizados com a prática esportiva: ora, o que estes cidadãos poderiam querer mais? Já não têm um lugar apropriado e delimitado, onde podem praticar o esporte sem incomodar ou colocar em risco os demais habitantes da cidade?

É importante ressaltar, porém, que a referida pista foi construída a quase uma década atrás e, nesse período, o poder público não ofereceu a manutenção adequada ao equipamento público. Durante a pesquisa foi possível observar que, tirando a iluminação (que também deixa a desejar, pois, só existe refletor em um dos lados da pista), as pinturas dos obstáculos e os consertos de buracos - quando realizados - foram feitos através dos esforços e das articulações dos próprios skatistas que frequentam o espaço. Além disso, a própria concepção da pista é ultrapassada, haja vista que os obstáculos não estimulam a criatividade, nem contemplam os praticantes de diversos níveis técnicos. Assim, como explanou um interlocutor desta pesquisa, o skatista Lucas “Zero Trans”, apesar de não haver muitas opções de *picos* de rua espalhados pela cidade muitas vezes os skatistas não fazem questão de andar de skate na Pista da Aurora,

pois, a consideram “muito manjada”⁴⁷ e assim, quando estão no centro da cidade se direcionam para o Marco Zero ou Forte das Cinco Pontas, por exemplo.

Em depoimento concedido pelo skatista Ricardo “Riscadinho”, um dos membros do *Picos&Pistas* fica evidente que nem sempre as pistas conseguem satisfazer os desejos de quem anda de skate. Segundo “Riscadinho”:

“O meu prazer maior é andar em rua, porque na rua você tem a essência do skate. Quando eu ando na Aurora eu não me sinto satisfeito. Tem neguinho aí que se você botar pra na rua reclama, reclama do chão que é pedra portuguesa. Eu comecei a andar no meio fio, passava vela no meio fio e mandava as manobras. Hoje em dia a turma não tem essa essência do skate. Por que skate é isso, é você fazer uma amizade, não é mandar manobra. Hoje a molecada cobra dos amigos determinadas manobras, no meu caso eu cobro que meus amigos andem comigo. Antigamente a gente não tinha uma pista dessa, era caixote, trilho e borda. Eu critico os *boyzinhos* que só querem saber de ir pra Aurora, aí fica reclamando... Meu irmão, tinha um corrimão que eu sempre fui afim de descer, lá em Casa Amarela. Só que botaram umas topadas no início do corrimão, o que foi que eu fiz? O velho *acid drop*! As vezes eu chego na Aurora, vejo a galera andando e não tenho a mesma instiga. Porque a Rua é Rua, é pra quem gosta de andar! Dar um *crooked* no caixote da Aurora é fácil, agora manda um na borda dos *Correios* e arranca do meio... Eu prefiro andar mais na rua do que nas pistas. A pista foi feita pra isso, deixa pro pessoal que tá começando agora.”⁴⁸.

Além disso, a ausência do poder público reflete um outro fator preponderante, o fato da área ter se degradado ao longo dos últimos anos e, dessa forma, propiciar a presença do tráfico e do consumo de drogas nas redondezas da pista e, assim, muitas vezes os skatistas terminam sendo vinculados a estas práticas ilícitas.

Por conseguinte, é possível afirmar que no que diz respeito à construção de equipamentos públicos voltados à prática do skate houve conquistas significativas ao longo dos últimos 12 anos. No entanto, tais ações empreendidas pelo poder público terminam por não oferecer condições ideais e necessárias tanto para a “evolução” dos skatistas e de suas manobras, quanto para o fortalecimento da atividade esportiva. Ou seja, as infraestruturas esportivas devem ser pensadas e planejadas no sentido de que se integrem à malha urbana, devendo ser distribuídas de forma harmoniosa, considerando as carências em termos de tipologia, bem como para atender às necessidades dos diversos tipos e níveis de prática esportiva.

47 Depoimento concedido em 6 de fevereiro de 2013.

48 Depoimento concedido em 26 de janeiro de 2013.

Desse modo, não basta somente a construção de um espaço para a prática do skate, é necessário que iniciativas mantenham a área em constante atividade, caso contrário, o local pode adquirir – como ocorre na Aurora – o significado estigmatizado acima descrito.

3 - POLÍTICAS PÚBLICAS E O OLHAR SKATISTA

Neste capítulo são problematizados aspectos concernentes aos processos e dinâmicas empreendidos pela gestão municipal do Recife quando uma série de ações voltadas ao esporte e lazer foram instituídas pelo poder municipal no início dos anos 2000. Estas surgem, então, a partir um interesse em fortalecer a participação popular na tomada de decisões referente aos interesses de diversos segmentos da sociedade.

Clemente & Horochoski (2012) destacam a cidade do Recife, na região nordeste do país, pelo forte movimento associativo que teve início nos anos 1970, culminando em 1985 com o Programa Prefeitura nos Bairros (PPB), que mais tarde, em 2001, deu origem ao “maior OP do Brasil”.⁴⁹

No que diz respeito ao *arcabouço institucional e funcionamento*, os autores relatam que o OP do Recife

“trata-se de um fluxo contínuo que se inicia em um ano e termina no ano seguinte. Há uma etapa inicial com discussões em pequenos grupos nas vizinhanças, seguidas de plenárias regionais e temáticas, em duas rodadas, quando, além da indicação de prioridades e demandas ao orçamento, elegem-se delegados para o COP, instância decisória máxima. Em Recife, os novos delegados instalam-se nos fóruns, geralmente realizados no mês de agosto, e na discussão do método, no início do ano, momentos em que, mesmo de maneira representativa, os cidadãos conseguem participar da definição das regras de funcionamento do jogo”(CLEMENTE&HOROSCHOSKI, 2012: 135).

Já no que compete às *condições de participação*,

“O OP de Recife faculta a todos participarem das instâncias decisórias que compõem as primeiras fases do ciclo, iniciadas pelo credenciamento das prioridades junto à prefeitura. Para tanto, os cidadãos reúnem-se em pequenos grupos, discutem e elencam os investimentos que desejam ver realizados, registrando o resultado em formulários próprios. As prioridades credenciadas são, em um segundo momento, submetidas ao escrutínio dos cidadãos em plenárias regionais nas quais também se escolhem os delegados que terão assento no Fórum do OP. Ainda está-se, portanto, no espaço da participação ampliada e aberta ao conjunto da população, que vota, para definir as prioridades escolhidas nas referidas plenárias por meio de urnas eletrônicas. As plenárias temáticas também são abertas a todos. Nas fases efetivamente deliberativas prevalece, contudo, uma lógica não muito distinta da democracia representativa, ainda que no modelo piramidal..(CLEMENTE&HOROSCHOSKI, 2012: 137).

No tocante à *discussão* os autores afirmam que

As instâncias do OP de Recife possuem regras de funcionamento que permitem a manifestação livre dos cidadãos, inclusive no Fórum do OP, instância representativa em que todos podem, contudo,

49 Estudo que analisa as experiências de Audiências Públicas de Curitiba e os Orçamentos Participativos de Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife.

falar livremente, desde que se inscrevam na coordenação das reuniões. Restrições ao direito à fala são encontradas no COP – podem manifestar-se apenas seus membros, representantes regionais e temáticos. Os demais cidadãos que queiram exprimir-se nas reuniões do COP precisam de autorização do conselho. Todavia, prevalecem espaços em que a discussão é amplamente possibilitada. Como ocorre em Belo Horizonte, o desenho institucional incentiva a discussão em espaços informais, ao obrigar a formação de pequenos grupos nas vizinhanças para a eleição das prioridades de investimento” CLEMENTE&HOROSCHOSKI, 2012:139).

Já sobre a *deliberação*, o artigo apresenta que o

“OP de Recife é uma estrutura de participação com poder deliberativo, cujas decisões vinculam parte do orçamento público às preferências manifestas dos cidadãos. Contudo, fica a ressalva de que a parcela do orçamento em relação à qual os cidadãos efetivamente decidem é pouco significativa. Segundo Costa (2010), até 2004 pouco mais de 5% da LOA foram objeto de deliberação, ainda que este valor represente a integralidade dos recursos para investimento, sendo apontadas, para a capital pernambucana”(CLEMENTE&HOROSCHOSKI, 2012:,140).

Quanto ao grau de associativismo os resultados oferecidos pelos autores apontam para um nível comparativamente elevado de associativismo na capital pernambucana autores, entretanto, reconhecem a fragilidade do indicador utilizado, “uma vez que ele pouco diz sobre a natureza das associações, seu processo de formação e o tipo de relação que elas mantêm com os poderes executivos” (CLEMENTE&HOROSCHOSKI, 2012:142).

Ainda segundo os autores, no que concerne à *representação*

“No OP do Recife as regras induzem a que vários grupos sociais componham as diversas instâncias da instituição participativa. Os dois tipos de plenárias – regionais e temáticas – atraem sujeitos distintos à medida de seus variados interesses, no primeiro caso, relacionados às necessidades do local de moradia e, no segundo, a questões mais amplas, que afetam o conjunto dos cidadãos. Noutros termos, o desenho institucional abarca uma multiplicidade de públicos que alarga a possibilidade de participação de estratos sociais os mais diversos e de diferentes *status* socioeconômicos, cumprindo a propalada função do OP de incluir segmentos tradicionalmente excluídos das políticas públicas em geral e dos processos decisórios em particular. Prova disso é que as mulheres foram maioria dos participantes do OP, tanto nas plenárias temáticas quanto regionais, entre 2001 e 2007. A média foi de 58% de mulheres e 42% de homens. O problema reside, ainda, nos espaços de poder – delegados-delegadas e conselheiros-conselheiras do COP – ocupados majoritariamente por homens (SOSCORPO,2008)”(CLEMENTE&HOROSCHOSKI, 2012: 146).

Sobre a *participação* os Clemente & Horochoski (2012) ressaltam que,

“em Recife é possível que o OP tenha encontrado um equilíbrio entre dimensões que, na operação de instituições participativas, por vezes aparecem contrapostas: participação em grande número *versus* discussão e deliberação e interações face-a-face, que permitem o agir comunicativo presidindo processos decisórios. De alguma forma, a experiência pernambucana tem buscado contemplar aspectos quali e quantitativos da participação tal como teorizada nas seções anteriores e apresentam números que fariam deste OP, segundo o executivo municipal, o maior do Brasil, o que de fato é verdade, uma vez que os números da participação em Recife são os seguintes: 2001: 26.257;

2002: 41.891; 2003: 42.426; 2004: 33.592; 2005: 46.892; 2006: 38.986; 2007: 45.652; e, 2008: 38.605” (CLEMENTE&HOROCHOSKI,2012:147).

Os autores também avaliaram questões relacionadas ao *accountability*, variável de diversas dimensões que, entretanto, pode ser exemplificada por duas bastante abrangentes: *transparência* e *responsividade*. De acordo com o artigo, na prestação de contas dos atos (transparência) o

“OP do Recife apresenta ampla divulgação dos resultados, tanto no que concerne aos processos de deliberação quanto no tocante aos investimentos nas prioridades elencadas pelos cidadãos e na existência do COP, sendo possível identificar a correspondência entre o que se delibera e os investimentos realizados” (SILVA,2003 *apud* CLEMENTE&HOROCHOSKI, 2012:149)” (IDEM, 2011:24).

Já no que diz respeito à incorporação de demandas da sociedade nas ações do governo (responsividade),

“O OP de Recife tem permitido a absorção das demandas societais, ainda que a parcela objeto de deliberação dos cidadãos represente percentual acanhado do orçamento global. A própria dinâmica de discussão e deliberação, de que participa camada representativa da população, do modo como ela ocorre, permite ao cidadão comum vocalizar e ter consideradas suas demandas, não apenas no âmbito do OP, mas no desenho do conjunto das políticas públicas no que elas têm de discricionárias. As sucessivas vitórias eleitorais do grupo à frente do poder Executivo municipal desde 2001 sinalizam, ainda, que o OP no Recife tem sido utilizado como estratégia bem sucedida de identificação e atendimento das demandas, tornando a prefeitura municipal e seus agentes mais responsivos perante população da cidade” (CLEMENTE&HOROCHOSKI,2012:149).

Deste modo, o artigo de Clemente&Horochoski (2012) apresenta como umas de suas conclusões o fato de o Orçamento Participativo na experiência da capital pernambucana ter se mostrado significativamente mais próximo do que preconiza a teoria deliberativa.

De acordo com Bitoun (2005) “esse instrumento [OP] simbolizava o modo petista de governar” em relação ao contexto político anterior. E de acordo com o autor, “a cidade pobre deixava de ser uma parte da cidade para se tornar a prioridade de todos, o que representava uma incontestável alavanca para a chamada inversão de prioridades”(BITOUN, 2005: 2057). Além disso, tenderia a superar “a visão da cidade empresa, competitiva e na qual cabia ao planejamento público, em parceria com a iniciativa privada, promover polos de integração à economia globalizada em áreas seletas [...], sem muitas reflexões sobre as reais potencialidades do contexto local”(2005:2057).

3.1 – DIÁLOGOS ENTRE A PREFEITURA DO RECIFE E OS SKATISTAS

No que tange ao universo do skate o aspecto relevante é que as plenárias do Orçamento Participativo são abertas às associações e aos cidadãos comuns. E deste modo, é possível afirmar que “na disputa política o PT procurou incentivar novas formas associativas, em especial em segmentos jovens atraídos por agrupamentos culturais e relativamente alheios aos movimentos tradicionais de bairros”(2005,2057).

Com isso, mesmo não sendo possível mensurar até que ponto esse legítimo fervor democrático pretendido pelos programas da prefeitura gerou efetivamente uma aproximação significativa da prática participativa é inegável que algumas medidas foram tomadas no sentido de suprir certas demandas da sociedade.

A reportagem a seguir traz o planejamento e as diretrizes traçadas pelo município entre os anos de 2001 e 2012⁵⁰, no que tange à prática do skate, como entendida pela administração municipal. A notícia dizia:

Esportes de rua ganharão mais espaço

Três arenas para esportes radicais devem ser inauguradas pela Prefeitura do Recife (PCR) este ano. A primeira delas fica no Centro e já está em obras, junto com mais uma etapa de requalificação do cais da Rua da Aurora. [...] As outras duas arenas serão instaladas no Pina e na Praça do Poeta (Avenida Caxangá), mas a PCR ainda está captando recursos. “Todos estes locais foram definidos em plenárias no ano passado, durante o Encontro Municipal dos Esportes do Mangue”, explicou o diretor de Esportes da PCR, Jamerson Almeida. Ao todo, oito localidades foram escolhidas para receber as arenas. Além dos três já citados – prioridades – os outros são: Parque do Caiara, Arraial Novo do Bom Jesus, UR-01, Ibura e Parque Santana.

[...] **“Os skatistas são sempre taxados de vândalos, quando na realidade eles só buscam um espaço onde possam praticar o esporte de forma adequada. Por isso a importância da ação afirmativa: ao invés de reprimir, estamos estimulando a atividade de forma inclusiva”, explicou Almeida.**⁵¹

A partir da matéria acima podemos inferir que um dos preceitos fundamentais na elaboração das políticas públicas voltadas para o esporte e lazer no Recife foi prover “lugares adequados” às novas demandas dos segmentos juvenis de esportes radicais, privilegiando a formação e elevação da consciência política (SILVA *et al* 2007: 147).

50 Considerando as diferentes gestões: 2001-2004; 2005-2008; 2009-2012

51 PCR vai inaugurar arenas na Rua da Aurora, Pina e Caxangá, Diário de Pernambuco, 17 de maio de 2004. (grifos meus)

Almeida (2010), cuja dissertação versa sobre as políticas de esporte e lazer no Recife ratifica que seu trabalho foi pautado no “entendimento sobre as políticas de esporte e lazer relacionadas à concepção do esporte de participação ou esporte popular, considerada como dimensão social que referencia o esporte como princípio lúdico, tendo como finalidade o bem estar social dos seus participantes”(ALMEIDA,2010:52).

Tal perspectiva está em consonância com os ideais da gestão que tomou o poder em 2001, a qual entende como princípios fundamentais:

“a democratização do acesso aos espaços e às diversas manifestações da cultura corporal, como fator de elevação cultural e emancipação humana, a formação de novos quadros para atuar no setor de esporte e lazer, e uma programação sistemática e diversificada para reconhecimento e garantia do esporte e lazer enquanto direito social” (SILVA *et al*, 2007: 151)

Segundo a autora, “apesar de todas as contradições, a Constituição Federal, em seu artigo 217, estabelece que é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um” (ALMEIDA, 2010:57). Por conseguinte,

“em relação à atuação do Estado, em seu artigo 24, inciso IX, a constituição apontou que tal competência deveria ser compartilhada entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, [propiciando] que artigos referidos ao esporte e ao lazer fosse incorporados às Constituições Estaduais e Leis Orgânicas Municipais, sendo considerado o principal acontecimento no setor esportivo no período que sucede à Constituição Federal de 1988. (ALMEIDA, 2010:57)

Desse modo, a partir da Constituição de 1988, diversas leis foram criadas, “contudo observa-se um direcionamento ao esporte de rendimento, com suas ações a cargo da iniciativa privada, como clubes e associações esportivas” (ALMEIDA,2010:60).

Além disso, somente “no ano de 2003, é criado o Ministério dos Esportes com secretarias específicas para a formulação de projetos, levando em consideração as três manifestações do esporte” (ALMEIDA,2010:65).

De acordo com Almeida (2010), no que diz respeito à Política de Esporte e Lazer do Recife, a Lei Orgânica promulgada em 1990, apresenta uma

“preocupação em atender a duas manifestações do esporte: o de participação (quando trata de conteúdos, como os jogos e brincadeiras) e o esporte de rendimento (quando trata de questões relacionadas ao atleta). [Outra] questão a ser levantada está relacionada à adequação de espaços destinados à prática esportiva e lazer. E, por fim, destaca-se o fator de inclusão social ao levar em consideração o atendimento às pessoas portadoras de deficiência” (ALMEIDA,2010:67)

A partir do que foi colocado até o momento, considero que a importância do diálogo com o estudo de Almeida (2010) reside, entre outros fatores, em uma melhor apreensão do cenário

político compreendido pelo presente estudo. Conseqüentemente, o marco temporal mostrou-se semelhante ao utilizado pela referida autora e, deste modo, a descrição e os dados políticos administrativos por ela apresentados são referência necessária na busca pela compreensão dos programas e das ações empreendidas pelo poder público no que diz respeito à prática do skate.

Dessa forma, no que concerne à estrutura administrativa,

“na primeira gestão (2001-2004), a Secretaria de turismo e Esportes, através da Diretoria Geral de Esportes (DGE), era o órgão responsável pela execução da política, mas não dispunha de uma organização formal capaz de dar suporte às suas ações.[...] Somente na segunda gestão (2005-2008), a partir de uma Reforma Administrativa, o Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães (Geraldão), vincula-se à Secretaria de Educação, Esporte e Lazer e torna-se o órgão responsável pelo desenvolvimento da política de 2005 até a gestão atual [encerrada em dezembro de 2012]. A configuração administrativa mostra uma organização do trabalho das atividades-fim através de três diretorias:

Diretoria de Esporte Amador, que trabalha com o esporte de rendimento (amador e esporte educacional que dispõe do mesmo formato),

Diretoria de Lazer e Cidadania, que trabalha o esporte de participação (através de conteúdos de jogos populares e outras linguagens corporais, tais como arte, dança e teatro) e,

Diretoria de Esporte e Juventude, que tem foco direcionado à juventude através de atividades esportivas de identidade juvenil, como skate, o patins, o *break dance* e o *Le Parkour*”(ALMEIDA,2010:73).

Almeida (2010) salienta ainda que

“ao observar as ações da política é possível inferir que ela trabalha em duas frentes, uma programática – relacionada às atividade finalísticas, ou seja, às atividades-fim, como os programas, projetos e eventos direcionados à população – e uma estruturadora, àquelas relacionadas à organização e suporte para as atividades-fim da política” (ALMEIDA,2010:73).

Ademais, a autora divide as ações programáticas em três momentos distintos: atividades sistemáticas; atividades periódicas e; atividades eventuais. Através do programa *Círculos Populares de Esporte e Lazer* (CEPEL), são desenvolvidas as atividades sistemáticas em três linhas de ação:

“os círculos de esporte (que reúne as atividades sistemáticas de Esporte voltados para crianças e jovens), círculo de juventude (que reúne atividade de identidade juvenil) e círculos de lazer (que reúne as atividades de lazer oferecidas ao segmento da pessoa idosa, além das oficinas sistemáticas de arte, dança e teatro para todos os segmentos)” (ALMEIDA,2010:74).

No que se refere às ações estruturadoras, segundo a autora, “a manutenção dos espaços e equipamentos de esporte e lazer refere-se à busca de melhores condições para os espaços e equipamentos onde são realizadas as atividades dos programas, projetos e eventos” (ALMEIDA,2010:75).

No que diz respeito às atividades periódicas, certas ações do projeto *Esporte do Mangue* composto por “fóruns, seminários, festivais da juventude e rodas de diálogos” foram contempladas por esta pesquisa. Especificamente o *Mangue Solidário*, balanço da gestão ocorrido em dezembro de 2012, realizado no Complexo esportivo do “Geraldão”.

Na ocasião, foi feito um balanço de tudo o que foi construído para (e com) os grupos juvenis nos últimos quatro anos. Os agentes públicos que conduziram o evento ressaltaram a “inversão de prioridades” advinda da entrada do PT na prefeitura em 2001, cuja concepção política veio a consolidar a prática do skate e garantir diversos espaços públicos.

Outro aspecto abordado foi o fato de as oficinas sistemáticas oferecidas nos diversos equipamentos públicos voltados ao skate serem conduzidas por monitores devidamente registrados e com carteira assinada.

Em algumas oportunidades pude me juntar ao então coordenador de esportes radicais do “Geraldão” e outros skatistas interlocutores desta pesquisa, que formaram uma comissão para acompanhar as construções das pistas de skate, tanto no Parque Caiara - localizado nas imediações do bairro do Cordeiro e da Iputinga –; quanto no Parque Santana - localizado nas imediações do bairro de Santana, Poço da Panela e de Casa Forte.

Uma questão importante de ser ressaltada foi a iniciativa destes mesmos skatistas na elaboração dos projetos para estas duas pistas de skate, através de uma “comissão instituída de fato, mas não no papel”. Assim, foram skatistas com pouca ou nenhuma experiência em projeção ou construção de pistas de skate que construíram os esboços, realizaram modificações e fiscalizaram (na medida do possível) as obras.

Deste modo, quando as primeiras imagens da pista em construção foram divulgadas em redes sociais, não foram poucas as manifestações de repúdio à qualidade e (não) adequação dos projetos, algo que de certa forma causou um mal estar. Segundo um dos membros desta comissão, tais indivíduos “... são pessoas que estão para criticar. Não faz nada para melhorar e quer exigir o melhor, a perfeição”

E ainda, no que diz respeito à execução das obras da pista de skate, ratificou que:

“... aqueles caras, **por mais que eles tenham a formação, o nível superior, eles não são skatistas, eles não tem a necessidade que a gente tem.** Então você tem que ir lá, mobilizar a parada, para fazer com que seja de acordo com o que a gente espera. Somos nós mesmos. Não é um engenheiro, muito menos um pedreiro não. Eles estão ali pra seguir o que tá na planta.”⁵²

Durante algumas oportunidades pude compartilhar situações com este cidadão e, através de conversas e depoimentos, muitas informações a respeito das políticas públicas direcionadas ao skate foram esclarecidas.

No que diz respeito ao seu envolvimento com a equipe gestora que conduziu a chamada “inversão de prioridades” no âmbito do esporte e lazer na cidade do Recife, relatou-me que boa parte da equipe gestora foi formada a partir de grupos de universitários da área de educação física, vinculados ao *Partido dos Trabalhadores*. Já a sua inserção, se deu no ano de 2004, quando iniciou sua trajetória como educador de skate, no bairro da Macaxeira, onde reside.

Remetendo à reportagem que trazia a construção da primeira pista de skate da cidade do Recife, este interlocutor afirmou que, àquele tempo, “a mobilização dos skatistas era unificada”, e deu como exemplo a criação da “Associação de skatista da Guabiraba e Macaxeira (ASGMA), entidade que conseguiu uma série de benfeitorias através não só das plenárias do Orçamento Participativo, como a partir de abaixo-assinados contendo algumas reivindicações. Assim, em março de 2009 a Prefeitura do Recife entregou a reforma do novo Centro de Esporte e Lazer da Macaxeira, mais conhecido como Campo da União. A reforma foi realizada pela Secretaria de Serviços Públicos, através da Emlurb, com recursos repassados pela Secretaria de Educação, Esporte e Lazer, por intermédio da autarquia Geraldão e contemplou a construção de uma pista de skate.

Entende-se, então, que a gestão de equipamentos esportivos, é uma tarefa complexa para os gestores, uma vez que eles terão uma série de funções a desenvolver. Tais funções exigirão a coordenação de recursos humanos, bem como planejar desde a concepção à construção da instalação, além de assegurar os recursos necessários para seu funcionamento e ter de empreender soluções rápidas para os desafios que surgem cada vez mais no seio da sociedade. Outro aspecto fundamental para que o planejamento dos equipamentos esportivos se concretize de forma eficaz, e que há um distanciamento do que ocorre no município do Recife, é a formação de uma equipe interdisciplinar, que deve ser constituída de profissionais de Educação Física, Gestão Esportiva, Arquitetura, Engenharia, e também os próprios utilizadores.

Quanto ao modelo de Gestão adotado nos equipamentos esportivos é um modelo de gestão direta, sendo responsável o Geraldão e a EMLURB (ambos os órgãos da Prefeitura do Recife) pela administração dos espaços desportivos da cidade. Por fim, conclui-se que o modelo

de gestão adotado pela Prefeitura do Recife pode ser um aspecto a ser pensado, uma vez que há ausência de procedimentos gerenciais fundamentais para a eficácia na gestão dos equipamentos, e isso decorre da possível falta de uma equipe especializada e multidisciplinar para os equipamentos desportivos da cidade.

3.2 - EQUIPAMENTOS PÚBLICOS SKATÁVEIS

Como abordado até o momento as disposições relativas ao contexto social, político e cultural no qual o universo do skate recifense constitui-se não somente a partir da relação entre as marcas, mídias especializadas e adeptos, mas principalmente em decorrência de leituras e de usos que os skatistas fazem no espaço público.

No artigo intitulado *Erving Goffman, sociólogo do Espaço*, Fraya Frehse (2008) procura atentar para o olhar plural das concepções do referido autor quando o assunto é o espaço. Remetendo ao que considera ser a contribuição mais elaborada de Goffman sobre o assunto, a autora sugere que

“o espaço nem viabiliza praticamente as atividades comunicativas face a face nem é instrumento de sua efetivação. Ele comunica. Assim, por tratar-se de um espaço comunicativo, distinguindo-se pela existência de corpos capazes de ocupá-lo, transformá-lo e a si mesmo em signos, constitui-se também em um *ambiente* de signos” (FREHSE,2008:161).

Dessa forma, a autora prossegue:

“Dotado desta dupla dimensão, de ambiente situacional e ambiente do *self* nas situações, o espaço físico assume, em Goffman, sua feição teórica mais elaborada. Mais do que cenário, do que condicionante físico ou signo, o espaço é ambiente de signos para interações [...] e se se define exclusivamente pelos objetos que os seres humanos (re)conhecem como dotados de sentido, podendo um mesmo “local espacial” possuir ambientes diferentes. Assim, o ambiente goffmaniano não se restringe a objetos com sentido, pois o espaço não se restringe a uma construção simbólica humana. E isso, embora tenha características que se transformam em signos, nas interações. Porém, então, estamos em face de um ambiente expressivo. Tal como o corpo, o espaço físico é *idioma*” (FREHSE:2008,161).

Afim de evidenciar o *olhar skatista* para a cidade, remeto a uma situação ocorrida num fim de tarde de novembro, quando, acompanhado por dois interlocutores diretos desta pesquisa, os skatistas Diogo Moura e Walid Fiesal, dirigi-me a um suposto *pico* no bairro de Candeias, em Jaboatão dos Guararapes.

Para nosso desgosto, ao chegar ao local nos deparamos com uma obra ainda longe de ser finalizada, cujo espaço bastante privilegiado continha equipamentos visivelmente mal

distribuídos e de péssima qualidade. Tal espaço parecia com uma futura praça de esporte e lazer, haja vista que já estavam disponíveis alguns brinquedos no parque infantil e alguns equipamentos de ginástica.

Na volta, combinamos de ir para o “Geraldão” em outra oportunidade ainda naquela semana. Walid nunca havia andado na pista e tinha dúvidas sobre as condições que iria encontrar lá, sobretudo acerca do piso. Mas Diogo explicou: “é um *skatepark* de boa, de madeira. Chãozinho de quadra, aquele chão liso. É massa lá, dá pra dar um 'rolezinho' bom”⁵³.

Em certo momento perguntei aos meus interlocutores se haviam visto algo acerca do *Dew Tour*, um campeonato que acontecera semanas antes nos E.U.A. Diogo confirmou e, imediatamente, nossos comentários se voltaram para uma novidade apresentada naquele evento: a inserção da modalidade *Skate Street style*.⁵⁴

O carácter inédito da modalidade a diferenciava das competições tradicionalmente pensadas para os praticantes do *street skate*, normalmente realizadas em *skateparks* que buscam simular os *picos* de rua. O novo formato, aplicado em uma rua da cidade de Los Angeles, trazia “obstáculos” realmente encontrados nas ruas, como caminhões, carros, vigas e chapas de ferro. “Um circuito de rua bem loko, viajado”, segundo Diogo, que requeria uma combinação de velocidade e técnica apurada dos competidores.

Em determinado momento avistei um possível *pico* e comentei em seguida, “e essa bordinha aqui?”. Parecia ser um *lugar skatável*, mas como o chão não era dos mais lisos indaguei se era possível utilizá-lo mesmo assim. Brincando, Walid respondeu: “estamos adaptados”, provavelmente em referência a praça que havíamos visitado minutos antes. Em seguida o skatista Diogo Moura corroborou com o pensamento de Walid, “é, tem que se adaptar mesmo, não adianta reclamar”.

Como descrito por Machado (2011), o termo *pico* tem significados diferentes para skatista e demais cidadãos. Para os últimos o termo poder implicar, por exemplo, em associação com o trânsito (“horário de pico”), quando para os skatistas o termo “evoca espaços compostos por equipamentos urbanos, que se tornam obstáculos nos quais são realizadas as manobras. [...]”

53 Depoimento realizado em 13 de novembro de 2012.

54 Disponível em <http://www.allisports.com/dew-tour/event/san-francisco-2012/video> acesso em 10 de novembro de 2012.

Para que um equipamento seja considerado um *pico*, ele deve estar associado a uma série de características que permita a prática do skate⁵⁵ (MACHADO, 2011: 114).

3.2.1 - Aurora

Afim de dimensionar quais foram as ações concretas implementadas pelas gestões municipais nos últimos doze anos a frente da prefeitura, no tocante à construção de pistas de skate somente no dia 12 de junho de 2004 foi inaugurada a primeira “arena de esportes radicais do Recife”, fazendo parte da primeira etapa da revitalização do Cais da Aurora. Como aponta Loureiro & Fialho (2006) vale ressaltar que, entretanto,

“... todo este processo de debate entre as esferas da realidade social (Mercado, empreiteira; a Sociedade Civil, moradores do entorno; e o Estado) encontrou diversos obstáculos e gerou vários conflitos. Como por exemplo, os arquitetos com seus conceitos estéticos e estáticos, bem distantes da atualidade das práticas esportivas e culturais, passando por grupos de moradores da área procurando atender seus próprios e imediatos interesses, numa tentativa de se apropriar do equipamento público, fazendo daquele espaço a extensão do seu lar, caracterizando-o como um local privado” (2006,164).

Somente quatro anos depois, foi inaugurada a segunda pista oficial de esportes radicais da cidade, que fez parte do processo de revitalização da Praça do Poeta, no bairro da Várzea, zona oeste do Recife. De acordo com o Boletim Diário disponibilizado pela Secretaria de Comunicação da prefeitura, no dia 25 de janeiro de 2008 o prefeito reeleito do Recife entregou uma pista com 42 metros de comprimento e 17 metros de largura, cujo espaço contempla rampas, corrimãos, trilhos e outros equipamentos para a prática de patinação *in-line*, skate e bicicross.⁵⁶

Conforme apresentado por Silva *et al* (2007), a entrega da pista fez parte de um movimento organizado pelos jovens dos esportes radicais que formularam - ao constatarem através da imprensa que o projeto de reforma da praça não mais contemplaria o equipamento - um documento cobrando dos diversos órgãos envolvidos a demanda da construção da pista

55 As três características básicas apontadas pelo autor são: *chão de ida*, espaço a partir do qual o skatista toma impulso para ir em direção ao obstáculo; *Obstáculos*: equipamentos urbanos, de diferentes formatos, onde são executadas as manobras; *chão de volta*: espaço em que o skatistas permanece após mandar a manobra. (MACHADO, 2011:114)

56 http://www.recife.pe.gov.br/2008/01/26/mat_149847.php Acessado em janeiro de 2013.

outrora aprovada no Orçamento Participativo. Revertida a situação, constituíram uma comissão de acompanhamento de execução do projeto, composta por jovens, gestores e representantes da construtora (2007, 422).

No que concerne às políticas públicas é inegável que a construção de algumas pistas de skate na cidade do Recife fazem parte dos esforços direcionados pela implementação de ações e aos programas específicos. Em certa medida, podemos dizer que a gestão municipal do Recife conseguiu implementar ações que, se não atendem, aproximam-se das necessidades dos praticantes e adeptos; ao passo que pensaram e planejaram infraestruturas esportivas de modo a integrar à malha urbana necessidades dos diversos tipos e níveis de prática esportiva (MENEZES E PEDROSO, 2011: 20).

Como sugerem Loureiro&Fialho (2006), em artigo que sobre às políticas conduzidas pela gestão municipal que culminaram na requalificação do Cais da Aurora e na construção da primeira pista de skate pública do Recife,

“...tais princípios já apontam para uma nova construção de significado e parâmetros de compreensão das atividades de esporte e lazer, no sentido de alterar a realidade atual do papel das políticas públicas para o setor, superando o entendimento do lazer como entretenimento banalizado e limitado, além de extrapolar a perspectiva clientelista e elitista (LOUREIRO&FIALHO,2006:162).”

Ademais, continuam as autoras

“No caso da Rua da Aurora, foi vivenciada essa experiência da relação de poder entre o poder público e participação popular em vários níveis e etapas, pois foram nesses espaços de interlocução popular que, em 2002, na Plenária Regional foi encaminhada em terceiro lugar a priorização da temática esporte e lazer para aquela microrregião, cuja abrangência envolve os bairros de Santo Amaro e Recife, onde está localizada a Rua da Aurora. No mesmo ano, também foi eleita no tema requalificação de espaços urbanos da Plenária Temática de Desenvolvimento Urbano e Ambiental, a revitalização do Cais da Aurora; e na Plenária da Juventude, no tema esporte e lazer, foram eleitos os programas *Círculos Populares de Esporte e Lazer e Esporte do Manguê*” (LOUREIRO&FIALHO,2006:163).

Aparentemente a participação efetiva de determinados cidadãos nestes programas foi de suma importância na constituição de uma postura característica em relação às políticas públicas de esporte e lazer voltadas à “juventude alternativa da cidade” e propiciou certos avanços principalmente até meados da década de 2010. Todavia, como enfatizam Menezes & Pedroso (2011:30), “a gestão participativa torna-se um elemento estruturante nas políticas públicas voltadas ao desporto” embora não deva ser o único critério levado em consideração. Para os autores,

“... outro aspecto fundamental para que o planejamento dos equipamentos desportivos se concretize de forma eficaz, e que há um distanciamento do que ocorre no município do Recife, é a formação de uma equipe interdisciplinar, que deve ser constituída de profissionais de Educação Física, Gestão Desportiva, Arquitetura, Engenharia, e também os próprios utilizadores.” (MENEZES&PEDROSO,2011:31).

Ressalta-se, então, a consideração de Loureiro&Fialho (2006) quando afirmam que a questão do espaço físico

“... ainda é uma preocupação bastante recente no campo das políticas públicas de esporte e lazer e, portanto, ainda mal compreendida, **o que gera muitas vezes a construção de espaços ociosos e inadequados às aspirações de uso da população**” (LOUREIRO&FIALHO:2006,158).

Durante o trabalho de campo, em uma das idas à Pista de Skate da rua da Aurora ocorreu a seguinte situação. Era fim de tarde e rapidamente começa a escurecer. Já passa das 18 horas e, apesar de os refletores estarem ainda apagados, alguns *flashes* parecem suficientes para iluminar o role do skatista Michael “Rato”. Observado pelos demais skatistas, ao “dropar” diversas vezes em direção à *funbox* para realizar algumas manobras no “canhão”.

Sendo “local da Aurora”, o skatista demonstra que, além de ser conhecedor de cada detalhe da pista, está num dia bom, pois não precisa de muitas tentativas para acertar. Alguns que o observam sugerem manobras: “agora o *blunt reverse*”, grita um skatista após a conclusão perfeita de vários *blunts* saindo na base. Já outros derão dicas e incetivos para que ele acerte com mais facilidade: “segura mais, firma o pé”. Há, ainda, aqueles que dão sugestões ao fotógrafo e seu assistente, na esperança que o enquadramento da foto consiga capturar, de fato, o *moment* de cada uma das manobras executadas - não somente pegar a cabeça ou os pés do skatista.

Num instante, após acertar mais uma de suas manobras, o único skatista andando na pista sorri ao ouvir: “É Michel do *face!* Vou mandar *Cerezini*⁵⁷ patrocinar você”, brinca um skatista que estava junto aos demais; “vai entrar na *ozzy skateboard*” diz outro.

Minutos após o término da sessão de fotos, alguns skatistas começaram a falar sobre a condição do espaço urbano em cidades ao redor do mundo, bem como da mobilidade nas cidades. Segundo o relato de um deles, pautado na experiência de um amigo que morou fora do Brasil, há diferenças enormes no trato com a cidade e com os cidadãos que nela circulam:

57 Danilo Cerezini, skatista profissional e empresário, dono de loja especializada.

“O cara morou oito meses na Espanha, se você tropeçar na calçada, quebrar o pé, o governo indeniza. Lá são dez euros o aluguel da bike, por ano. Aqui é por mês. Esse negócio de alugar bike que botaram agora no Recife, isso lá na Europa já existe faz tempo.

A galera anda de skate lá.... Coroa véio, ele falou que você fica “de cara”, coroa executivo em cima do “longzinho”, por que lá o chão é tudo liso, os caras vão de boa e a galera respeita. A Europa tem três mil anos, o Brasil tem quinhentos. É muito mais na frente.

E outra, não tem a putaria que tem aqui na política, se vê aquele cara que foi escorraçado de um cargo como ladrão e entrou como deputado federal, vê que “cocó” do caralho.

Aí doido, é Jamaica, vai prender maconheiro, por quê? A turma rouba que só a porra, deixa cada cabeça com a sua lombra....”

De acordo com o mesmo skatista:

“A turma não tá nem aí, monstro...Se acha que a galera vai pegar 400 mil pra investir num *skatepark*? Vai o caralho, a galera vai fazer um parque de uns 50 mil e vai botar 300 no bolso!

Infelizmente, até hoje, isto aqui vai ser esporte de “mala”; a galera não vai investir no skate por causa disso, 'vai juntar um monte de maconheiro'.

Emanuel “Surfista”, que estava próximo, retrucou: “Aqui! Aqui em Recife”. O skatista que estava falando concordou e continuou:

É, isso aqui em Recife, tá ligado!? Se você for a São Paulo, cada viaduto tem um *skatepark* em baixo; isso quem disse foi um *brother* meu, que morou lá. Nem que seja um *quarter*, uma reta, um trilho e um caixotinho, todo viaduto tem.

É por que em Recife o povo tem a cabeça deste tamanho. E não é preconceito, é que a galera se importa muito com a vida dos outros, tá ligado?[...] Aqui a galera é muito atrasada. Aí skate é esporte de marginal.

[...] Cada um tem seu esporte, eu posso ser um empresário, um advogado, um médico que goste de skate.

É por que é o seguinte, a farsa tá aí, esses políticos tudinho são um bando de drogados. Já fui em altas festa de político, é droga pra caramba. Agora, a gente é quem não pode. Quem pode são eles.

[...] Aí no final das contas o que acontece: eu sou marginal porque ando de skate”⁵⁸

“Aqui tem muita área descampada, muito terreno aí que é vendido pra construtora. Aquele rodão [no Pina] mesmo, podia ter sido um parque animal ali. Botava uns obstáculos de cimento, que dura, reformava uns negócios...

To dizendo a tu, se juntasse pra investir nisso era uma coisa boa. Mas a galera só vê como coisa ruim, né?”

Perguntei ao meu interlocutor de onde vinha essa imagem do skate como coisa ruim.

“Isso vem de muito tempo, né, monstro? Eu mesmo acompanhei, na minha adolescência eu vivia em shopping. A galera do skate chegava, comprava biscoito e sentava no meio do shopping pra comer biscoito sentado, tá ligado? Aí são coisas que já vão marcando.

Por exemplo, é uma coisa que é da minha geração, no caso eu tenho 30 anos. Eu sou um cara que já sou mais maloqueiro, mas tem muita gente que tem 30 anos já é pai de família e num sei o que lá. Então viram tudo isso acontecer e já condenava nessa época, 'isso na minha época era um bando de maloqueiro'. Recife Antigo, tava os caras deitados no chão com skate na cabeça vomitando por cima do outro. Então a galera sempre viu isso.

Hoje em dia isso está mais aliviado, por que? Por que entrou no cenário Bob, Mineirinho... Os caras são caretas, os caras são estudados. Mineirinho tem duas faculdades. O cara tem duas faculdades e é hexacampeão mundial do esporte, vive a vida do skate. Tem faculdade mas é skatista profissional. Então isso é uma coisa que o cara ver de um outro ângulo, alivia mais a imagem do skatista por causa desses caras.

A onda é investir, divulgar... [...] Agora vê, qual o esporte do Brasil? É o futebol. As imagens que a gente tem dos atletas da gente... Hoje em dia, Neymar, o cara é modelo, o moleque não passa uma imagem positiva, estude e tal, não passa. E só foto aqui, é só foto ali.... Aí meu irmão, dá não, a criança cresce com essas imagens.”⁵⁹

Pergunto a ele em relação à iniciativa da galera, as vezes tem vídeo na “gringa” que tem pista que a galera que fez...

Tem iniciativa própria também, mas aqui não tem como. Se você chegar num viaduto desse e fizer a prefeitura vai lá e quebra. Vou dizer uma coisa, se a gente tivesse abertura: “se a prefeitura dissesse aquele espaço é de vocês, a galera fazia uma campanha em *facebook* ou onde fosse pra fazer um *skatepark*.”

Agora, contratar uma galera que saiba, tá ligado? Que seja discutido. Olha, faz umas partes mais suaves, faz umas linhas mais 'pró' num outro. Pega um espaço que dá pra fazer dois parques num só. Por que os gringos fazem isso, pode ver que o quando é muito pequeno eles fazem suave. Quando é grande eles bota uma parte 'pró' e uma parte suave. **Por que a meta é se divertir, se é pra população.** Em campeonato o cara montam uma pista 'pró'. Porque você vai avaliar um bocado de profissional, naquele tipo de terreno.

Mas se é pra galera se divertir, chamar atletas pra modalidade, tem que ser uma coisa que todo mundo se divirta.

Tu consegue se divertir no Dona Lindu, véio? Tanto *boy* fica ali fora olhando, afim de descer ali e tem medo. Vai pro *street*, pro solo. Sacou, mano? E é mais ou menos por aí.⁶⁰

A situação descrita acima remete à entrevista concedida pelo skatista profissional Adelmo Jr., quando o mesmo enfatizou que:

“... muita gente às vezes quer esperar do governo, “ah esse governo não faz pista aqui na minha cidade”. Não tem que esperar por ninguém, o skate é uma coisa muito livre e a única condição que você precisa esperar é a condição do tempo, não dá pra andar na chuva – até dá, mas fica difícil.”⁶¹

3.2.2 - Geraldão

Na quinta-feira, de março, o “rolê” foi no Ginásio Esportivo Geraldo Magalhães – o Geraldão. A pista - uma quadra poliesportiva repleta de obstáculos, rampas, *quarter*, caixotes e trilho - é dividida entre praticantes de skate, patins e BMX. Sob a tutela dos Círculos Populares

59 *Idem*

60 *Idem*

61 JaéTV News, novembro 2012. Disponível em http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=xWtGpCu6ljM. Acessado em 05 de dezembro 2012. (grifos meus)

de Esporte e Lazer, alguns monitores diariamente dão aulas para a garotada. Conversando com um dos monitores, soube que algumas atividades extra quadra estavam sendo vinculadas somente aos skatistas, mas que na verdade seriam práticas comuns de outros frequentadores do ginásio esportivo.

Por volta da 17h30, chegou um funcionário da autarquia; ele portava um telefone celular e começou a filmar boa parte da “sessão”. Passados alguns minutos, convocou os presentes para um evento que seria realizado no centro da cidade nos próximos dias, em prol da legalização da maconha. Nesse mesmo dia, foi entregue um ofício à coordenação do “Geraldão”, visando a utilização noturna da quadra em dois dias da semana.

Como veremos ao longo deste tópico, as “sessões” noturnas foram oficializadas e assim consolidou-se mais um *pico* na cidade. Entretanto, embora o ofício garantisse que a quadra (pista) fosse utilizada de noite pelos skatistas, alguns situações vivenciadas nas idas ao complexo esportivo servirão para apreendermos a relação dos skatistas com o poder público.

Em uma terça-feira de março, cheguei ao “Geraldão” por volta das 18h. Nessa ocasião utilizei o metrô e desci na *Estação Shopping*, a mais próxima ao complexo esportivo. Pouco antes de adentrar à quadra avistei o skatista Rafael Fernandes executando um *nollie flip b/s nose grind*. Assoviei e fui ao seu encontro para cumprimentá-lo pela execução, “na base”, da manobra.

Na pista estavam, além de Rafael, Wesley “Pipoca”, Tallys “Bicudo”, Kléber “Negão”, Renato “Maluquinho”, Vieira Filho e Thiago “Kabecinha”.

A “sessão” foi descontraída, como de praxe “Negão” e “Maluquinho” travaram um duelo sob as palavras de incentivo, brincadeiras e risos dos demais. Entre uma manobra e outra, Kléber provocava seu “adversário”; até que, em determinado momento “Negão” apostou seu “carrinho” em troca de um *drop* de “Maluquinho” no *quarter* maior. A “plateia” foi a loucura.

Sentados, os skatistas observavam, interagiam e instigavam a disputa a todo instante. Até que Renato se “invocou”, subiu no *quarter* e fez o *drop*, sem erro. Extasiados, os skatistas exclamavam e parabenizavam “Maluquinho”, apesar de todos os presentes saberem que se tratava de uma brincadeira entre amigos, não pouparam esforços para a aposta ser honrada. Contudo, “Negão” se recusou a dar seu skate, argumentando que a aposta era “só pra servir de motivação, já que ele [Renato] tinha vários anos de skate e ainda tinha medo de dropar”. Todos começaram a rir, e em seguida começou a movimentação para a “cota do intervalo”, cada um

deu o que podia e foram reunidos 8 reais, suficiente para comprar três biscoitos e dois refrigerantes em uma vendinha localizada nas redondezas do ginásio.

No dia 10 de abril também foi dia da “escolinha do Geraldo”. Logo depois do almoço conversei pela *internet* com o skatista Thiago “Kbcinha” que confirmou sua presença “mesmo com a perna inchada e descascado, por conta de uma tatuagem que tinha feito”.

Ao chegar no “Geraldão”, avistamos muitos skatistas utilizando a pista. Contornando a quadra para não atrapalhar ninguém, cheguei no meio de uma conversa entre um funcionário do complexo esportivo e o skatista Wesley “Pipoca”. O funcionário dizia não concordar com as afirmações do skatista que dizia sentir vergonha das condições daquele espaço (mais especificamente os obstáculos dispostos na quadra).

Em contrapartida, o funcionário tentou conduzir sua argumentação a partir de um tom “politicado”, enfatizando a necessidade do surgimento de associações de skatistas recifenses para reivindicar suas demandas nas instâncias competentes. Citou uma série de fóruns de juventude, municipais e estaduais, que não obtiveram o quórum suficiente, muito menos a presença de skatistas. A conversa entre os dois chegou ao fim e aproveitei pra me juntar aos demais skatistas; alguns eram companheiros dos “rolês” cotidianos; outros só conhecia de vista do “Geraldão”; e havia alguns que eu nunca tinha visto no ginásio.

A sessão estava instigada e a quadra, com diversos obstáculos, ficou pequena pra tanta gente. As retas (rampas em 45°) e o caixote menor eram os obstáculos mais procurados, bem como os *quarters*, de tamanhos diferenciados.

Por volta da 20h, chegou um grupo de skatistas que construiu uma série de obstáculos e se encontram, normalmente aos sábados, em uma quadra em Marcos Freire, no município de Jaboatão dos Guararapes. Em determinado momento, um desses skatistas me cumprimentou, foi a oportunidade que eu tive para me aproximar e trocar ideia sobre a quadra deles. Hallison “Beagle” se disse apaixonado pelo skate, sendo que todo mês separa parte do salário para o skate – seja para comprar madeira para a construção e reforma de obstáculo, ou mesmo roupas e peças do “carrinho”. Perguntado se recebia algum apoio, ele me respondeu que não, mas que guardava as notas do investimento que fez. Segundos depois, botou o skate no chão e foi em direção ao trilho.

Poucos meses depois, em agosto, a Diretoria de Juventude do Geraldão promoveu uma atividade que visou integrar as modalidades esportivas skate, patins e BMX. Como parte do

Projeto Esporte do Mangue, a atividade buscou criar um canal de diálogo entre as autoridades municipais e os jovens recifenses.

Na ocasião o complexo esportivo estava repleto de skatistas que, assim como eu, não sabiam da “reunião” até o momento em que o coordenador de esportes radicais entrou na quadra e convocou a todos. Demorou alguns minutos até que ele conseguisse convencer os presentes à deixar os “carrinhos” e seguir para uma sala preparada na arquibancada do ginásio principal.

Apesar de terem sido convocados representantes de diversas modalidades, a maioria dos presentes era composta por skatistas. A reunião serviu para apresentar o projeto da pista de Esportes Radicais do Parque Santana, zona norte da cidade do Recife; e do Parque Caiara, na zona Oeste. Além disso, ficou decidido que haveria uma comissão de acompanhamento e fiscalização das obras.

Como demonstrado durante todo o capítulo, as ações empreendidas pela gestão municipal do Recife, demonstram uma série de avanços e retrocessos no que compete aos espaços públicos voltados às atividades de esporte e lazer.

Tal dinâmica, remete ao conceito de *sociabilidades alargadas* de Michel Agier (1999), e termina por revelar “a maneira pela qual uma pluralidade de atores constrói uma série de mediações que os permitem acessar redes mais amplas de relacionamentos, onde suas escolhas e decisões são seletivas, propiciando-os a estabelecer relações com instituições como o poder público (MACHADO,2011:32)”.

Dessa forma, ações e diálogos são construídos de modo a contemplar a prática do skate na Região Metropolitana do Recife, tanto através de programas de governo – mais, ou menos bem sucedidos -, quanto através das iniciativas de cidadãos que interagem no e com os espaços urbanos recifense, com o intuito de suprir demandas específicas, como as relacionadas ao universo do skate.

4 - “A FESTA DO SKATE PERNAMBUCANO”

O fato de as fontes documentais utilizadas neste estudo estarem disponíveis sem restrição de acesso como acontece, por exemplo, nos *blog* de marcas locais, promove os acontecimentos do skate pernambucano para simpatizantes do esporte no Estado e no país inteiro. Porém, além disso, terminam por propagar discursos que, entre outros aspectos, reforçam a necessidade de se conhecer e de se valorizar as referências do passado para, assim, fornecer o suporte esperado ao skate. Pode-se dizer, então, que se apresentam características e comportamentos que procuram “legitimar” a prática do *skateboarding*.

Deste modo, como qualquer segmento ou grupo da sociedade, percebe-se o skate também permeado por processos históricos e por relações de poder, que denotam posições hierarquizantes nas quais os cidadãos se posicionam perante seus pares. No contexto abordado, tal afirmativa, se revelou a partir de discursos e práticas que evidenciam tanto a história quanto o momento atual do skate pernambucano. Este, sempre vinculado a aspectos “legitimados” no universo do skate: como amizade, união e diversão - características constitutivas de uma “atitude” de real comprometimento para com a “*família skateboarding*”.

Mas, no que consistiria essa legitimidade? Ou ainda, é pertinente enveredar por esse caminho? Quais são os parâmetros, valores e normas que reforçam a imagem de determinados grupos e indivíduos como representantes autênticos? Além disso, como se dão os embates entre os que somente andam de skate e aqueles que “controlam” os mecanismos de fomento ao esporte na cidade, como os campeonatos?

Na tentativa de problematizar tais questionamentos, atribuo à percepção nativa uma perspectiva da modalidade caracterizada como *lifestyle sport*, ou seja, um esporte cuja prática por si só constitui uma cultura e um estilo de vida próprio (WHEATON, 2004:4)

Ao tratar de questões referentes à autenticidade e legitimidade na modalidade esportiva em questão, Beal & Weidman (2003) apontam dois aspectos que julgam relevantes para se entender a questão desta hipotética identidade própria ao universo do skate: em primeiro lugar, diferente de outros esportes tradicionais, o skate não seria organizado e dirigido por adultos; em segundo, é um esporte que não se baseia na competição (BEAL & WEIDMAN, 2003: 339).

Segundo as autoras, o fato de cada skatista ter o controle total sobre suas ações sem precisar passar pelo crivo de treinadores ou juízes surge, junto com a ausência de uma competitividade acirrada, como elementos que encorajam cada indivíduo a criar uma forma

pessoal de andar de skate. Dessa forma, a falta de interesse em competições poderia ser parcialmente explicada pelo caráter formal de tais eventos, e também pelo fato de a legitimidade perante o grupo maior ser constituída no comprometimento diário, em oposição a um resultado obtido em um evento isolado.

Apesar de concordar que boa parte dos skatistas não se interessam em participar de competições, a generalização trazida pelas autoras termina por obscurecer características importantes da constituição desta prática esportiva, haja vista que, além de movimentar o mercado local, muitas vezes os campeonatos são uma forma de os skatistas fortalecerem vínculos e se posicionar perante seus pares.

Deste modo, alguns cidadãos – representantes, ou não, de *marcas* e de lojas especializadas - organizam eventos em vários lugares da região Metropolitana do Recife. Para tanto, entram em contato com representantes dos órgãos públicos responsáveis pelos espaços que serão utilizados; angariam patrocínios, apoios e brindes junto às *marcas* especializadas e simpatizantes; além de julgarem e narrarem as competições.

4.1 - PRAÇA DUQUE DE CAXIAS, OU: *OYAMA SKATEPARK*

Para iniciar este capítulo, apresento um relato que visa expressar alguns aspectos referentes a discursos e práticas observadas durante todo o trabalho de campo. Ressalto, pois, que a situação apresentada a seguir reflete “os contextos de solidariedade que atenuam a agência em suas formas individualistas e egoístas” e fornece elementos pertinentes à apreensão de determinadas *attitudes* que remetem ao comprometimento de determinados cidadãos para com skate.

Em março de 2012, no terceiro domingo do mês, compareci a homenagem feita à Oyama Barreto, skatista precocemente falecido dias antes, acometido por dengue hemorrágica. O evento estava marcado para começar as 14 horas, mas, segundo alguns interlocutores, desde as 7 horas da manhã familiares e amigos do skatista já estavam na quadra do antigo Quartel do exército, situado na orla de Bairro Novo, Olinda.

Cheguei por volta das 15 horas e a emoção era latente. A quadra da Praça Duque de Caxias, que após o lamentável episódio foi rebatizada por seus usuários de *Oyama Skate Park* estava repleta de skatistas em sua grande maioria vestidos com camisetas brancas, algumas levando a foto do amigo que partira uma semana antes. Eram tantos os presentes que só foi

possível fazer uma estimativa de quantos estavam no local - entre skatistas, familiares e amigos passaram pela quadra mais de 60 pessoas.

Muitos rostos conhecidos do skate recifense estavam no evento, skatistas de diversas partes da Região Metropolitana se uniram a chamada “família skateboard”, que mostrava seu luto de uma forma que poucos entenderiam. Os *locais* do *pico* estavam visivelmente abalados com a perda do amigo que “fundou com muito custo aquele local como ponto de referência para o skate pernambucano”.

Os obstáculos construídos pelos próprios skatistas olindenses (e que foram alugados pela Prefeitura da Cidade do Recife para o evento *Esporte do Manguê* ocorrido no início do mesmo mês) estavam todos pintados de branco, bem como o lugar onde se costuma guardá-los depois da *sessão*; no local, abaixo da cantoneira, estava escrito na parede “Em memória de Oyama Barreto”. Do outro lado, de costas para a mar, colocaram uma faixa com o novo nome da quadra “*Oyama Skate Park*”.

O dia estava muito ensolarado e quente, mas isso não inibiu o *rolê*, principalmente dos mais novos. Apesar da tristeza e poucas palavras enunciadas, o clima de descontração próprio ao cotidiano do skate não desaparecera. Em dado momento, um interlocutor desta pesquisa comentou que estava “afim de tomar uma”; já outro disse que tomaria um suco. Após alguns minutos sentados à sombra de um guarda sol surgiu o assunto “mulher”.

Um jovem skatista local comentou que a sua “mulher” queria comparecer ao evento, mas que de imediato a mandou ficar em casa. Em suas palavras, disse que “sabia como era a galera, que encharcariam nela”.

Obviamente havia mulheres circulando nas imediações e, inclusive, algumas estavam dentro da quadra participando do evento. Uma delas portava um skate e também uma câmera de vídeo, utilizada para registrar a homenagem; outra andava em meio aos rapazes, realizando manobras em todos os obstáculos da quadra com desenvoltura.

Decidimos ir para o calçadão, sentamos no banco ao lado da barraquinha de suco, fizemos nossos pedidos e continuamos a conversar. Comentei sobre a pesquisa que estava realizando, mas aparentemente não me deram ouvidos: observavam, de longe, a movimentação da quadra e, de perto, as curvas das transeuntes que caminhavam no calçadão. Após o término do suco retornamos a quadra, com o sol mais baixo, resolveram começar a andar.

A disposição dos obstáculos, além da grande quantidade de skatistas, visivelmente dificultava as movimentações dos skatistas; alguns skatistas tentavam executar suas manobras

e, às vezes sem muito êxito, terminavam por “atrapalhar” outros que vinham logo na sequência, contando com o acerto. Contudo, apesar de alguns reclamações por causa dos encontrões, o clima fraternal não deixou de ser mantido.

Por volta da 16h30, os obstáculos foram retirados do centro da quadra e a maioria dos skatistas se afastou para as laterais. No centro da quadra ficaram apenas alguns que iniciavam um *Game of S.K.A.T.E.* Apostada uma cerveja, a disputa começou. Impossível precisar quem estava a frente, quando Henrique “Hc”, skatista membro do *Picos&Pistas*, convocou todos os presentes para ficarem em frente ao toldo - montado para abrigar computador, amplificador, frutas e água - onde iria começar a homenagem. Em poucos instantes os presentes se acomodaram para escutar algumas palavras proferidas por amigos mais próximos e familiares. Nesse momento, antes mesmo que se iniciasse as falas, muitos já estavam com os olhos marejados e outros não conseguiam conter suas lágrimas. Subiram no caixote, agora utilizado como palanque, alguns skatistas, amigos e familiares do homenageado.

Logo após a mãe de Oyama discursar, subiu no caixote um Mc que “nos apresentou um lindo e brilhante *rap* [...] para homenagear Oyama. Só quem esteve presente no momento da performance de [Mc] Pica Pau é que pôde sentir o poder da letra e da batida transmitida ao público naquele momento”⁶². Outros também falaram, sempre enfatizando que o querido amigo se fora no corpo, mas que na alma permanecia entre nós.

Para finalizar a homenagem, todos os presentes deram as mãos e rezaram um Pai Nosso de modo a abraçar a quadra. Os “carrinhos” foram sendo jogados ou empurrados para o centro da quadra, nesse momento alguns skatistas escreveram OYAMA com os skates. Após mais um Pai Nosso, foi tirada a foto oficial com todos os presentes no evento.

Contudo, a homenagem só finalizou com os skatistas andando ao som dos *Racionais Mc's*, *Sabotagem*, *Beasty Boys*, entre outros. O *rolê* foi muito instigante e como fora proferido diversas vezes durante o dia, Oyama parecia estar lá, sim, pra fazer os demais skatistas acertarem as manobras.

O momento mais “faca na caveira e skate na veia”, foi quando o skatista Victor Melo, o “Bob”, “varou” da quadra para a calçada ultrapassando um *gap* de cerca de 3 metros com um “ollie” seguro e preciso. Todos foram ao delírio e muitos skatistas saíram correndo para abraça-

62 Disponível em <http://skateolinda.blogspot.com.br/p/projetos-aco.es.html> Acesso: dezembro de 2012.

lo no meio da rua, sob olhares e buzinas de quem tentava passar de carro pelo local naquele momento.

Na volta para casa, peguei uma carona com o skatista Rodrigo “Bob” Sales. Trocamos ideias e contatos, além de tomar conhecimento da monografia que escreveu sobre o estilo de vida do skate em Recife, documento salientado no primeiro capítulo.

4.2 – CIRCUITO RECIFENSE *OVERALL*

Durante o trabalho de campo acompanhei as etapas que fizeram parte deste circuito competitivo no ano de 2012. Encabeçada pela autointitulada *Três Otários Produções* (3OP) e contando com apoio de diversas marcas – *Picos&Pistas*, *Hellskateboard*, *Myllys*, dentre outras -, deu-se início o *Circuito Recife Overall 2012*, cujas etapas são consideradas por seus idealizadores, como “festas feitas por skatistas para skatistas”⁶³.

A primeira etapa do “recém-tradicional”⁶⁴ *C.R.O.S 2012* foi realizada no município de Paulista, e teve como homenageado o skatista falecido cerca de um mês antes. Marcada para acontecer a partir das 10 horas da manhã, contemplaria as categorias Iniciante, Master e Open, cujas inscrições custariam cinco reais para os novatos e dez reais para as demais categorias.

O combinado era ir com alguns skatistas que moram no município de Jaboatão dos Guararapes e o ponto de encontro foi o Marco Zero. Ao chegar, logo avistei aqueles que fui encontrar, estavam próximos aos bancos de mármore situado do lado oposto ao Terminal Marítimo do Recife, próximo às obras do futuro Centro de Artesanato de Pernambuco.

Lá estavam alguns interlocutores desta pesquisa, como os skatistas Sérgio “Tarobinha”; Rafael Fernando, Vadir e Sávio, este proprietário das marca – *URBS* e *ODE*. Um após o outro, os skatistas tentavam manobrar por cima dos trilhos , enquanto Sávio tirava fotos do grupo.

63 Como assinala a resenha do evento, disponível em <http://picosepistas.blogspot.com.br/2012/04/comecou-festa-circuito-recifense.html> . Acesso maio de 2012.

64 Disponível em www.wastedskates.blogspot.com.br/2012/04/e-que-tenha-inicio-o-cros-2012.html, acesso em maio de 2012.

4.2.1 – Paratibe

Somente por volta das 16 horas começaram os preparativos para seguirmos até Paratibe, onde já havia começado o campeonato. Segundo os skatistas presentes, não fazia sentido chegar cedo demais ao evento: primeiro por que teriam que aguardar que as *voltas* dos iniciantes terminasse, quando “o que importa é a categoria open e a premiação”; segundo, por que lá não conseguiriam andar de skate, tanto pelo *crowd* quanto pelo formato da pista, que exigia outras “bases” que - como “streeteiros” - disseram não terem desenvolvidas.

Após sofrer certa pressão, Sávio – o único que estava de carro – foi convencido pelo restante do grupo à dar uma carona até o local do campeonato. Já havia escurecido quando chegamos e, como previsto, o campeonato estava a poucos minutos de terminar. Acompanhei o skatista “Tarobinha” até uma lanchonete que ficava um pouco afastada da *mini-ramp*; cada um de nós comeu um açaí na tigela e, assim, retornamos para o local do evento.

Ao chegarmos, fomos avisados por alguns skatistas que havíamos perdido uma situação no mínimo inusitada. Segundo estes interlocutores indiretos, um skatista não ficou nada satisfeito com sua desclassificação “injusta” para a final da categoria amador, pediu o microfone ao narrador do evento e fez um protesto contra os critérios de julgamento, além de pedir o dinheiro da inscrição de volta. Após esse relato, nos disseram que a competição havia encerrado e que estavam todos aguardando os resultados.

Como adiantado, por se tratar de um lugar distante e ser necessário no mínimo duas conduções para voltar ao Recife, parte dos presentes no evento não ficou muito tempo no local após a entrega da premiação. Assim, skatistas e público simpatizante se dirigiram à parada de ônibus mais próxima para esperar um coletivo que levasse ao Terminal Integrado da PE-15. Entre eles dois interlocutores que subiram no pódio: Emanuel “Surfista”, que foi segundo lugar e Thiago “Kbecinha”, que ficou na quinta colocação.

Já no ônibus, misturados aos demais passageiros, alguns skatistas comentavam sobre os fatos ocorridos durante o campeonato, outros brincavam e soltavam “gracinhas” entre si, e ainda teve aqueles que ofereciam aos demais as premiações conquistadas. Ao chegar no terminal, os destinos de cada um fizeram que o grupo maior se dissipasse em outros menores, mas que ainda teriam de esperar outros ônibus para poder ir para casa.

A etnografia, do modo como fora exposta até o momento, remete à “situações marcadas por aproximações e distanciamentos entre os envolvidos” (MACHADO,2011:31); e termina por denotar uma percepção de que

“os laços de associação entre os homens [no caso, os cidadãos] são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsação que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeira organizações” (SIMMEL,2006:17).

No dia 16 de setembro, foi a vez da segunda etapa do *Circuito Recife Overall 2012*, evento ocorrido na quadra poliesportiva da Escola Estadual Prof^o Jordão Emerenciano, no Bairro do Ibura, Recife; onde, aos domingos, funciona a ESCAPE (Escolinha de Skate Cidadania e Arte de Pernambuco).

De acordo com a organização do evento, o local foi escolhido “para realizar mais uma festa do skate, porque além da boa estrutura, a escolinha realiza um bonito trabalho social junto às crianças do bairro do Ibura.” Além disso, o campeonato serviria como homenagem tanto aos representantes do *Ibura Power* - como são conhecidos os skatistas do bairro -, “que sempre foi nome forte do skate no Recife”; quanto à iniciativa da ESCAPE, “que mantém a chama acesa, ensinando a criançada o verdadeiro estilo de vida skateboard”.⁶⁵

Contudo, no Ibura, a vontade de repassar o “amor pelo carrinho” parece não se limitar às iniciativas da Escolinha. Em certa ocasião, pude acompanhar um grupo de amigos - moradores do bairro - durante e depois de uma “sessão” de skate no Marco Zero. No Recife Antigo, sentados num bar, ao som de *Israel Vibration*, a seguinte constatação foi feita por um dos skatistas presentes:

“somos skatistas, uns andam a pouco tempo, outros há muito tempo. A cada dia que passa a gente vai vendo a nova geração, ensinando a galera, tá ligado? E isso tudo é muito bom. É uma satisfação ver essa geração nova.”⁶⁶

Este interlocutor, remetendo ao aprendizado do amigo que estava sentado ao seu lado continuou seu depoimento:

“O bicho comprou o skate e, até hoje, deve ter uns 4, 5 meses de carrinho. Na minha época, a evolução que ele tem hoje, eu demorava uns 8 meses quase um ano, pra aprender um *ollie*, pra eu pular uma garrafinha, dar um *shovet it*, ou uma manobrinha assim.

65 Disponível em www.picosepistas.blogspot.com.br/2012/09/segunda-etapa-do-circuito-recifense.html , primeiro acesso em 16 de setembro de 2012.

66 Depoimento concedido em 9 de janeiro de 2013

Pô, ele já aprendeu a *vedar*, dar *ollie*, tá dando *fakie shovet it*, tentando *frontside ollie* agora. Tem interesse de dar *flip*, *backside ollie*, tudinho... Por que? Ele se inspira na gente. [...] Aí ele, por tá andando com a gente, conhecendo *pico* novo, vendo pista de skate... Colou com a galera, foi compartilhando e gostou. Só evolução, skate é bom demais.”⁶⁷

4.2.2 - Ibura Power

Como antecipado no *blog* de uma marca local um dia antes, a etapa começaria pontualmente às 13 horas e introduziria um novo formato de competição, intitulado “Melhor de três”, no qual os skatistas teriam que realizar manobras em três obstáculos distintos: uma rampa (*jump*), caixote e trilho. Deste modo, para se sagrar campeão o skatista teria “que levar a expressão *Overall* ao pé da letra e mandar ver nos três obstáculos distribuídos pela quadra.”⁶⁸

Para chegar ao bairro do Ibura seriam necessários duas conduções e, dessa forma, somente por volta das 13h30 minutos chegou o ônibus que me levaria até a frente ao portão da Escola Estadual onde aconteceria o evento. Levava comigo um skate montado com peças antigas, há algum tempo guardadas, mas ainda próprias para o uso.

O trajeto que o coletivo era desconhecido e, sem referencial por quase todo o percurso. Contudo, em dado momento, um rosto “familiar” passou da catraca segurando um skate na mão, e sentou-se no banco ao lado: era o skatista conhecido como Léo “Goiaba”.

Confessei que estava um pouco perdido, mas ele me tranquilizou dizendo saber onde era preciso descer. Em dado momento, Léo disse ter “trincado” seu *shape* alguns dias antes e estava quase certo que durante o campeonato o mesmo quebraria. Depois de um tempo, perguntou se eu iria “correr” o campeonato e pediu para ver o skate que eu levava; respondi que iria ficar só olhando e resaltei que o “carrinho” seria doado para a escolinha que funciona no local. De imediato, este interlocutor propôs um “rolo” nos *shape*, mas eu disse que já estava prometido e, assim, não poderia realizar a troca. Em poucos minutos chegamos ao nosso destino e, após descer do ônibus, nos separamos.

Dentro da quadra ou sentado nas arquibancadas, skatistas de várias gerações confraternizavam. A organização do evento, contou com a ajuda dos responsáveis pela

67 Depoimento concedido em 9 de janeiro de 2013.

68 *Idem*

ESCAPE, os quais “deram uma ótima estrutura para trabalhar no evento - que incluía autorização da quadra, som, obstáculos, água, frutas e mão de obra”.⁶⁹

No que diz respeito ao skate que eu levava, a doação foi intermediada por um skatista “local” do Ibura, o também interlocutor desta pesquisa Kléber “Negão”. Por advento do nascimento do seu filho - naquela tarde - ele não estava presente no local, mas por telefone celular conversou com um dos responsáveis pela escolinha e, assim, concretizamos a doação.

Nas palavras do narrador, e também organizador do evento, aquela etapa poderia ser caracterizada como um “campeonato dos anos 90”. Algo que inevitavelmente, remeteria a um período no qual a existência de equipamentos públicos voltados à prática de skate era pífia; cabendo aos skatistas empreender iniciativas próprias de construção de obstáculos.

Os amadores foram maioria no campeonato, contando com 22 competidores e, desse modo, apesar de os organizadores afirmarem que este seria “o circuito mais boicotado de Pernambuco”, o mesmo conseguiu “unir skatistas de diferentes partes do estado, como São Lourenço, Paulista, Bezerras, Olinda, Camaragibe e Paulista; e até de cidades de outros estados, como foi o caso de Campina Grande e João Pessoa localizadas na Paraíba.”⁷⁰

Dessa forma, segundo a cobertura feita por uma das marcas que apoiaram o evento,

“Quando começou a disputa de melhor de três, os Amadores destruíram os três obstáculos, mandando vários *combos* no trilho e no caixote, e ainda voaram alto na *jump*. [...] A disputa pelo primeiro lugar foi decidida por detalhes, pois, Rafael Fernando andou muito, variou manobra de base com umas de *switch* e conseguiu acertar uma *linha* no três obstáculos diferentes em sequência; mas, o detalhe fez diferença e Thiago Kbecinha mandou nove manobras diferentes nos três obstáculos, errando só uma manobra, aí já sabe né? Kbecinha em primeiro e Rafael em segundo. [...] Após as competições, chegava a hora da entrega da premiação, que, diga-se de passagem, foi bastante recheada, prova que as marcas que patrocinam o *Overall*, acreditam em nosso trabalho. Foi entregue troféu e medalha pra todo mundo, em especial para a diretora da Escola Jordão Emerenciano, D. Maria do Carmo e a todos os integrantes da ESCAPE, pois sem eles essa etapa não seria possível.”⁷¹

Premiações e troféus em mãos, aqueles que subiram ao pódio juntaram-se em uma das arquibancadas para ver o que tinham recebido. Pude acompanhar o momento em que as sacolas eram abertas revelando pares de tênis, camisetas, bermudas, agasalhos, bonés e *shapes*; todos

69 Disponível em <http://picosepistas.blogspot.com.br/2012/09/circuito-recifense-overall-segunda.html> acesso outubro de 2012.

70 Disponível em picosepistas.blogspot.com.br/2012/09/circuito-recifense-overall-segunda.html

acesso outubro de 2012.

71 *Idem*

estes materiais se mostravam passíveis de serem trocados ou vendidos entre os skatistas. Então, por exemplo, de acordo com a numeração ou modelo recebido, tênis foram trocados, guardados para serem utilizados ou vendidos depois.

Segundo o ganhador da Etapa, Thiago “Kbcinha”, aqueles materiais não importavam tanto, pois provavelmente em uma semana já não teria mais nada do que ganhara, mas o troféu e a medalha ficariam para sempre como lembrança daquele dia. Já o skatista que ficou em segundo lugar se juntou aos demais vencedores pouco tempo depois; quando chegou, relatou que acabara de vender parte de sua premiação e, assim, conseguira acertar uma dívida que tinha contraído naquele mesmo dia, por conta da aquisição de um *shape* “gringo”.

Passado alguns minutos, este interlocutor disse que iria embora, oferecendo carona – a quem interessasse - até uma parada com mais opções de ônibus. Aceitei a oferta e, assim, voltei para casa.

4.2.3 – Lagoa do Araçá

No dia 28 de outubro de 2012 aconteceu a última etapa do Circuito Recife Overall, na *mini-ramp* da Lagoa do Araçá, no Bairro da Imbiribeira. Contemplando as categorias Iniciante, Amador Open e Master a etapa estava marcada para as 13h.

Cheguei ao local por volta das 14h e o “palco desse campeonato com jeitão de festa para amigos”⁷² estava rodeado de adeptos e simpatizantes do skate, no centro os skatistas da categoria Iniciante já haviam começado a disputa.

Me coloquei próximo ao toldo armado a beira da lagoa, no local estavam além dos organizadores, as respectivas esposas e/ou namoradas destes; além dos aparatos de som e isopor com copos d'água para todos os inscritos.

Após alguns minutos avistei o professor de geografia Igor Sasha, idealizador da organização sem fins lucrativos SEJA A MUDANÇA, este cidadão foi até o local colher assinaturas para poder pleitear junto à Prefeitura do Recife a efetivação de uma proposta de requalificação das duas alças do viaduto Tancredo Neves a fim de estimular a prática de esportes urbanos no local.

72 Disponível em <http://picosepistas.blogspot.com.br/2012/10/a-ultima-festa-do-circuito-recifense.html> acesso em Novembro de 2012.

Após o término das baterias foi realizado a entrega de premiações e, numa ação simbólica, foi entregue ao skatista profissional Julio Detefon, oriundo do estado de Sergipe, o título de cidadão pernambucano pelos esforços em prol do skate na nordestino.

Já não haviam muitos skatistas no local do campeonato, mas pude acompanhar o skatista Emmanuel “Surfista” - que obtivera a segunda colocação na categoria amador - na volta pra casa. Quando perguntei o que aquela conquista representava o mesmo respondeu:

“Eita, conquista é? Não, fui lá pra dar um rolezinho com os amigos, deu certo, fiquei em segundo, né? Deu pra brincar. Todo mundo andou pouco, andou o que deu. [...] A mini-ramp é curta, ela é estreita, não tem o que fazer muito ali. Se fosse no *banks* do Chié eu achava melhor, campeonato no *banks* é bem louco, imagina o tanto de manobra que ia acertar, um *fiftão* deslizando tudo! Muito mais jogo fazer campeonato ali, mas esse foi bom, foi bom! O julgamento foi bom, a premiação não foi boa. [...] As coisas estão melhorando, tão andando pro lado certo, mas ainda acho que poderia ser melhor. É porque o campeonato é: inscrição, dez reais. Eu ganhei o que? Um tênis que não deu no meu pé; uma bermuda de criança; uma camisa pra fazer a divulgação da marca dos caras. [...] Olha o meu tamanho, deram uma bermuda de criança?! Eu não sou pai ainda não. Entendeu? Tem umas coisas que precisam melhor. Ganhei truck, ganhei shape, tudo bem.”⁷³

Perguntado sobre o que faria com o material, respondeu::

“Ah o *shape* e o *truck* eu já vendi pra um amigo meu. Tá ligado, to desempregado, fazendo dinheiro e pá. Já to devendo a deus e o mundo, minha faculdade é mil conto pra pagar, pra você ter uma ideia. To devendo só na aurora 40 conto, já foi o shape que eu vendi. O bagulho é loko, só de treino. Ir lá pra aurora pra treinar, tem que ter pelo menos 10 reais velho, se gasta isso no mínimo. Faz um lanche depois anda. Aí tá com sede, toma uma água e vai andar de novo; tá cansado, já quer comer de novo. Aí meu filho, já vai dez fácil. E o cara com dinheiro gasta, tá fazendo o que gosta, vai parar por que tá com sede? Tá com sede, bebe água e volta de novo. Deu fome, come e volta de novo pro bagulho! Num tá andando? Eu vejo assim, meu treino é esse, meu dia a dia é esse. Eu mesmo liso vou. Eu faço essas dívidas, aí tem que pagar. Mas é em prol do skate, é em prol do skate...”

4.3 - GO SKATEBOARDING DAY

Do evento realizado no *mini-ramp* de Paratibe, até a segunda etapa que ocorreria no bairro do Ibura, passaram-se cinco meses; no entanto, alguns outros eventos foram organizados nesse intervalo de tempo, entre eles o *Go Skate Day*.

Reforçando a celebração que ocorre há vários anos em escala global, no dia 21 de junho, skatistas e simpatizantes de diversas cidades do mundo saem às ruas para festejar o dia mundial do skate. Na cidade do Recife não tem sido diferente e pelo fato de a data oficial ter coincidido com um dia útil, os organizadores resolveram adiar a passeata comemorativa para as 14 horas do dia 24 de junho, dia de São João. O ponto de partida seria, como nos anos anteriores, em frente a Agência Central dos Correios:

“o motivo da concentração ser nos *Correios* vem do fato de ali, naquela rua, estar cravado uma grande parte da história do skate pernambucano. [Deste modo,] ver a Rua do Sol repleta de skatistas outra vez, torna-se uma bonita homenagem ao *pico* clássico do Recife.”⁷⁴

Diferentemente do que ocorrera na edição anterior, o trajeto não fora divulgado com antecedência, a fim de criar “uma expectativa e ansiedade nos skatistas”. Por volta das 13 horas, atravessava a Avenida Guararapes em direção a Avenida Conde da Boa Vista; era cedo, mas dá janela do ônibus pude avistar os primeiros skatistas que chegaram ao local. Após descer do ônibus, atravessei a ponte de volta e cheguei à calçada dos *Correios*. Durante algum tempo fiquei conversando com skatistas mais novos que já estavam presentes e, assim, soube que os organizadores estavam reunidos no “Beco da Fome”.

Fui, então, ao encontro destes skatistas, que estavam reunidos em uma grande mesa no local - “espremido entre as *Lojas Americanas* e o *Edifício Pirapama*, servindo de ligação com a rua do Hospício e a 7 de setembro” -, conhecido por fazer “parte da história das últimas gerações de jovens que circulam pela Veneza brasileira”.⁷⁵

Alguns almoçavam, outros tomavam cerveja, mas todos estavam bastante animados com a festa que iria começar em poucos minutos. A maioria dos skatistas estavam vestidos com camisetas padronizadas que foram vendidas antecipadamente –vermelhas e brancas para os demais; e em diversas outras cores para os organizadores -, que traziam no peito o emblema internacional *Go Skateboarding Day*, seguido por *Recife-PE 2012*.

Pouco antes das 14 horas todos que estavam no Beco da Fome se direcionaram, para os *Correios*, a paisagem já tinha mudado de maneira contundente. As duas calçadas da ponte estavam repletas de skatistas de todas as idades, obstáculos eram improvisados na tentativa de

74 *Idem*

75 *O Beco que briga várias gerações*, Jornal do Commercio, 14 de agosto de 2000. Disponível em http://www2.uol.com.br/JC/_2000/1408/cc1408f.htm acesso em 30 de agosto de 2012.

construir uma *jump*. Filas de skatistas se formavam para executar manobras na borda que começava no fim da ponte, já na Rua do Sol.

Uma motocicleta fora alugada para acompanhar a passeata e, através de um sistema de som potente, animar os skatistas ao som de *Hip-Hop*, metal e *hardcore*. Mas também servia como propagador de informações, utilizado pelos organizadores que tentavam conduzir a comemoração com certa disciplina e segurança, procurando alertar os mais novos sobre os cuidados necessários para não se machucar durante o trajeto.

Desse modo, acompanhado por batedores da polícia militar, carros da CTTU e um carro de apoio ao evento – que distribuía copos d'água -, centenas de skatistas cruzaram toda a extensão da Avenida Conde da Boa Vista até chegar na Avenida Agamenon Magalhães; concentrando-se novamente nos degraus da escadaria de um banco.

Amontoados em frente a porta de entrada, muitos esperavam o momento de “se jogar” escada abaixo; aos olhos atentos dos demais, Tiago “Kbecinha” acertou um *shove it* após poucas tentativa, para delírio dos demais. Nesse momento, até os policiais filmavam as tentativas e vibravam com os acertos.

Enquanto uns se espremiavam na escadaria, outros utilizavam outro *pico* clássico da cidade - a Praça Otilia. A poucos metros da escadaria, os bancos também estavam proporcionando bastante diversão para os skatistas, sendo que muitos quiseram continuar no local mesmo após a passeata seguir em frente.

Depois de seguir por algumas ruas - onde alguns moradores dos prédios se posicionavam na janela para ver e acenar - o cortejo dos skatistas chegou ao Palácio da Justiça. Nesta última parada antes do destino final, as escadarias foram totalmente tomadas e muitas fotos foram tiradas para eternizar o momento.

Chegando no destino final, os skatistas se espalharam por toda a extensão da Praça do Marco Zero, finalizando a comemoração com muito skate, aproveitando o chão liso e os bancos de mármore da praça para realizar manobras.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

E O MARCO ZERO?

Na compreensão do presente estudo, a apresentação do universo do skate recifense pode remeter aos desdobramentos das políticas de revitalização empreendidas no Recife Antigo, como enfatizado Leite (2002; 2007). Segundo os autores, principalmente entre 1989 e 2001, quando “após amargar várias décadas de quase total abandono, o bairro “ressurge” nos anos de 90 como um dos mais emblemáticos, importantes e impactantes processos de enobrecimento urbano do Brasil” (LEITE, 2007).

O Marco Zero foi um dos espaços do Recife Antigo contemplado com as obras de revitalização, todavia, os autores ponderam que

“... há de se considerar a presença continuada e persistente de contra-usos nos espaços enobrecidos, e suas ressonâncias sobre os processos interativos (estruturadores de identidades mediante a atribuição de sentidos aos lugares) entre os distintos grupos envolvidos nos usos desses espaços” (LEITE&PEIXOTO,2009:102).

Por ser um espaço central, de fácil acesso, amplo, com chão liso e bordas de mármore, o Marco Zero apresenta-se como um dos locais mais procurados pelos skatistas recifenses. Como apresentado durante a dissertação, durante o trabalho de campo tive a oportunidade de presenciar a prática do skate no local, a qual parecia assegurada apesar de sempre ter sido alvo de polêmicas.

Entretanto, em Julho de 2012, o *Jornal do Commercio* traz a seguinte afirmação na sua coluna Voz do Leitor:

“Totalmente abandonado pela prefeitura, o Marco Zero recebe agora novos ocupantes. É o pessoal do skate, que já destruiu boa parte dos bancos e muretas de granito para montar obstáculos e realizar piruetas. Há também a turma do crack fazendo ponto e a rapaziada alegre de sempre. O local está se degradando e espantando turistas e famílias. Como se pretende inaugurar a Central de Artesanato em breve, convém ir-se arrumando e botando ordem no lugar”⁷⁶

Após uma gestão que perdurou doze anos do poder, no início do ano de 2013, a gestão municipal foi alterada de acordo com as eleições ocorridas no ano anterior. Apesar do fato ser recente, pelo menos no campo político-administrativo as políticas de esporte e lazer,

76 Voz do Leitor, *Jornal do Commercio*, 12 de julho de 2012.

aparentemente sofreram mudanças significativas, já que o prefeito recém empossado, Geraldo Julio (PSB), instituiu a Secretaria de Esportes e Copa do Mundo (outrora Secretaria de Educação, Esporte e Lazer). Tal alteração parece remeter às prioridades da nova gestão, enfocando o esporte de rendimento, e detrimento do esporte de participação, o que de acordo com as premissas do presente estudo representaria um retrocesso nas políticas para o segmento. As ações voltadas ao lazer, por sua vez ficaram a cargo da nova Secretaria de Turismo e Lazer.

Em função das constantes reclamações dos turistas e demais frequentadores do Marco Zero, no início do ano de 2013, o poder público impôs uma condição arbitrária que pegou os skatistas – e também patinadores e ciclistas – de surpresa, haja vista que estariam proibidos de utilizar a praça para realizar suas atividades esportivas e/ou de lazer. De acordo com a reportagem:

“A Secretaria de Segurança Urbana do Recife informou que a proibição, na verdade, foi uma orientação dada aos guardas municipais, devido aos grande número de reclamações efetuadas por idosos e turistas, que se sentiam prejudicados pela velocidade dos patinadores. Desde 2006, o decreto 22.155 determina que a realização de eventos na Praça Barão de Rio Branco (Marco Zero) fica condicionada a avaliação especial que garanta a preservação do patrimônio, e só é permitida com a autorização da Empresa de Limpeza e Manutenção Urbana (EMLURB). Em um dos pontos do decreto, é detalhada a proibição de “skate, patins, bicicross, motos e equipamentos afins no piso, bancos, rampas e acessórios da praça e na Rosa dos Ventos”, devido a possibilidade de comprometer o conjunto da obra de arte”⁷⁷

A reportagem trouxe, ainda, uma entrevista com o Secretário de Segurança Urbana, o qual foi perguntado sobre o por quê de o decreto ter sido posto em prática tanto tempo depois de criado, e também a respeito das soluções que seriam viabilizadas. O secretário alegou:

“Estamos recebendo muitas reclamações, principalmente de idosos, em várias secretarias e até no gabinete do prefeito. Mas não queremos proibir por proibir. Existe um decreto que tem que ser cumprido. Estamos marcando reunião com as secretarias de Turismo e de Controle Urbano para discutir o assunto. Temos sensibilidade com eles e não somos contra a prática, mas desde que não prejudique o pedestre. Vamos tentar negociar outro local ou horários no Marco Zero onde não haja tantos turistas. Temos o Parque 13 de maio, mas eles acham distante. Sabíamos que iriam reagir, mas precisamos abrir um diálogo. Os skatistas são alvo do maior número de queixas, pois são os mais velozes. De toda forma, precisamos ter um olhar diferenciado para o segmento, pois a prática desses esportes é saudável...”⁷⁸

77 *Patinadores, skatistas e ciclistas proibidos no Marco Zero*, Diário de Pernambuco 20 de março de 2013.

78 *Patinadores, skatistas e ciclistas proibidos no Marco Zero*, Diário de Pernambuco 20 de março de 2013.

De fato, pouco tempo após a decisão de coibir estas práticas esportivas na praça do Marco Zero, foi formada uma comissão de skatistas e patinadores, para a qual algumas providências foram apresentadas. Em matéria do *Diário de Pernambuco*, segundo o secretário de Turismo e Lazer, “a prefeitura é sensível para as atividades de skate e patins, mas é preciso que existam locais adequados. É papel da Prefeitura encontrar espaços adequados para o lazer”. Contudo, a reportagem afirma que algumas providências foram tomadas e “a princípio foi acertado que serão realizadas reformas em algumas pistas de skate já existentes como as da Rua da Aurora”.⁷⁹

No desenrolar da pesquisa foi possível constatar que a prática do *street skate* não pode ser atrelada a um único local, ou pontos prédefinidos da cidade. Pelo contrário, os skatistas costumam praticar em lugares não definidos previamente. Assim, por meio do *olhar skatista*, a cidade termina por ser ordenada a partir de experiências diversificadas dos praticantes.

Desse modo, com base no trabalho de Machado (2011), as *aproximações* e *distanciamentos* dos habitantes da cidade, reforça que “o *cidadino* não se reduz à figura do transeunte e, portanto, não coincide com a do cidadão”. Pode-se concluir, portanto, que os skatistas podem até se beneficiar das alternativas fornecidas pelo poder público, como são as pistas, mas a prática quase nunca se limita ao espaços “adequados”, haja vista que é nas ruas onde a prática é apreendida como *verdadeira*, onde se vivencia aquilo que é primordial no skate, ou seja, a “diversão” em companhia de outros.

Ao contrário de alguns anos atrás, a prática do skate é hoje alvo de inúmeras ações estatais visando principalmente a construção de locais apropriados para a sua prática, as pistas são um exemplo disto. Entretanto, percebe-se que a tentativa de enquadrar a prática em locais próprios, à maneira de campos ou ginásio, claramente não impedirá que apareçam praticantes em espaços não planejados para o esporte.

Como contraponto ao modelo de (re)urbanização implementado nas últimas décadas visto anteriormente, é possível compreender a prática do skate no espaço urbano recifense como uma experiência que refuta àquela do museu moderno, onde busca-se uma “marcha organizada” em que trajetos, velocidade, gestos, falas, e sons são controlados previamente.

⁷⁹ *Secretários se reúnem com Comissão de skatistas e patinadores do Recife*. Diário de Pernambuco, 27 de março de 2013. disponível em http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2013/03/27/interna_politica,430906/secretarios-se-reunem-com-comissao-de-skatistas-e-patinadores-do-recife.shtml Acesso 22 Julho de 2013.

Sgundo Bordain (2001), os sentidos dos skatistas se produzem tanto historicamente por meio dos constrangimentos impostos pela cidade, como no compromisso com as presentes e futuras oportunidades que a cidade venha a oferecer. Estes sentidos, então, não representam uma necessidade básica, mas uma capacidade historicamente produzida de gostar e reproduzir a cidade. Socialmente, pode significar que não temos uma linguagem própria da vida urbana, pelo contrário rodeamo-nos de uma vacuidade preenchida por sinais. A prática do skate, portanto, termina por oferecer uma (re)criação da cidade pelos que se ocupam diretamente com os seus espaços cotidianos.

Procurou-se demonstrar ao longo do presente estudo o skate atuando com participação na realização do “potencial produtivo” do espaço urbano, no qual os skatistas demonstram reconhecer que a arquitetura não tem significação inato ou fixo, mas são passíveis de reinterpretção, como por exemplo ao transformarem determinados espaços e equipamentos públicos em *picos* skatáveis. Acreditamos, pois, que os skatistas implicitamente realizam a importância das ruas (e também das pistas) como lugar de atuar e de socializar, e não tanto como *flaneurs* em direção à arquitetura ideologicamente frontal ou monumental. Em parte, isto pode refletir o desejo de evitar o conflito social, mas também pode ser entendido como uma tentativa de escrever de novo, resignificando o espaço urbano no qual estão inseridos.

Desse modo, no presente estudo a escrita etnográfica não se limitou a padrões estritamente acadêmicos, mas buscou trazer as falas dos interlocutores como foram concebidas, de modo a evidenciar as experiências cotidianas de forma mais fidedigna possível, mesmo que em algumas passagens do texto possa ter surgido nomenclaturas e expressões tidas como inapropriadas ao fazer científico. Contudo, o intuito foi não “incorrer no risco de adotar categorias e conceitos utilizados pelos informantes, sem problematizar e analisar como, quando, por que e em que circunstâncias históricas essas categorias e esses conceitos emergiram” (FELDMAN-BIANCO, 2010, p.23). Buscou-se, pois, afastar-se de “uma perspectiva que privilegia a análise de representações em detrimento das intersecções existentes entre biografia, história e sociedade”, mas sim “combinar dados provenientes da observação e da indagação, a partir de sequencias de eventos que focalizam *gente, tempo e lugar* (IDEM, pag.24).

Ao trazer as experiências de diversos sujeitos para apreensão das relações e percepções construídas na e para a cidade o presente estudo buscou atrelar relatos dos interlocutores e observações realizadas no trabalho de campo aos processos históricos, políticos e sociais

inerentes às sociedades contemporâneas. Dito isso, a pesquisa aqui apresentada tem o intuito de contribuir para o incremento dos estudos antropológicos realizados nas cidades do nordeste do Brasil, bem como servir de referência na implementação de políticas públicas voltadas às práticas esportivas, além de atribuir um lugar de protagonismo aos praticantes do *street skate* no espaço urbano recifense.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Brunna Carvalho. **Política de esporte e lazer do Recife:** a elaboração de um instrumento de avaliação . Recife, 2010. 139 f. : Dissertação (mestrado) - UFPE, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-graduação em Administração. Recife, 2010.

ARANTES. Antonio A. (org). **O espaço da diferença.** São Paulo: Papirus, 2000

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas:** as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2008.

BASTOS, Billy Graeff. **Estilo de vida e trajetórias sociais de skatistas:** da “vizinhança ao “corre”. Dissertation. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

BORDEN, Iain. **Skateboard, space and the city:** architecture and the body. New York: Berg, 2001.

BRANDÃO, Leonardo. **A cidade e a tribo skatista:** juventude e práticas corporais na história cultural. Dourados/MT: Ed. UFGD, 2011.

BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (Org). **Skate & skatistas:** questões contemporâneas. Londrina: UEL, 2012.

BEAL & WEIDMAN. **Authenticity in the Skateboarding World.** Rinehart & Sydnor(org.). In: To the extreme : alternative sports, inside and out. State University of New York Press, 2003

BITOUN, J. **O Orçamento Participativo Do Recife (BRASIL):** contribuições e limites na perspectiva do planejamento participativo. In Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 2005 Universidade de São Paulo).

CLEMENTE & HOROCHOVSKI . **Democracia deliberativa e orçamento público:** experiências de participação em Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e Curitiba. In: Revista de Sociologia. v.20, nº43:127-157, out.2012. Curitiba.

DIRTY MONEY. Doc. Direção: Alexandre Viana, Ricardo Koraicho. Brasil, 2010, 48 MIN.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron C. **O mundo dos bens:** para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FELDMAN-BIANCO., Bela(Org). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas:** métodos. São Paulo: Editora UNESP, 2010. 524p.

FREIRE-MEDEIROS, B. & CAVALCANTI, M. **Entrevista com Arjun Appadurai.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 23, n. 45, p. 187-198, janeiro-junho de 2010.

FREHSE, Fraya. **Erving Goffman, sociólogo do espaço.** In Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 23 nº68, outubro de 2008.

HANNERZ, Ulf. **Exploring the city:** inquiries toward an Urban Anthropology. New York: Columbia Press, 1980.

HOROCHOVSKI, Rodrigo Rossi & CLEMENTE, Augusto Junior. **Democracia deliberativa e orçamento público:** experiências de participação em Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e Curitiba. In: Revista de Sociologia Política. Curitiba, v.20, n. 43, 2012 .

LASMAR, Cristiane. **Making Gender:** the politics and erotics of culture. In: Mana, vol.3, nº 2, 240-243, Rio de Janeiro: UFRJ, 1997

LEITE, Rogério P. **Contra-usos e espaço público:** notas sobre a construção social dos lugares na Mangueira. **In:** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.17, n.49, 2002.

LEITE, Rogério P. **Contra-usos da cidade:** lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Ed. da UNICAMP; Aracaju: Ed. UFS, 2007.

LEWGOY, B. **A invenção da (ciber)cultura.** In Civitas, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 185-196, maio-ago. 2009

LOUREIRO, J. A.; FIALHO, Vânia. **Política de Lazer e o Espaço Urbano:** a experiência da revitalização do Cais da Aurora em Recife/PE. Motrivivência, v.XVIII, p. 155-167, 2006.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De "carrinho" pela cidade: a prática do street skate em São Paulo. 2011.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **“Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”.** In: Na Metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2000.

ORTNER, Sherry. **Uma atualização da Teoria da Prática e Poder e Projetos:** reflexões sobre agência. In: GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (Org.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas.* Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007.

SANTOS, Rodrigo Cesar Sales dos. **O estilo de vida do skatista recifense.** TCC (graduação em Educação Física) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

SCOCUGLIA, J. **Cultura e urbanidade:** da metrópole de Simmel à cidade fragmentada e desterritorializada. In: Cadernos Metrópole. São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 395-417. jul/dez, 2011.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos.** São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convenio Andres Bello, 2001.

SILVA, Katharine Ninive Pinto; SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da (Org.). **Recreação, esporte e lazer: espaço, tempo e atitude**. Recife: Instituto Tempo Livre, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: Edusp, 2000.

SILVA, T. **Da participação que temos à que queremos: o processo do Orçamento Participativo na cidade do Recife**. In: AVRITZER, Leonardo & NAVARRO, Zander. (orgs.). 2003. *A inovação democrática no Brasil: o orçamento participativo*. São Paulo: Cortez.

SILVANO, Filomena. **Antropologia do espaço: uma introdução**. Oeiras: Celta, 2001.

SIMMEL, Georg. “**A metrópole e a vida Metal**”. In: *O fenômeno Urbano*. 2.Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SUASSUNA, Dulce&AZEVEDO, Aldo (org). **Política e lazer: interfaces e perspectivas**. Brasília: Thesaurus, 2007.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987.

Vida sobre Rodas. Doc. Direção: Daniel Baccaro. Brasil: Goma Filmes, 2010. 101 MIN.

WEBER, Max; COHN, Gabriel. ORTNER, Sherry. **Uma atualização da Teoria da Prática e Poder e Projetos: reflexões sobre agência**. In: GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (Org.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007. São Paulo: Ática, 2000.

WHEATON, Belinda. **Introduction: Mapping the lifestyle sport-scape**. In: *Understanding lifestyle sports - consumption, identity and difference*. London and New York: Routledge, 2004.

GLOSSÁRIO

Acid Drop: Nome de manobra

Andar de skate: Ato correspondente à prática do skate

Backside Ollie: Nome de Manobra

Bagulho: Termo polissêmico, utilizado para identificar um objeto ou uma situação

Banks: Rampa Oval, parecida com uma piscina nos molde californianos

Base: Domínio da técnica de certas manobras

Blunt reverse: Nome de manobra

Borda: Quina de equipamentos (como bancos, calçadas,etc), na qual skatistas deslizam com skate

Bowl: Rampa de skate parecida com cápsula grande e funda

Caixote: Obstáculo feito de madeira, com cantoneiras nas quinas

Carrinho: o mesmo que skate

Canhão: obstáculo de uma pista

Combo: várias manobras feitas em sequência

Correr: Disputar campeonatos

Crowd: Concentração excessiva de skatistas

Crew: Grupos de amigos

Dropar: Descer alguma rampa

Flip: nome de manobra

Frontside Ollie: Nome de manobra

Fun box: obstáculos de uma pista

Game of skate: Jogo praticado pelos streeteiros, a fim de aperfeiçoarem as técnicas de suas manobras de *solo*.

Linha: Sequência de manobras diferentes feitas pelos skatistas.

Local: Skatista que possui determinado espaço como referência para a prática.

Lugares skatáveis: Espaços que propiciam a prática do skate

Manual: Manobras em que se equilibra nas duas rodas dianteiras ou traseiras do skate.

Mazelado: Indisposto

Ollie: Nome de manobra

Overall: Skatista que pratica diversos tipos de modalidade

Pico: Equipamentos urbanos onde se encontram os obstáculos em que skatistas mandam manobras.

Rolê: Dar um “rolê” de skate. Mesmo que andar de skate.

Rolo: Fazer “rolo”, igual a trocar.

Sessão: Andar de skate por um período.

Shape: Pranchas de madeiras do skate

Shove it: Nome de manobra

Skatepark: Local onde se localiza a pista de skate.

Solo: Chão liso propício para mandar manobras

Street Skate: Modalidade do skate, praticada nas ruas da cidades.

Switch: Manobra feita de base trocada. Por exemplo, se um skatista anda com o pé esquerdo atrás, no *switch* ele realiza a manobra com o pé direito atrás.

Trampo: Trabalho

Trilho: corrimão reto, sem nenhum tipo de inclinação.

Vedar: Dar impulso com o skate

Volta: Apresentação do nível técnico do skatista durante uma competição.

APÊNDICE A- CADERNO DE IMAGENS

Imagem I
Skatistas Jonathan e Augusto “Cego”
Local: Marco Zero

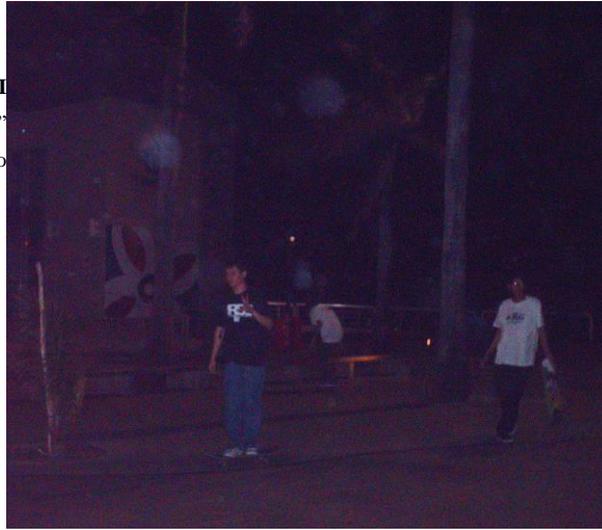


Imagem II
Skatista Thiago “Kbecinha”
Local:Pista de Skate/Rua da Aurora

Imagem III
Skatista Willian “Tizil”
Local: Pista de Skate/Rua da Aurora





Imagem IV
Skateata
Local: Conde da
Boa Vista/ Rua da
Aurora

Imagem V
Circuito Recifeense Overall
Público prestigiando o campeonato
Local: Mini ramp/Lagoa do Araçá



Imagem VI
Obstáculos para prática de skate, bicicleta e patins
Local: Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães (Geraldão)



Imagem VII
Skatista Henrique “HC”
Visita à construção de Pista
Local: Parque Caiara

Imagem VIII
Skatista Lucas “Zero” e Representante da
Prefeitura.
Visita a construção de Pista de Skate
Local: Parque Caiara



Imagem IX
Skatista Fernando Vieira e aluno
Projeto Skate no Coque
Local: Bairro do Coque

ANEXO A- DECRETO Nº 22.155

DECRETO Nº 22.155 DE 04 AGOSTO DE 2006

EMENTA: Restringe a realização de eventos na Praça Barão do Rio Branco (Marco Zero) O PREFEITO DO RECIFE, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 54, inciso IV, da Lei Orgânica do Município do Recife,

D E C R E T A:

Art. 1º A realização de eventos na Praça Barão do Rio Branco (Marco Zero), no Bairro do Recife, fica condicionada a avaliação especial e só será permitida observando-se o teor do Ofício da Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana - EMLURB, contido no Anexo Único deste Decreto, até que sejam estabelecidos, por regulamento, as normas e os procedimentos aplicáveis ao local.

Parágrafo único. O regulamento de que trata o caput será elaborado a partir da conclusão dos estudos produzidos por grupo de trabalho especial criado nesta data por portaria.

Art. 2º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Recife, 2 de agosto de 2006.

JOÃO PAULO LIMA E SILVA
Prefeito do Recife

Em face da conclusão dos serviços de recuperação da Praça Barão do Rio Branco (Marco Zero) e considerando a necessidade de se estabelecer normas e procedimentos a serem seguidos para que os serviços tenham a vida útil esperada, a manutenção seja possível e a proteção da "Rosa dos Ventos" de autoria do artista plástico Cícero Dias, que se constituiu em área de grande importância para fins de visitação turística do Recife esteja garantida, julgamos conveniente a adoção das seguintes medidas disciplinadoras para uso do espaço:

1. A autorização para uso da Praça Barão do Rio Branco (Marco Zero) deverá ser condicionada a exigências previstas na assinatura do Termo de Compromisso que garanta a preservação do patrimônio em tela, cabendo à Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana (EMLURB) a responsabilidade pela definição e fiscalização dos elementos de proteção necessários a cada evento;
2. Os responsáveis na promoção de evento no local deverão apresentar com antecedência de no mínimo 5 (cinco) dias úteis para a realização da montagem da estrutura para o evento pretendido; o memorial descritivo do mesmo, especificando o tipo de estrutura de palanque, palco, equipamentos, localização onde pretende instalar e a atividade sobre o piso da praça;
3. Em qualquer situação de uso o piso deverá ser previamente protegido contra manchas provocadas por pinturas ou resíduos de estruturas ou elementos móveis, inclusive fica proibida a pintura ou aplicação de graxas ou similares nas referidas estruturas sobre o piso da praça;
4. Qualquer que seja a natureza ou objeto do evento não será permitido o acesso de qualquer tipo de veículo (permanente ou temporário), arrastar peças ou equipamentos sobre o piso, mesmo que momentaneamente, haja vista que o mesmo não apresenta características de resistência às cargas e à abrasão, exceto as de movimentação de pessoas;
5. Qualquer que seja a natureza ou objeto do evento não será permitido à instalação de palanque, palco ou estrutura equivalente sem a proteção do piso em toda sua extensão, haja vista que essa tem sido uma das principais causas de danos frequentes no mesmo;
6. A cada evento a EMLURB procederá as vistorias conjuntas com os responsáveis pelo evento, sendo uma vistoria um dia antes e outra, no dia seguinte ao término do mesmo, para registro das condições de conservação em cada momento supracitado; caso sejam encontrados danos causados comprovadamente por descuido ou negligência de um dos responsáveis caberá à EMLURB um orçamento com os custos para serem cobrados perante os mesmos conforme o Termo de Compromisso previamente assinado no sentido de ressarcir a Prefeitura do Recife dos prejuízos causados;
7. Fica proibida a prática de "skate", patins, bicicross, motos e equipamentos afins no piso, bancos, rampas e acessórios da praça, pois danifica os bancos de granito e cria ranhuras no piso e na "Rosa dos Ventos" comprometendo a plasticidade do conjunto da obra de arte;
8. Fica proibida a ancoragem de embarcações nos apoios dos bancos, guarda-corpo do cais para evitar o deslocamento e quebra dos mesmos.
9. O estacionamento de qualquer veículos, inclusive para descarga, deverá ser os já existentes nas laterais da Praça Barão do Rio Branco (Marco Zero).
10. O uso de gerador não será permitido no piso da praça e obedecerá a indicação da EMLURB.
11. A Guarda Municipal fica responsável, juntamente com a EMLURB, de fiscalizar e cumprir os dispositivos expostos neste documento.

Atenciosamente,

AMARO JOÃO DA SILVA
Diretor Presidente

Exmo. Sr.
MARCELO OLÍMPIO DOS SANTOS
MD, Secretário de Planejamento Participativo, Obras e Desenvolvimento Urbano e Ambiental
Prefeitura do Recife
Nesta